Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Miguel Ângelo Bueno Portela
Daniel Arcanjo Bueno Portela

Acessibilidade e o uso da biblioteca por usuários Surdos:

estudo de caso com estudantes Surdos do Curso à Distância de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília

Brasília
2011

Miguel Ângelo Bueno Portela
Daniel Arcanjo Bueno Portela

Acessibilidade e o uso da biblioteca por usuários Surdos:
estudo de caso com estudantes Surdos do Curso à Distância de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora:
Prof.ª Dra. Maria Alice Guimarães Borges.

Brasília
2011

P843a Portela, Miguel Ângelo Bueno.
Acessibilidade e o uso da biblioteca por usuários Surdos : estudo de caso com estudantes Surdos do Curso à Distância de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília / Miguel Ângelo Bueno Portela, Daniel Arcanjo Bueno Portela. – 2011.
154 f. : il. ; 30 cm.

Monografia (graduação)—Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2011.
Inclui bibliografia.
Orientação: Maria Alice Guimarães Borges.

1. Pessoas com deficiência. 2. Acessibilidade na biblioteca. 3. Surdos. 4. Acesso à informação. I. Portela, Daniel Arcanjo Bueno. II. Borges, Maria Alice Guimarães. III. Título.

CDU 027.6-056.263

Titulo: Acessibilidade e uso da biblioteca por usuários surdos: estudo de caso com estudantes surdos do Curso à Distância de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília.

Alunos: Daniel Arcanjo Bueno Portela e Miguel Ângelo Bueno Portela.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 07 de dezembro de 2011.

Maria Alice Guimarães Borges - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

Sofia Galvão Baptista - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Doutora em Ciência da Informação

Mônica Regina Peres - Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

Dedicamos este trabalho a nossos pais, Liége e Gerardo, sem os quais nada disso seria possível, em especial a nossa mãe, que, não tendo realizado o sonho de se formar em curso superior, o fez por meio da formatura de seus quatro filhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por nossas vidas, família e amigos, e pela saúde, que nos manteve perseverantes durante toda a jornada de estudos.

A nossa família, em especial a nossos pais, Liége e Gerardo, por todo apoio, sem eles não teríamos chegado até aqui e conseguido vencer as adversidades da vida universitária. Por toda paciência, incentivo, amor e carinho, que nos deram confiança para alcançar nossos sonhos. A nossa sobrinha, Isabella, por todo o carinho e pelos abraços ao chegarmos em casa, que nos faziam esquecer nossos problemas e preocupações. Amamos vocês!

À professora Maria Alice Guimarães Borges, nossa orientadora, educadora e amiga, por toda ajuda, dedicação e paciência para ensinar, por acreditar em nós e exigir sempre o melhor, guiando-nos a caminho de nos tornarmos profissionais comprometidos com a excelência de seu trabalho.

A nossos amigos do Curso de Biblioteconomia, amigos para a vida toda. Nós vivemos momentos inesquecíveis juntos, momentos de alegria, felicidade e comemoração, e também de medo e insegurança antes de cada prova e apresentação de trabalhos. Obrigado pelo apoio e amizade!

Às professoras Mônica Regina Peres e Sofia Galvão Baptista, por aceitarem participar da banca de avaliação da nossa monografia.

Agradecemos também a todos os professores da Faculdade de Ciência da Informação (FCI), que contribuíram direta ou indiretamente para a nossa formação acadêmica e profissional.

Aos funcionários da FCI, que nos socorreram quando precisamos, em especial ao secretário Reginaldo, salvação dos alunos da Biblioteconomia, principalmente nos períodos turbulentos de matrícula.

Aos colegas da Biblioteca Central da UnB, em especial do setor de Catalogação, por toda ajuda prestada, pelo conhecimento passado e pela paciência em ensinar.

A todos os professores que fizeram parte da nossa educação: professores do Jardim de Infância 312 Norte; professores da Escola Classe 316 Norte; professores da antiga Escola Classe 409 Norte; professores do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN).

Aos nossos professores do Centro Interescolar de Línguas 02 (CIL 02), pelas aulas de inglês divertidas e alegres, pela amizade e companheirismo com nossa turma. Pelo conhecimento passado, foi essencial ao nosso desenvolvimento acadêmico e com certeza continuará sendo importante em nossa vida profissional.

Por fim, um agradecimento especial a Gláucio de Castro Júnior, Patrícia Tuxi, Heloisa Salles, Dannia Oliveira e Alliny Andrade, por toda ajuda prestada e pela disposição em nos receber sempre que precisamos de vocês, e a todos os alunos Surdos do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras, que gentilmente se dispuseram a participar das entrevistas; sem vocês nossa pesquisa não seria possível.

“Para aprender a falar, um surdo precisa de horas diárias de trabalho árduo, enquanto o conhecimento dos sinais ocorre de forma espontânea, quase imediata. Os surdos pré-linguais, ou seja, que nunca ouviram ou perderam a audição muito cedo, não invejam os ouvintes e não se consideram deficientes”.

“Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional...”

(Emmanuelle Laborit, “O vôo da gaivota”)

RESUMO

Aborda e investiga a questão da acessibilidade para Surdos e deficientes auditivos na biblioteca, com o objetivo de sugerir melhorias no acesso à informação para esse público e propiciar maior visibilidade as suas necessidades. A revisão de literatura traz as características da sociedade atual, a Sociedade da Informação e do Conhecimento, e o papel democratizador da biblioteca nesse contexto, de modo a ressaltar a importância de se pensar o acesso a todos os tipos de usuários. Conceitua termos relacionados ao tema, como "pessoas com deficiência" e "pessoas com necessidades especiais", por exemplo. Trata sobre a surdez e de temas relacionados, importantes para se entender o público pesquisado, discorrendo sobre a identidade e cultura Surdas, identificando o Surdo, o deficiente auditivo e suas principais dificuldades no acesso à informação. Discute-se, também, o conceito de acessibilidade e a necessidade de se compreendê-lo sob uma concepção mais ampla e inclusiva. Em seguida, apresenta as medidas de acessibilidade sugeridas pela literatura à biblioteca para adequação ao público surdo. As principais adequações apontadas foram: ambiente bem iluminado e sinalizado; acervo com mais recursos gráficos e materiais legendados textualmente e em Libras; funcionários capacitados em lidar com Surdos e deficientes auditivos, consciente dos aspectos da cultura Surda. Por outro lado, chama atenção para a questão da impraticabilidade em relação a adequações para acessibilidade, apresentando as restrições que podem dificultar ou impossibilitar adaptações. Apresenta um estudo de caso realizado com alunos Surdos do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras, pólo da Universidade de Brasília, compreendendo uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, utilizando-se a entrevista estruturada como instrumento de coleta de dados. A pesquisa exploratória tem como objetivo verificar se usuários Surdos de biblioteca têm dificuldades no uso da biblioteca e, caso possuam, identificar quais são elas, a fim de constatar se as dificuldades dos Surdos apontadas na literatura são identificadas no grupo pesquisado. Também busca verificar se tais dificuldades influenciam na freqüência com que esses usuários utilizam a biblioteca, a fim de saber se existe demanda do grupo pesquisado por medidas de acessibilidade e, em caso afirmativo, quais são elas. A amostra desta pesquisa compõe-se de 19 indivíduos Surdos, sendo 17 do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras pólo da Universidade de Brasília e dois indivíduos graduados no referido curso, sendo eles também Surdos. Conclui-se que o papel da biblioteca perante os usuários surdos é esforçar-se para a inclusão dos mesmos, a fim de se implantar as adequações necessárias, levando-se em conta a possibilidade de adaptação e as demandas desse usuário.

Palavras-chave: Acesso à informação. Acessibilidade em bibliotecas. Surdos. Identidade Surda. Cultura Surda. Deficientes auditivos. Pessoas com deficiência.

ABSTRACT

It approaches and investigates the accessibility in libraries for deaf people, in order to suggest improvements in access to information for those users and provide greater visibility for their needs. The literature review brings the features of contemporary society, the Information and Knowledge Society, and discusses the democratizing role of the library in this context in order to emphasize the importance of considering access to all type of users. It presents concepts of terms related to the theme, such as "people with disabilities" and "people with special needs", for example. It explains about deafness and related issues that are important to understand the people surveyed, explaining about Deaf Culture and Identity. It also discusses the concept of accessibility and the need to understand it in a broader and more inclusive perspective. Then it identifies the Deaf, the hearing impaired and their main difficulties in accessing information. Then, it presents the accessibility measures suggested by the literature to adapt the library to people with hearing loss. The main adjustments identified were: well-lit and signposted environment; library with more graphics and subtitled materials, both closed captioned and in Libras (Brazilian Signal Language); staff trained in dealing with Deaf and hearing impaired, conscious aspects of Deaf culture. On the other hand, it calls attention for the question of impracticability in relation to adaptations for accessibility, with the restrictions that can hamper or prevent changes. It presents a case study conducted with Deaf students of Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade de Brasília. The case study is a qualitative and exploratory research, so data was collected by using a structured interview. This research aims to determine if Deaf people have any problem in using the library and, if they have, identify them, in order to determine whether the difficulties of the Deaf mentioned in the literature are identified in the studied group. It also intends analyzing whether these difficulties influence the frequency with which these users use the library in order to know if there is measures demand of accessibility for the group studied and, if so, what they are. The sample is composed of 19 deaf individuals, 17 from Curso de Licenciatura em Letras-Libras distance of the University of Brasilia and two individuals graduated in the same course. It is concluded that the role of the library in relation to these users is to strive their best to their inclusion, in order to implement the necessary adjustments, taking into account the possibility of adaptation and the demand for this user.

Keywords: Information access. Accessibility in libraries. Deaf. Deaf identity. Deaf culture. Hearing Impaired. People with disabilities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo internacional de pessoas com surdez 50

Figura 2 – Interface de "Iracema", de José da Alencar (Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português em CD-ROM) 53

Figura 3 – Torpedo Rybená: exemplo de aplicação do *software* Rybená 95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Forma de comunicação por entrevistados 71

Quadro 2 – Principais fontes de pesquisa dos entrevistados 76

Quadro 3 – Dificuldades no uso da biblioteca apontadas pelos entrevistados 83

Quadro 4 – Problemas de comunicação 86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idade e gênero dos entrevistados 70

Tabela 2 – Forma de comunicação dos entrevistados 71

Tabela 3 – Bibliotecas utilizadas pelos alunos Surdos de Licenciatura em Letras-Libras 74

Tabela 4 – Fontes de pesquisa 76

Tabela 5 – Fontes de pesquisa por número de indivíduos 77

Tabela 6 – Compreensão da língua portuguesa escrita pelos entrevistados 78

Tabela 7 – Influência da dificuldade de compreensão da língua portuguesa escrita no uso da biblioteca pelos entrevistados 80

Tabela 8 – Dificuldade no uso da biblioteca 83

Tabela 9 – Dificuldades no uso da biblioteca apontadas pelos entrevistados 83

Tabela 10 – Experiência de problemas de comunicação com funcionário de biblioteca 85

Tabela 11 – Sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca 88

LISTA DE SIGLAS

AAMR	Associação Americana de Retardo Mental
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
CD-ROM	Compact Disc Read-Only Memory
CIEE	Centro Integrado de Ensino Especial
DSI	Disseminação Seletiva da Informação
DVD	Digital Video Disc
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IL	Instituto de Letras (UnB)
LET	Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (UnB)
Libras	Língua de Sinais Brasileira
LIP	Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas (UnB)
LPRL	Curso de Letras Português e Respectivas Literaturas (UnB)
NBR	Norma Brasileira
OMS	Organização Mundial da Saúde
PBSL	Curso de Português do Brasil como Segunda Língua (UnB)
PNE	Pessoas com necessidades especiais
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
TEL	Departamento de Teoria Literária e Literatura (UnB)
TICs	Tecnologias de informação e comunicação
UnB	Universidade de Brasília
VHS	Video Home System

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA 15

2 OBJETIVOS 17

2.1 Objetivo geral 17

2.2 Objetivos específicos 17

3 REVISÃO DE LITERATURA 18

3.1 A Sociedade da Informação e do Conhecimento 18

3.2 O papel da biblioteca na Sociedade da Informação e do Conhecimento 20

3.3 Pessoas com deficiência e Pessoas com necessidades especiais: conceituação 22

3.3.1 TIPOS DE DEFICIÊNCIA 23

3.4 A surdez 26

3.4.1 IDENTIDADE SURDA 28

3.4.2 CULTURA SURDA 36

3.5 Acesso à informação de Surdos na biblioteca 38

3.6 Acessibilidade 39

3.6.1 ASPECTOS CONSIDERADOS NA ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA 43

3.7 Acessibilidade na biblioteca para usuários Surdos e deficientes auditivos 47

3.7.1 ATENDIMENTO E COMUNICAÇÃO 47

3.7.2 INSTALAÇÕES FÍSICAS E AMBIENTE 50

3.7.3 ADAPTAÇÃO DO ACERVO 51

3.7.4 USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NA CONSTRUÇÃO DA ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA 54

3.8 Impraticabilidade 56

3.9 Uso da biblioteca por Surdos 57

4 METODOLOGIA 59

5 ESTUDO DE CASO: O ACESSO À INFORMAÇÃO PELOS ESTUDANTES SURDOS DA UNB 61

5.1 Universidade de Brasília 61

5.2 Instituto de Letras da Universidade de Brasília 63

5.2.1 DEPARTAMENTO DE LÍNGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS (LIP) 64

5.3 Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras 65

5.4 Biblioteca Central da Universidade de Brasília 66

5.5 Pesquisa exploratória 67

5.5.1 UNIVERSO 69
5.5.2 AMOSTRA 69
5.5.3 COLETA DOS DADOS 69
5.5.4 PROCESSAMENTO DOS DADOS 70
5.5.5 ANÁLISE DOS DADOS 70
5.6 Sugestões para melhoria do atendimento ao Surdo na biblioteca 92
6 CONCLUSÃO 97
REFERÊNCIAS 102
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS 112
ANEXO A – ENTREVISTAS COM OS ALUNOS SURDOS DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS, PÓLO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA 113
ANEXO B – ENTREVISTA COM ANA REGINA CAMPELLO 153

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A questão social da acessibilidade vem sendo reconhecida em sua importância e chama, cada vez mais, atenção não somente das autoridades governamentais, que criam diversas leis, decretos e resoluções a respeito, mas também da população como um todo, que se mostra, no geral, mais interessada em construir uma sociedade mais igualitária.

No contexto atual da Sociedade da Informação e do Conhecimento, a informação é um bem de valor e, mais do que isso, constitui-se fator essencial para a inclusão social de qualquer indivíduo, pois é um elemento que iguala os indivíduos: a informação fomenta a formação de cidadãos críticos e, a princípio, igualmente capazes para atuar na sociedade, seja na reivindicação de direitos, seja como profissional no mercado de trabalho.

Nesse cenário, a biblioteca tem um papel essencial, haja vista que sua função principal é democratizar o acesso à informação e, nesse sentido, a acessibilidade deve ser uma preocupação de tal instituição, pois é um elemento que garantirá que *todo* o seu público alvo utilize e acesse seu espaço físico, serviços e a informação disponibilizada em seu acervo tradicional ou digital. Para tanto, é necessário que se tenha consciência das necessidades especiais de alguns usuários.

Em se tratando de pessoas com necessidades especiais e, mais especificamente, daquelas com deficiência, percebe-se uma preocupação evidente em prover acessibilidade na biblioteca para pessoas com deficiência visual, através da oferta de acervos especiais em Braille, áudio-livros, documentos em formato eletrônico que possibilitem leitura de tela por *software* específico, etc.; e para pessoas com deficiência física, principalmente àquelas em cadeira de rodas, através da estruturação do espaço físico da biblioteca.

Entretanto, nota-se que o Surdo e suas necessidades de acessibilidade têm pouca visibilidade na biblioteca, devido a certas concepções equivocadas a respeito desse público, concepções que simplificam o problema de seu acesso à informação. Exemplo disso é a idéia comum de que, pelo fato do Surdo enxergar, ele não tem problemas em se comunicar na biblioteca, pois tem a possibilidade de se comunicar por escrita, o que não é verdade. Essa idéia de que se tem da pouca ou nenhuma dificuldade do Surdo no acesso à informação na biblioteca não possibilita boa visibilidade das suas necessidades.

Assim como o exemplo citado, outros fatores influenciam na acessibilidade no atendimento ao Surdo em uma biblioteca, como a falta de acervo adequado para esse público; a questão da impraticabilidade, condição que não possibilita adaptações e melhorias, por

fatores como recursos financeiros e humanos ou mesmo condições de espaço físico; falta de conhecimento sobre o público Surdo, entre outros.

Portanto, considera-se necessário estudar e conhecer as necessidades dos usuários Surdos na biblioteca, de forma que, enquanto instituição social e democratizadora do acesso à informação, ela possa atender de fato a todos os usuários.

Para a elaboração da revisão de literatura e do estudo de caso foram pesquisados documentos de diferentes tipos, quais sejam:

- Artigos de periódicos: 22;
- Documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico: 22, compreendendo *sites*, dicionário *online* e apresentação de *slides*;
- Documentos monográficos: 19, entre livros, dissertações, teses, monografias, folhetos, folders, entre outros;
- Trabalhos apresentados em eventos: 10;
- Legislação: 8, englobando Decretos, Leis, resoluções, entre outros documentos.

O texto está organizado de forma que os assuntos tratados em cada tópico tornam-se gradativamente mais específicos. Além desta Introdução, a monografia compreende os seguintes tópicos: 1) objetivo geral e objetivos específicos da pesquisa; 2) revisão de literatura, abordando, dentre outras, questões acerca da surdez, da identidade e cultura Surdas, e principalmente as medidas de acessibilidade na biblioteca para pessoas com perda auditiva; 3) metodologia da pesquisa; 4) estudo de caso, seção na qual se apresentam as instituições envolvidas com a pesquisa exploratória, universo e amostra da pesquisa, instrumento de coleta de dados e análise dos resultados; 6) sugestões para melhorar o acesso à informação para o Surdo na biblioteca, e, 7) conclusão da monografia.

2 OBJETIVOS

O objetivo geral e os específicos são descritos nas subseções a seguir.

2.1 Objetivo geral

Investigar as dificuldades de usuários de bibliotecas com surdez no uso da biblioteca e no acesso à informação, de forma a sugerir melhorias no acesso à informação para o Surdo na biblioteca.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são:

- Conhecer as medidas cabíveis à biblioteca para prover melhor acesso à informação para usuários Surdos e deficientes auditivos através do levantamento de pesquisas já realizadas nessa área;
- Conhecer as necessidades de acessibilidade dos Surdos na biblioteca através de pesquisa documental sobre o assunto e através de entrevistas realizada com alunos Surdos do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade de Brasília;
- Dar mais visibilidade aos usuários Surdos e suas necessidades no ambiente da biblioteca;
- Verificar, por meio de pesquisa exploratória, se usuários Surdos têm dificuldades no uso da biblioteca e, caso possuam, identificar quais são elas, a fim de constatar se as dificuldades dos Surdos apontadas na literatura são identificadas no grupo pesquisado;
- Verificar se tais dificuldades influenciam na freqüência com que esses usuários utilizam a biblioteca, a fim de saber se existe demanda do grupo pesquisado por medidas de acessibilidade e, em caso afirmativo, quais são elas;
- Identificar as principais fontes de pesquisa utilizas pelos alunos Surdos do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras que não a biblioteca, especialmente em relação aos alunos que não utilizam nenhuma biblioteca ou a utilizam muito pouco.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A biblioteca enquanto instituição social incumbe-se da missão de prover acesso à informação à comunidade a qual serve e, nesse sentido, a acessibilidade deve ser uma preocupação desta, pois é um elemento que garantirá que *todo* o seu público alvo utilize e acesse seu espaço físico, serviços e a informação disponibilizada em seu acervo tradicional ou digital.

A revisão de literatura apresentada a seguir trata da acessibilidade em bibliotecas especificamente para Surdos e deficientes auditivos[1], haja vista que as demandas de acessibilidade desse grupo têm pouca visibilidade. Tem como objetivo levantar na literatura recomendações de acessibilidade para pessoas com perda auditiva na biblioteca, de forma a dar mais visibilidade às necessidades desses usuários nesse ambiente. Buscou-se também observar o quão convergente é a literatura na área ao sugerir tais adequações de acessibilidade e em que medida elas reconhecem e respeitam a diversidade do grupo constituído por Surdos e pessoas com deficiência auditiva. Além disso, pretende-se que o resultado final dessa revisão constitua um subsídio aos bibliotecários que desejam iniciar-se no estudo de tal assunto.

3.1 A Sociedade da Informação e do Conhecimento

A Sociedade da Informação e do Conhecimento também recebe a terminologia pós-industrial, o que subentende que o contexto social atual representa a transição de um paradigma para outro. Para se entender o novo paradigma, é importante relacioná-lo e destacar suas diferenças em relação à era anterior, no caso, a industrial. Segundo Carvalho e Kaniski (2000, p. 34), citando Santos (1990) e Zuffo (1997),

> […] a sociedade industrial trouxe no seu bojo elementos […] [voltados] para a produção de bens materiais [enquanto] a sociedade pós-industrial consolida-se […] no investimento em tecnologia de ponta […], na informação, isto é, na geração e na transmissão de informação.

Em outras palavras, o modelo de sociedade não é mais aquele baseado no "consumismo de bens duráveis ou pelo consumo em massa, centrado na motorização" (MASUDA, [198-?], p. 19); agora a estrutura industrial está baseada na informação, conforme

[1] A diferença entre os termos "surdo" e "Surdo" e entre Surdo e deficiente aditivo é explicada nas subseções 3.4 e 3.4.1.

apontado por Masuda já no início da década de 1980 (MASUDA, [198-?]). Esse ponto está mais ligado ao impacto econômico da Sociedade da Informação, mas podemos extrair daí o ponto fundamental desse tema: a informação passa a desempenhar papel fundamental na sociedade.

Sendo a informação elemento de grande valor nessa nova sociedade, era de se esperar que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) também desempenhassem papel fundamental nessa nova sociedade, tendo como símbolo e representante mais importante o desenvolvimento da informática, especificamente do computador e da Internet. Já no ano de 2000 percebia-se o rápido desenvolvimento da Internet e seu impacto global, ressaltando a sua capacidade de aumentar a conectividade entre países antes à parte das redes mundiais (TAKAHASHI, 2000), o que, obviamente, aumentou os efeitos da globalização.

Carvalho e Kaniski (2000) apontam como um dos pontos de diferenciação entre as duas eras o fator tecnológico. Apesar de esse não ser o foco essencial da Sociedade da Informação e do Conhecimento, ou seja, a tecnologia não se sobrepõe à própria informação, "os avanços da telemática trouxeram e ainda tratarão profundas alterações para a pesquisa e para a transmissão de conhecimentos, tornando-se a principal força de produção da sociedade" (CARVALHO; KANISKI, 2000, p. 34). As tecnologias de informação têm grande influência, sim, no modo como passa a ser organizado o conhecimento, assim como em relação a sua divulgação e seu acesso. No entanto, a Sociedade da Informação e do Conhecimento não se resume ao uso intensivo da informática, das tecnologias de informação e comunicação, mas abarca, também, "[…] mudanças que envolvem *não apenas a dimensão tecnológica e econômica, como também aspectos socioculturais, políticos e institucionais das sociedades*" (ARAÚJO; ROCHA, 2009, p. 10, grifo nosso).

Algo que muda em relação ao período anterior (industrial) é que agora o desenvolvimento de uma nação não é mais avaliado com base na produção material, mas sim na "fabricação" de conhecimento, que "[se torna] a principal força de produção da sociedade" (CARVALHO; KANISKI, 2000, p. 34). A informação é, a partir de então, um produto que, se bem administrado e valorizado contribui para a evolução econômica e social de um país. Dentro dessa premissa, ela também adquire usos variados. Por exemplo,

> no âmbito do mercado, o acesso à informação visa à geração de vantagem competitiva sobre a concorrência, descoberta de novos nichos de consumidores [e] pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e serviços. [Já para o] Estado […] o acesso à informação tem por finalidade a manutenção de sua soberania [e] para a sociedade civil […] tem como propósito desenvolver o potencial criativo e intelectual dos indivíduos [e, assim] permitir o exercício da cidadania (FERREIRA, 2003, p. 36-37).

Takahashi (2000) relata que a Sociedade da Informação e do Conhecimento lida com um novo paradigma técnico-econômico, do qual ressalta a existência:

- Da dimensão político-econômica dessa nova sociedade, onde a *infraestrutura de informações é critério* para que uma região seja considerada "mais ou menos atraente em relação aos negócios e empreendimentos" (TAKAHASHI, 2000, p. 5);
- Da dimensão social, devido ao grande potencial de promover integração, diminuir a distância entre as pessoas e melhorar/aumentar o nível de informação.

Percebe-se como a informação permeia diversos campos da sociedade, como a economia, a política e passando ainda na vida civil. E aí está boa parte da essência da Sociedade da Informação e do Conhecimento, que é uma sociedade onde a informação é tida como essencial e a importância que é dada a ela influencia direta ou indiretamente no seu desenvolvimento. De fato "a informação sempre foi o insumo básico do desenvolvimento" (BORGES, 2000, p. 31), mas é na Sociedade da Informação e do Conhecimento que ela adquire maior importância e passa a constituir-se fator econômico, sendo que "a informação passa a ser considerada como recurso estratégico […] e como elemento de competição política e econômica entre os países, estando-lhe atrelada a utilização da telemática", conforme afirmam Carvalho e Kaniski (2000, p. 35), citando Araújo (1995), Borges (1995), Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (1998) e Malin (1994).

O conhecimento e a informação são considerados tão importantes, que se considera a existência de um setor quaternário na economia, "que engloba em sua estrutura a produção, o processamento e a distribuição de mercadorias e serviços de informação". (PORAT, 1976 apud CARVALHO; KANISKI, 2000, p. 35). E, nessa sociedade onde a informação adquire importância a cada dia, seja por razões econômicas, estratégicas, acadêmicas, entre outras, o papel da biblioteca certamente não é mais o mesmo em relação ao seu papel na sociedade industrial: se antes sua função principal era o armazenamento de documentos, hoje sua missão é possibilitar o acesso à informação, não se restringindo ao documento físico, assumindo uma posição mais ativa em relação a de simples depositária de livros.

3.2 O papel da biblioteca na Sociedade da Informação e do Conhecimento

No contexto atual da era digital, onde a informação em meio digital (principalmente na Internet) ganha cada vez mais volume, é comum que a maioria das pessoas busque informação primeiro na *Web*. Em se tratando de informação científica, esse hábito pode ser

considerado um tanto limitado e “perigoso”. Limitado no sentido de que, ao se imaginar que toda informação está na *Web*, acaba-se por excluir outras fontes de informação, como, por exemplo, a biblioteca. Perigoso pelo fato de que a Internet por vezes propicia a divulgação de informação duvidosa sem que se tenha um sistema que certifique a qualidade do que está sendo divulgado.

Em função desse novo pensamento que surge na era digital, surgem também previsões do fim da biblioteca. A biblioteca ainda é importante por ser a instituição que mantém o ideal de fornecer acesso à informação a todos e gratuitamente. A Internet segue quase o mesmo ideal, porém a diferença está no fator qualidade, sendo que na biblioteca esse fator está inserido no ideal democratizador posto anteriormente; já na Internet esse elemento não é intrínseco à informação recuperada, onde por vezes a maior qualidade é possível apenas através de serviços pagos. Will Sherman (2011) dá o exemplo do Google News Archive, serviço pago e com preço de uso que não é acessível para todos. A questão da qualidade pode ser exemplificada pela tese de Lopes (2007), a qual avaliou a qualidade da informação médica na *Web*, encontrando resultados que evidenciam a falta de um controle de qualidade dessa informação no meio *online*. Apesar de as bibliotecas possuírem serviços pagos, a preocupação com a qualidade está presente tanto nos serviços pagos quanto nos serviços gratuitos.

O debate sobre a sobrevivência das bibliotecas torna-se cada vez mais visível no período atual da era digital, onde muitos prevêem o fim desta instituição. Sherman (2011) apresenta várias razões, trinta e três especificamente, que evidenciam a necessidade da biblioteca e do bibliotecário mesmo com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das tecnologias da informática. Razões como a questão do Direito Autoral, que é bem tratado nas bibliotecas, mas na Internet são enfrentados vários problemas (como a facilidade na transmissão da informação e a falta de mecanismos de controle de compartilhamento indevido de informação); o fato de nem todos terem acesso à Internet; a questão da qualidade (como já mencionado aqui), fator característico/intrínseco ao trabalho das bibliotecas e dos bibliotecários; sem contar que a maioria dos materiais existentes nas bibliotecas não está na Internet. Há ainda a questão da instabilidade da informação divulgada no meio *online*, sendo que muitos *sites* mudam de nome ou de domínio ou deixam de existir (SHERMAN, 2011).

Sendo assim, a biblioteca desempenha importante papel na Sociedade da Informação e do Conhecimento, tendo como principal característica o papel de democratizadora do acesso à informação, tendo até mesmo papel importante em questões como inclusão digital, como é o caso dos Telecentros existentes em muitas bibliotecas públicas. Como dito anteriormente, na

era digital a sobrevivência da biblioteca foi questionada, colocando a era digital como fator de extinção das bibliotecas, porém o que se percebe não é uma substituição, mas sim uma adaptação da biblioteca nessa nova sociedade.

3.3 Pessoas com deficiência e Pessoas com necessidades especiais: conceituação

Faz-se necessário, ao se tratar de um assunto, conceituar termos familiares ao tema em questão. Em se tratando deste texto, que aborda a acessibilidade no acesso à informação em relação a pessoas que apresentam algum tipo de deficiência orgânica, no caso a sensorial auditiva, há certa dúvida quanto aos termos utilizados para se referir às pessoas com deficiência. Normalmente se utilizam dois termos: *pessoas com necessidades especiais (PNE)* e *pessoas com deficiência*[2]. De acordo com Passerino (2003 apud PASSERINO; MONTARDO, 2007, p. 9), o primeiro termo é mais amplo que o segundo, visto que

> São PNE todas as pessoas que em maior ou menor medida precisam de algum apoio ou suporte externo para se desenvolver e serem autônomas. Consideramos que necessidades especiais engloba um conjunto de aspectos que ultrapassam em muito, o antigo conceito de "deficiente". Por esse motivo, podemos considerar dentro do espectro de necessidades especiais grupos sociais como terceira idade, desempregados, pessoas carentes, além das pessoas com deficiências motoras, cognitivas e/ou sociais.

Outros autores também evidenciam a diferença entre os termos *pessoas com deficiência* e *pessoas com necessidades especiais*, ressaltando novamente que o segundo termo é mais amplo, abarcando também a deficiência, mas indo além dela, incumbindo-se de outras questões, como *necessidades especiais* de educação (CAMPOS; SILVEIRA; SANTAROSA, 1999).

Vale ressaltar que, neste texto, será utilizado o termo *pessoas com deficiência* pelo fato de esta revisão tratar especificamente de pessoas que apresentam limitações/deficiências orgânicas, não fazendo parte do estudo outros grupos abrangidos pelo termo *pessoas com necessidades especiais* (PNE). Opta-se pela escolha do termo *pessoas com deficiência* justamente para restringir o grupo focado neste texto. Os termos *pessoas portadoras de deficiência* ou *portadores de deficiência* serão usados somente em citações, caso o autor os tenha utilizado.

---

[2] Conforme Sassaki ([2002], p. 7, grifo do autor), o termo *pessoa portadora de deficiência* teve bastante uso entre 1986 e 1996, mas hoje está em desuso. Segundo o autor, "pessoas com deficiência vêm ponderando que elas não portam deficiência; que a deficiência que elas têm não é como coisas que às vezes portamos e às vezes não portamos (por exemplo, um documento de identidade, um guarda-chuva). O termo preferido passou a ser *pessoa com deficiência*".

3.3.1 TIPOS DE DEFICIÊNCIA

A deficiência visual não designa somente a cegueira, que é a perda total da visão, mas envolve diferentes graus de perda visual, abrangendo o "[…] espectro que vai da cegueira até a visão subnormal[3]" (GIL, 2000, p. 6). Segundo uma definição mais completa de deficiência visual:

> A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. Pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida) em decorrência de causas orgânicas ou acidentais (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007, p. 15).

Vale destacar que a deficiência visual não abrange patologias da visão "[…] como miopia, estrabismo, astigmatismo, ambliopia, hipermetropia" (GIL, 2000, p. 6).

Não é difícil perceber as conseqüências da falta da visão para um indivíduo na sua vida, pois a visão é a principal forma de captação dos estímulos do ambiente (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007). Dessa forma, a deficiência visual significa a perda da possibilidade[4] de captação de uma quantidade enorme de informações necessárias até para atividades básicas como, por exemplo, deslocar-se de casa ao trabalho ou localizar-se rapidamente em um espaço qualquer. E também não é difícil perceber as principais dificuldades de deficientes visuais na biblioteca e, de um modo geral, percebe-se nos textos sobre acessibilidade que a deficiência visual tem grande visibilidade. Isso é compreensível, pois, afinal, a visão é a principal forma de aquisição de informação, pelo menos no mundo atual, onde a informação é disseminada predominantemente pela escrita e/ou por imagens. A expressão e comunicação visuais têm sido predominantes na vida de um modo geral, abrangendo desde a expressão artística até "os conteúdos escolares, [que] privilegiam a visualização em todas as áreas de conhecimento, de um universo permeado de símbolos gráficos, imagens, letras e números" (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007, p. 13).

---

[3] Segundo Sassaki ([2002]), p. 8), "é preferível [utilizar o termo] baixa visão a visão subnormal. A rigor, diferencia-se entre deficiência visual parcial (baixa visão) e cegueira (quando a deficiência visual é total)".

[4] Destaca-se que há perda significativa da possibilidade de captar informações não porque a pessoa com deficiência visual seja incapaz de fazê-lo, mas porque, conforme afirmado, a visão é responsável por grande parte da percepção de estímulos do ambiente, o que inevitavelmente dificulta (mas não impossibilita) a vida da pessoa com deficiência visual em diversos aspectos, como localização, locomoção, educação, entre outros. Além disso, a possibilidade de captação desses estímulos pode ser reduzida por falta de acessibilidade.

A deficiência física consiste na "alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física" (BRASIL, 2004, p. 2). Envolve tanto deformidades e má formações físicas quanto danos ao Sistema Nervoso (SCHIRMER et al., 2007) e abrange (BRASIL, 2004; MACIEL, 1998):

- A hemiplegia, paralisação de uma das metades do corpo (direita ou esquerda) causada por dano cerebral nas células nervosas que comandavam uma das metades do corpo;
- A monoplegia: "[…] paralisia em um membro do corpo" (CAMPOS; SILVEIRA; SANTAROSA, 1999, p. 59);
- A paraplegia, que é a paralisação dos membros inferiores (pernas) devido à lesão na medula espinal;
- A paralisia cerebral, que consiste em prejuízo na movimentação e na postura devido à lesão no cérebro ocorrida durante a gestação, no momento do parto ou nos momentos após o parto[5].
- A tetraplegia, que é a paralisação dos braços e das pernas devido à lesão na medula espinal;
- A amputação ou ausência de membro, sendo aquelas que já nasceram sem um membro ou que perderam devido a um acidente ou por que tiveram que tirá-lo por motivos de saúde;
- Membros com deformidade congênita ou adquirida, entre outros.

Os maiores problemas enfrentados por pessoas com deficiência física estão mais relacionados aos problemas de arquitetura, de acesso a espaços urbanos e edifícios. Percebe-se maior visibilidade e maior preocupação com a acessibilidade para pessoas em cadeira de rodas, de modo que as outras deficiências físicas têm menos visibilidades. Por exemplo, quando se pensa na adaptação de terminais eletrônicos para pessoas com deficiência física, como caixas bancários de auto-atendimento, ou mesmo terminais de consulta em bibliotecas, normalmente a primeira medida é oferecer terminais com altura acessível para pessoas em cadeira de rodas. Poucas vezes leva-se em conta que as pessoas com membros amputados, com paralisia cerebral, problemas de coordenação motora, entre outros, também têm necessidades de acessibilidade, por exemplo, no uso de recursos da informática, pois muitas

[5] É importante ressaltar que em "alguns casos, a paralisia cerebral atinge também a área do cérebro responsável pelas funções cognitivas, ligadas à inteligência" (MACIEL, 1998, p. 56).

delas têm dificuldade em realizar mesmo ações simples, como digitar ou utilizar o *mouse* (TORRES; MAZZONI; ALVES 2002).

Com relação à deficiência mental, a literatura aponta que não há consenso quanto a sua definição principalmente pela dificuldade de se distinguir *deficiência mental* de *doença mental* ou *transtorno mental* (BAPTISTA; MANTOAN, 2005; GOMES et al., 2007; SASSAKI, 2005). Além disso, ainda se encontra na literatura a terminologia *deficiência intelectual*, o que gera mais confusão e dificuldades em definir essa deficiência (SASSAKI, 2005). De acordo com Sassaki (2005, p. 2, grifo do autor), o termo *deficiência intelectual* é mais adequado "[…] por referir-se ao funcionamento do intelecto especificamente e não ao funcionamento da mente como um todo".

Balduino (2006) afirma que as concepções acerca da deficiência mental variaram ao longo dos tempos de acordo com os valores e culturas de diferentes sociedades, em diferentes períodos, passando por uma visão mítica, por uma visão religiosa, chegando às concepções médicas, educacionais e a uma concepção mais contemporânea e inclusiva, sendo que as últimas três coexistem umas com as outras. Nesse sentido, destaca-se a definição da American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD), antiga Associação Americana de Retardo Mental (AAMR), segundo a qual "deficiência intelectual é uma deficiência caracterizada por limitações significativas no funcionamento do intelecto e em comportamentos adaptativos, que envolve várias habilidades diárias sociais e práticas. A deficiência surge antes dos 18 anos de idade"[6] (AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES, c2011).

Essa definição é mais adequada do que outras (mais clínicas, que focam mais as características orgânicas da deficiência) por considerar também

> […] aspectos da vida prática e social do indivíduo […] [passando] do paradigma organicista para uma visão sistêmica, na qual as formas de inter-relações do ser com seu meio importam mais do que a condição de seu organismo (BALDUINO, 2006, p. 13).

Gomes et al. (2007, p. 15) corroboram a idéia de que a deficiência mental ou intelectual não se resume a "[…] sua condição orgânica e/ou intelectual e nem pode ser definida por um único saber. Ela é uma interrogação e objeto de investigação de inúmeras áreas do conhecimento".

---

[6] No original: "Intellectual disability is a disability characterized by significant limitations both in intellectual functioning and in adaptive behavior, which covers many everyday social and practical skills. This disability originates before the age of 18" (AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES, c2011).

Portanto, as definições mais aceitas são aquelas que focam menos os aspectos orgânicos, considerando, na verdade, múltiplos aspectos, como aquela apresentada pela AAIDD. De qualquer forma, a deficiência mental ainda é cercada por muitos mitos como alguns dos elencados por Amaral e D'Antino (1998, p. 9): "O meio ambiente pouco pode fazer pelas pessoas com deficiência. Pessoas com deficiência mental só estão 'bem' com seus 'iguais'. Para o aluno deficiente mental, a escola é apenas um lugar para exercer alguma ocupação fora de casa.", entre outros mitos.

Esses preconceitos na maioria das vezes estão relacionados à capacidade de aprendizagem e desenvolvimento das pessoas com deficiência intelectual e constituem as principais dificuldades da vida desses indivíduos, que são muitas vezes privados das condições de se desenvolverem e a conviver em sociedade antes mesmo que seja dada a oportunidade para que tal processo ocorra. Isso mostra que os fatores que mais influenciam na construção da acessibilidade e de uma sociedade inclusiva no geral são os fatores atitudinais (MAZZONI et al., 2001), ou seja, a atitude das pessoas em relação a deficiência e aos indivíduos que a tem.

3.4 A surdez

A surdez e os surdos podem ser vistos basicamente sob o ponto de vista biológico de sua perda auditiva e sob o ponto de vista de sua identidade (maior identificação com a cultura Surda ou com a cultura ouvinte). O primeiro enfoque é mais técnico, ou seja, a surdez é entendida a partir do nível de perda auditiva em decibéis, e, nesse sentido, pode ser definida da seguinte forma:

- "Surdez Leve: perda auditiva entre 20 dc e 40 dc";
- "Surdez Média: perda auditiva entre 40 dc e 70 dc";
- "Surdez Severa: perda auditiva entre 70 dc e 90 dc";
- "Surdez Profunda: perda auditiva acima de 90 dc" (CAMPOS; SILVEIRA; SANTAROSA, 1999, p. 58).

Outras fontes classificam a surdez em apenas duas categorias (PARÂMETROS…, 1998):

- Surdez leve/moderada: caracteriza-se pela perda de até setenta decibéis. Nesse nível, o deficiente auditivo ainda tem a capacidade da expressão oral e "pode perceber a voz humana, com ou sem a utilização de um aparelho auditivo";

- Surdez severa/profunda: é a perda da audição acima de setenta decibéis. Nesse nível a pessoa é incapaz de reconhecer a voz humana (independentemente do uso de aparelho auditivo ou não).

Há outras definições técnicas, como aquelas apresentadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pela legislação brasileira, onde define a surdez como a "perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas freqüências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz" (BRASIL, 2004; BRASIL, 2005, p. 47; OMS apud TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007, p. 373).

Para efeito desta revisão de literatura, a concepção médica não é importante em si mesma. O importante é perceber a *diferença* existente entre os surdos, pois nem clinicamente esse grupo é homogêneo.

O segundo enfoque dado à surdez percebe o Surdo e a partir de sua identificação com a cultura Surda ou com a cultura ouvinte. Uma percepção mais simplificada dessa questão social traz a seguinte terminologia (MELLO; TORRES, 2005):

- Surdos oralizados: possuem mais habilidade com a expressão oral e a utilizam com significativa freqüência, sendo capazes também de fazer leitura labial. Normalmente a língua-pátria é sua língua materna (primeira língua) e se identificam mais com a cultura ouvinte e como deficientes auditivos;
- Surdos não oralizados: possuem habilidades orais reduzidas, utilizando-as com pouca ou nenhuma freqüência. Comunicam-se predominantemente por língua de sinais, sua primeira língua e que "pode ter sido ou não sua língua materna" (MELLO; TORRES, 2005, p. 5). Estão inseridos na cultura Surda e se identificam mais com ela. Por isso, autodenominam-se como Surdos.

Vale ressaltar que há na literatura, diferenciação entre os termos "surdo" e "Surdo": o Surdo é aquele que "[…] tendo uma perda auditiva, não é caracterizado pela sua deficiência, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário, com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença. A utilização do termo 'surdo' refere-se à condição audiológica de não ouvir" (MOURA, 2000 apud GEUSELI, 2006, p. 579-580). A preferência pela distinção entre "surdo" e "Surdo" nas concepções apontadas anteriormente também é ressaltada por Heap (2006). Segundo Shintaku (2009) o termo "deficiência auditiva" é o mais aceito pela literatura médica, o que confirma a associação do termo à concepção clínica da surdez.

Mello e Torres (2005) ressaltam que as expressões “oralizado” e “não oralizado” não indicam a capacidade ou não de falar. Conforme expressam os conceitos apresentados, essas denominações indicam o nível das habilidades orais (fala, leitura labial, por exemplo) do Surdoem relação a aspectos quantitativos (freqüência de uso) e qualitativos (capacidade de se fazer entender, de fazer leitura labial corretamente) (MELLO; TORRES, 2005).

O fato de uma pessoa ser denominada como “surda não oralizada” não indica que ela é muda, mas sugere, na verdade, que ela não se expressa oralmente com freqüência, priorizando a língua de sinais. Conforme exposto anteriormente, de todas as definições apresentadas, sejam as de enfoque clínico ou social, o importante é perceber a diferença entre pessoas com surdez e, com isso, compreender que essas pessoas têm necessidades diferentes, o que demanda adequações de acessibilidade também diferenciadas (MELLO; TORRES, 2005; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Obviamente isso tem conseqüência na forma como os recursos de comunicação e informação serão projetados para pessoas com deficiência auditiva (MELLO; TORRES, 2005; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007), inclusive os de uma biblioteca, o que será abordado em outro tópico.

O aspecto social da surdez é o que interessa a este trabalho e, por ser significativamente complexo, o assunto não se encerra neste tópico. Por isso, as subseções a seguir tratam da identidade e cultura Surdas.

3.4.1 IDENTIDADE SURDA

Como afirma Cromack (2004, p. 68), “a questão da identidade é uma das mais caras para a Psicologia” e, portanto, qualquer discussão em torno desse assunto não resulta em respostas fáceis aos principais questionamentos suscitados (como, o que é identidade, quais os fatores que influenciam sua construção, e outros), haja vista a complexidade do assunto. Obviamente, é de igual complexidade a questão da identidade Surda. Alguns autores afirmam que a característica marcante da identidade Surda é dada pela língua de sinais, afinal a exclusão do Surdo em relação ao restante da sociedade ouvinte se dá justamente pela barreira

de comunicação e, por isso, os surdos acabam por formar uma comunidade[7] e uma cultura diferenciada, baseada na língua de sinais (GESUELI, 2006; HEAP, 2006).

Santana e Bergamo (2005) afirmam que a identidade Surda não é construída em razão direta da língua de sinais, mas da possibilidade de comunicação que ela fornece ao Surdo. Eles defendem que o Surdo, como qualquer outro ser humano, constrói sua identidade não pelo uso de uma língua em comum, mas sim nas relações com outros indivíduos, onde a língua é um instrumento comunicativo. Segundo os autores

> […] torna-se estranha a afirmação de que todos os surdos só constituam sua identidade por intermédio da língua de sinais. Afinal de contas, não há uma relação direta entre língua específica e identidade específica. A identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares. O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um "vácuo social". Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 570-571).

Os autores criticam pesquisas que estudam a identidade Surda tomando como referencial apenas a dicotomia entre Surdos e ouvintes, isto é, estudos para os quais a identidade do Surdo é construída pelo pertencimento a um grupo e não ao outro. O que os autores defendem é que é difícil falar em uma identidade Surda, existindo, na verdade, múltiplas identidades surdas, no sentido de que não há uma só característica (como a língua de sinais ou a própria perda auditiva) que identifique o Surdo e que o caracterize enquanto indivíduo. Defendem que a identidade é dinâmica e construída, isto é, uma pessoa não nasce com identidade pronta por pertencer a determinado grupo, e sua identidade é formada pela interação com os outros, com a sociedade e pelas experiências de vida, que são únicas e peculiares a cada indivíduo (*circunstâncias sócio-históricas particulares*). Em outras palavras, como outros seres humanos, os Surdos são dotados de subjetividade própria, complexa e heterogênea:

> A identidade é, assim, constituída por diferentes papéis sociais que assumimos e que, vale salientar, não são homogêneas. Podem ser religiosos (católicos, evangélicos, etc.), políticos (de direita, de esquerda, socialistas, sociais democratas etc.), funcionais (metalúrgicos, vendedores, médicos,

[7] Há autores, como Strobel (2009 apud NEVES, 2010) que diferenciam o termo comunidade surda e povo surdo: comunidade Surda refere-se a todas as pessoas militantes da causa surda, englobando tanto o povo surdo quanto familiares e amigos de surdos, intérpretes, etc. Povo surdo refere-se apenas aos Surdos. Apesar de não sugerir palavras diferentes para esse problema terminológico, Bueno (1998) também demonstra preocupação quanto ao uso do termo "comunidade surda" para se referir apenas aos Surdos. Essa terminologia é interessante e pode ser levada em conta, mas nesta revisão de literatura essas diferenças terminológicas não serão levadas em conta e o termo "comunidade surda" será utilizado como sinônimo de "povo surdo".

> etc.), estéticos (*clubbers*, *punks*, *hyppies* etc.) de gênero (homens, mulheres). A distinção entre ouvintes e não-ouvintes, de certa maneira, cria um obstáculo teórico: define o grupo de "não-ouvintes" como sendo o único contexto no qual eles se inserem. A identidade, nesse caso, só pode ser construída de forma negativa. Mas a arquitetura social não se reduz a isso […]" (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 571).

Há de se concordar que, de fato, os Surdos não são definidos pela surdez, que sua identidade não é constituída somente em razão do fato de não ouvirem e, nesse sentido vale ressaltar que, da mesma forma que outros grupos minoritários, os Surdos não constituem um grupo homogêneo, sendo que os indivíduos considerados nesse conjunto, antes de serem Surdos, são seres humanos e, por isso, diferentes entre si (TORRES, MAZZONI; MELLO, 2007). Assim, os Surdos não são apenas Surdos, são como outras pessoas, homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, empresários, advogados, atores, escritores, professores, estudantes, pais, mães, filhos, irmãos, católicos, espíritas, budistas, brasileiros, chilenos, espanhóis, alemães, italianos, etc., ou seja, eles têm também diferentes papéis sociais (SANTANA; BERGAMO, 2005; STROBEL, 2008).

Além disso, os autores dão como exemplo o relato de José (nome fictício): para ele a identidade Surda é a aceitação de ser Surdo, ressaltando-se que "[…] sua primeira língua é a linguagem oral, e que, ao comunicar-se, prefere também usar a fala" (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 570). Segundo interpretação dos autores, por causa disso "[…] a linguagem oral também pode constituir a identidade do surdo, e não só a língua de sinais, a partir do momento em que o surdo dela se apropria e a molda para construir e marcar sua identidade" (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 570).

Em resumo, para os mesmos autores "[…] dificilmente se pode falar de uma *identidade surda*", pois a construção da identidade de uma pessoa envolve vários fatores que não estão necessariamente ligados a uma língua específica: na verdade tem a ver com práticas e interações sociais ao longo da vida: o Surdo, como qualquer outra pessoa, constitui sua identidade nas relações familiares, escolares, com amigos, no trabalho, etc. (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 572). Nesse sentido, não se falaria em identidade Surda, mas em uma *identidade do Surdo*.

De fato, isso é verdade e a construção da identidade é algo dinâmico, mas não necessariamente é um problema afirmar a existência de uma identidade e uma cultura Surdas, afinal isso é algo que é defendido pelos próprios Surdos, o que pode ser percebido mesmo pelos recentes manifestos em favor da cultura Surda (PORTAL DO SURDO, 2011) e de sua valorização e contra a extinção de ensino específico para Surdos em prol de uma suposta

integração, que, da forma como é promovida hoje, é criticada, com razão, mesmo por quem teria benefício com essa integração. Isso pode ser percebido no relato de estudantes Surdos entrevistados por Cromack (2004, p. 73-74):

> A inclusão só vai ser boa se existir o respeito à diferença que não existe hoje, e a integração, o que me parece é que integração é apenas estar ali no meio, seja ouvinte, surdo, o que for, mas também não há enfatização das características que ele tem, as diferenças, porque o surdo tem uma maneira diferente de aprender. […] (sic, sujeita A, 23 anos, sexo feminino).
>
> […] a inclusão precisa uma escola própria para o surdo porque é mais fácil, tem professor surdo, aluno surdo, é o direito do surdo […] (sujeito B, 26 anos, sexo masculino).

Afirmar uma cultura e identidade Surdas não significa homogeneizar a diversidade inerente à raça humana e, que, portanto, existe entre os Surdos; significa reconhecer as diferenças desse grupo e, mais importante, respeitá-las. A inclusão de Surdos em uma sociedade ouvintista depende de adequações, de acessibilidade, como, por exemplo, cinema nacional legendado, intérprete em palestras, sistema de legenda oculta (*closed captions*) nos aparelhos de televisão e, por que não, escolas próprias para o Surdo[8]. Se por um lado a afirmação da diferença pode, sim, "[…] vir a favorecer discriminações e atitudes de estranhamento e separação com relação ao outro […]" (CROMACK, 2004, p. 73), por outro traz visibilidade e reconhecimento da cultura Surda e também das características e necessidades dos Surdos, ou seja, visibilidade das diferenças referidas pela entrevistada por Cromack. A consideração dessas diferenças é o que permite integração real entre surdos e

[8] Vale ressaltar que a educação especial deve ser entendida como uma modalidade de ensino paralela ao ensino regular, isto é, uma alternativa à educação comum, não substitutiva, mas sim uma modalidade complementar de ensino, de apoio às pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular durante todas as etapas, da educação básica à superior e à profissional. É interessante notar que, apesar de os textos legais recomendarem que o atendimento educacional especializado (AEE) seja realizado "[...] prioritariamente nas salas de recursos multifuncionais da própria escola [...]" (BRASIL, 2010), deixam claro que esse atendimento pode ser feito em salas de recursos multifuncionais de outras escolas de ensino regular ou mesmo em escolas especializadas. Isso mostra uma percepção realista de que determinadas escolas talvez não consigam se adaptar aos seus alunos com necessidades educacionais especiais em tempo viável ou talvez nunca consigam criar uma sala dessas, pois há medidas que são impraticáveis em certos contextos (conferir a impraticabilidade definida na norma da ABNT NBR 9050). Isso não quer dizer que a escola incapacitada de receber adequadamente um aluno com necessidades especiais não deva recebê-lo ou que não tenha responsabilidade em buscar oferecer condições adequadas de ensino por outras maneiras. No entanto, a possibilidade de atendimento educacional especializado fora da escola de ensino regular demonstra que a acessibilidade, a educação especial, a inclusão de um modo geral, não são construtos solitários e individuais, mas são possíveis por meio de esforços coletivos, tornando extremamente válido o trabalho conjunto com outras escolas, instituições, centros de ensino especial, entre outros.

ouvintes, na medida em que favorece adequações e acessibilidade, igualando possibilidades de desenvolvimento pessoal e social entre ambos.

Assim como Santana e Bergamo (2005), Gesueli (2006) também reconhece identidades múltiplas do indivíduo Surdo, mas, ao contrário dos primeiros, reconhece que a língua de sinais tem papel marcante na construção da identidade do surdo:

> Esse "outro" surdo passa a ser diferenciado pelo grupo de alunos, propiciando a constituição do sujeito surdo por meio do exercício da língua de sinais. É nesse processo de legitimação da língua que a identidade se constrói. […] A partir do momento em que os alunos começam a vivenciar diferencialmente estas línguas – português e língua de sinais – e a perceber que cada uma delas possui seu valor e sua função, eles se identificam como grupo usuário da língua de sinais, considerando o professor ouvinte, muitas vezes, fora desse grupo (GESUELI, 2006, p. 285-286).

A identidade de fato é construída por processos dinâmicos e contínuos, mas estudos mostram que ela é marcada prioritariamente pela língua de sinais. Um estudo realizado por Marion Heap (2006) na Cidade do Cabo, na África do Sul, com indivíduos Surdos, investigou a construção de comunidades e identidade Surdas e uma de suas conclusões é a de que "a língua de sinais foi um significante de familiaridade, comunhão e semelhanças em contextos mais amplos, tanto onde os Surdos predominaram quanto onde não predominaram" (HEAP, 2006, p. 43, tradução nossa[9]). Segundo a autora, os Surdos constituem uma comunidade que transcende fronteiras físicas, onde comunidade é entendida mais como um conceito abstrato e menos relacionado a uma região específica. Em outras palavras constituem o que se chama de "comunidade imaginada" (em inglês *imagined community*) (ANDERSON, 1983 apud HEAP, 2006): Heap (2006, p. 36, tradução nossa), citando Anderson (1983) e Cohen (1985) explica o conceito da seguinte forma: "essencialmente, uma comunidade existe quando um número significante de pessoas […] imaginam que eles próprios constituem uma comunidade ou se comportam como se tivessem formado uma" [10]. Isso pode ser claramente percebido em um de seus relatos: ao freqüentar um evento internacional com a presença de Surdos de diferentes nacionalidades, a autora notou, com surpresa, que não havia intérpretes das diferentes línguas de sinais utilizadas em cada país. Foi então que perguntou a uma Surda sul-africana ao seu

[9] No original: "Sign was a signifier of the same familiarity, communality and commonality in broader contexts, both where the Deaf predominated and where they did not" (HEAP, 2006, p. 43).

[10] No original: "Essentially, a community exists when a significant number of people […] imagine themselves to form a community or behave as if they have formed one (Anderson 1983:15; Cohen 1985: 118)".

lado: "[…] 'intérpretes?' Intrigada com minha pergunta, ela respondeu, 'Para que – somos todos Surdos' " (HEAP, 2006, p. 41, tradução nossa[11]).

Segundo Heap (2006), existem referências na literatura dessa transnacionalidade da língua de sinais, isto é, existem relatos sobre Surdos de diferentes nacionalidades conversando sem o auxílio de intérpretes, pois segundo estudos, Surdos conseguem, durante uma conversa com estrangeiros, aprender e ensinar sinais uns aos outros com mais facilidade do que quando se trata da linguagem oral. É interessante notar como a língua de sinais é um elemento que cria um sentimento de pertencimento e identificação com o outro Surdo e, nesse sentido, fica evidente a existência de uma identidade Surda, que, se não é formada somente pela língua de sinais, é fortemente marcada por ela.

O fato de a língua de sinais ser considerada como característica principal da identidade Surda também pode ser entendida analisando-se um período da educação dos Surdos. Durante muito tempo ficou proibido a utilização de qualquer língua de sinais ou qualquer uso de sinais no ensino de indivíduos surdos, fazendo com que a língua de sinais ou expressões da surdez fossem reprimidas por muito tempo. Esse tipo de política "[…] não respeita a diferença entre o ouvinte e o Surdo, fazendo com que o Surdo tenha o ouvinte como ideal" (CROMACK, 2004, p. 26).

Sendo assim, pode-se entender melhor o motivo da língua de sinais estar estreitamente associada à identidade Surda:

> Se durante muito tempo os Surdos se esforçaram para parecer/ser como os ouvintes por oralização a qualquer preço, surdez negada, não formação de grupos de amigos, a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser "reconhecida" como uma língua aceita pelos ouvintes, há uma reviravolta em seu comportamento e surge o que se pode denominar por falta de melhor expressão, "orgulho Surdo" (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 23).

Outros estudos mostram a importância da língua de sinais para a formação da identidade Surda. Conforme citado anteriormente, Gesueli (2006, p. 287) afirma que a língua de sinais tem relevante papel na construção da identidade Surda, e destaca a importância da exposição de crianças surdas à língua de sinais no ambiente escolar, pois "[…] parece primordial para que haja reconhecimento da surdez, pois é por intermédio da linguagem que significamos o mundo e conseqüentemente nos significamos" (GESUELI, 2006, p. 287).

[11] No original: "[…] I asked the South African delegate sitting next to me – 'Interpreters?' Puzzled at my question, she replied, 'Why – we are all Deaf' " (HEAP, 2006, p. 41).

Também ressalta que o contato de crianças Surdas com adultos Surdos é importante para que a criança reconheça-se Surda cedo na vida. Laboritt, atriz francesa e Surda, também ressalta a importância do contato com adultos surdos:

> É preciso convencer todos os pais das crianças surdas a colocá-las em contato o mais rápido possível com adultos surdos, desde o nascimento. Ela se construirá longe daquela solidão angustiante de ser a única no mundo, sem idéias construtivas e sem futuro (LABORITT, 1994, p. 49 apud SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 569).

Esse contato com adultos Surdos pode ser facilitado pela presença de professores Surdos, o que favorece também o contato desde cedo com a língua de sinais e "[…] dá perspectivas de tornar-se um sujeito pertencente à comunidade surda" (GESUELI, 2006, p. 286-287). A pesquisa empreendida por Hadjikakou e Nikolaraizi (2007) no Chipre investigou a influência da experiência educacional de diferentes surdos na constituição de suas identidades e as autoras chegaram a conclusões semelhantes: os surdos que tiveram mais contato com outros surdos em escolas de Surdos, por exemplo, identificaram-se mais com a cultura Surda e, conseqüentemente desenvolveram uma identidade Surda. O estudo revelou que os entrevistados desenvolveram três tipos de identidade: 1) culturalmente Surdos; 2) culturalmente ouvintes e 3) biculturais, onde eles se identificavam com as duas culturas. O interessante é que tanto os culturalmente ouvintes quanto os biculturais identificaram-se como deficientes auditivos, mesmo quando clinicamente são considerados surdos. Eles se diferenciaram dos Surdos, e são assim diferenciados pelos Surdos, porque são capazes de falar e se comunicar melhor e mais rápido com os ouvintes. Por outro lado, mesmo conseguindo se comunicar oralmente, os biculturais mostraram preferência pela língua de sinais e, quanto à socialização, afirmaram que sentem-se mais confortáveis na companhia de outros Surdos pela facilidade de comunicação.

O texto de Gesueli (2006) revela que há Surdos que não se consideram deficientes auditivos e mesmo a literatura reconhece essa diferença (REDONDO; CARVALHO, 2000), que é muito marcada, dentre outras características pelo grau de perda auditiva, habilidade (ou mesmo vontade) de falar, uso ou não da língua de sinais. O *Relatório de atividades 2006*, da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) confirma essa diferenciação entre Surdo e deficiente auditivo e destaca a necessidade de

> Substituir o termo de "deficiente auditivo" por surdo considerando que o deficiente auditivo e o surdo não têm a mesma identidade: o deficiente auditivo usa comunicação auditiva, tendo restos auditivos que podem ser corrigidos com aparelhos; o surdo usa comunicação visual (Línguas de Sinais) e não usa comunicação auditiva (FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS, 2006, p. 10-11).

Os culturalmente ouvintes desenvolveram uma identidade ouvinte pelo reflexo de uma política educacional baseada no oralismo, e um deles demonstrou pouco apreço pela língua de sinais: para ele "a língua de sinais não é importante. Falar é necessário" (HADJIKAKOU; NIKOLARAIZI, 2007, p. 408, tradução nossa[12]). Ao contrário, culturalmente Surdos desenvolveram tal identidade por terem vivenciado experiências em escolas de Surdos que o fizeram imergir na cultura Surda, pelo fato de terem contato com professores Surdos e outras crianças Surdas. Mesmo quando a língua de sinais foi proibida, os alunos mais novos aprenderam tal língua com os alunos mais velhos no intervalo escolar ou mesmo fora da escola. Ou mesmo quando muitos alunos foram transferidos para escolas regulares, devido à política de integração, eles continuaram se identificando ou como Surdos ou biculturais, sendo que os primeiros mostraram orgulho por pertencerem à cultura Surda (HADJIKAKOU; NIKOLARAIZI, 2007).

Esses resultados confirmam o que foi identificado por Gesueli (2006, p. 282): para crianças surdas filhas de pais ouvintes "[…] as possibilidades de aquisição da língua de sinais estarão restritas ao contato com a comunidade surda", ou, no caso do estudo no Chipre, o contato com a língua de sinais também esteve, de certa forma, restrita ao contato com outros Surdos, haja vista que a língua de sinais era proibida pela política educacional oralista da escola. Esse contato com a língua de sinais foi um dos fatores essenciais para a constituição de um identidade cultural Surda.

Outro indício que aponta para a relevância da língua de sinais para a construção da identidade Surda é o fato de os culturalmente ouvintes não terem sido bem aceitos pela comunidade Surda justamente por não conseguirem se comunicar em língua de sinais, conforme relato de um entrevistado: "Eu não entrei no mundo Surdo como um grande amigo. Só como amigo. Eu acho que os Surdos consideraram um problema o fato de que eu não sei língua de sinais" (HADJIKAKOU; NIKOLARAIZI, 2007, p. 409). Algo semelhante foi identificado no relato de Silvia Sabanovaite, também Surda:

> Recebi uma educação puramente oralista...Aos dezessete anos foi conhecer uma associação de surdo, através de um amigo. No primeiro dia, fiquei bastante chocada, pois não esperava encontrar pessoas diferentes de mim. Levei muito tempo para aceitar essa forma de comunicação e não conseguia entender o porquê deles utilizarem este meio. Não pensem que fui bem recebida. Eles não me aceitaram bem por ser oralizada e desconhecer totalmente a Língua de Sinais, o que, para a comunidade surda, é inadmissível (SABANOVAITE, 2002, p. 47 apud CROMACK, 2004, p. 72).

[12]No original: "The sign language is not important. Speech is necessary" (HADJIKAKOU; NIKOLARAIZI, 2007, p. 408).

Assim como Santana e Bergamo (2005), Hadjikakou e Nikolaraizi (2007) também ressaltam que a construção da identidade é dinâmica e envolve vários contextos sociais e culturais. Os resultados do estudo também sugerem que a construção da identidade Surda é fortemente influenciada pelas vivências sociais, no caso da pesquisa das autoras, pelas experiências educacionais do indivíduo. Em outras palavras dependendo da imersão em escolas onde o contato com a cultura Surda exista, os indivíduos entrevistados construíram identidades que tendiam para uma cultura Surda. Mas de fato pôde ser identificado que a língua de sinais foi fator essencial na constituição da identidade Surda. A língua de sinais pode não ser o único elemento que caracteriza cultura e identidade Surdas, mas é elemento marcante das mesmas. E, de forma semelhante, o estudo de Hadjikakou e Nikolaraizi (2007) sugere que Surdos que possuem significativas habilidades em comunicação oral (biculturais e culturalmente ouvintes) vivenciam maior integração com os ouvintes. Novamente a língua (nesse caso a dos ouvintes) constituiu-se elemento essencial para a identificação com uma ou outra cultura (ou com as duas, no caso dos biculturais). E, se a identidade é construída pelas diversas práticas sociais (SANTANA; BERGAMO, 2005), não deixa de ser verdade o fato de que essas práticas e interações sociais se dão pela comunicação, que por sua vez se dá, sobretudo, no uso de uma língua comum entre os indivíduos.

3.4.2 CULTURA SURDA

Dada a aceitação da existência de uma identidade Surda, torna-se menos complicado entender o que é a cultura Surda, porque, de certa forma, identidade e cultura Surdas têm uma relação circular: se por um lado a cultura Surda "gera" uma identidade Surda[13], por outro a cultura é uma conseqüência dessa identidade. As palavras de Gesueli (2006, p. 284) resumem com clareza essa relação:

> Dentro desta perspectiva a discussão sobre identidade surda não está desvinculada da cultura surda, a qual estaria relacionada ao processo de recriação de um espaço cultural visual. *Na medida em que os surdos legitimam sua língua e sua comunidade, temos como decorrência dessa convivência minoritária o nascimento da cultura surda* (arte, humor, teatro, poesia etc.) (GESUELI, 2006, p. 284, grifo nosso).

Outros autores seguem esse mesmo pensamento: para Perlin (2003, p. 26) a cultura Surda é constituída pelos "[…] sistemas partilhados de significações constituídos por sujeitos

[13] Conforme demonstram, por exemplo, os estudos de Hadjikakou e Nikolaraizi (2007) e Heap (2006), nos quais se percebe claramente como o convívio com indivíduos Surdos e imersão na cultura Surda influenciam na constituição de uma identidade Surda.

que utilizam experienciação visual" e, segundo Quadros (2003, p. 86) a cultura Surda "[…] se manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos". A autora destaca que, de um modo geral, a cultura Surda é caracterizada por sua expressão visual e também é marcada fortemente pela língua de sinais, mas não só por ela, envolver um conjunto de crenças, costumes e hábitos próprios, que diferem da cultura ouvinte (BUENO, 1998; GESUELI, 2006; STROBEL, 2009 apud NEVES, 2010). Strobel (2009 apud NEVES, 2010) indica sete aspectos que caracterizam a cultura Surda:

- Aspecto lingüístico, que se refere ao uso da língua de sinais;
- Experiência visual, que é a forma pela qual os Surdos percebem e interagem com o mundo;
- Aspecto familiar: envolve o contexto de criação da criança surda, se em uma família de ouvintes ou de pais Surdos. Esse aspecto tem muita relação com a construção da identidade do indivíduo;
- Literatura surda, que abrange, de um modo geral, as diferentes produções literárias dos Surdos, tanto produções em língua de sinais (como poesias), quanto obras em língua portuguesa escritas por autores Surdos;
- Artes visuais, que abarca também o teatro surdo;
- Vida social e esportiva;
- Aspecto político, representado "[…] pelos líderes surdos e as lutas sociais através de organizações e associações" (STROBEL, 2009 apud NEVES, 2010, p. 153).

Pode-se acrescentar aos aspectos da cultura surda, as tecnologias assistivas[14] criadas para suprir necessidades de acessibilidade dos Surdos, tais como despertadores e campainhas com alertas luminosos. Concordando com Santana e Bergamo (2005), da mesma forma que a identidade Surda não existe apenas em razão do uso da língua de sinais, a cultura Surda também não se resume aos aparatos tecnológicos criados para suprir certas necessidades de acessibilidade dos Surdos, como campainhas luminosas, telefones específicos, etc.

Em resumo a cultura Surda pode ser entendida como um produto da comunidade Surda, abrangendo todo o conjunto de criações dela advinda: tecnologias assistivas, arte e

[14] Entende-se por tecnologia assistiva o "Conjunto de técnicas, aparelhos, instrumentos, produtos e procedimentos que visam auxiliar a mobilidade, percepção e utilização do meio ambiente e dos elementos por pessoas com deficiência" (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004, p. 4).

literatura surdas, língua de sinais, e outros, que nada mais são do que reflexos da interação dos Surdos com o mundo em razão de sua experiência visual.

3.5 Acesso à informação de Surdos na biblioteca

Não é raro que se pense que os maiores (quando não os únicos) problemas dos Surdos em bibliotecas são relacionados a problemas de sinalização e atendimento. Normalmente se pensa que a deficiência visual é a única dificuldade no acesso à informação escrita, já que a visão é essencial para se captar esse tipo de informação. Mas sabe-se que muitos Surdos[15] não conseguem compreender muito bem textos escritos, havendo "evidências sobre a dificuldade de leitura apresentada pelos surdos" (CLARK; MARSCHARK; KARCHMER, 2001 apud CAPOVILLA et al., 2005, p. 16). De acordo com Shintaku (2009, p. 66)

> Há, na verdade, um grande equívoco, de grande parte da sociedade, sobre o domínio da forma escrita da língua. Por causa das várias graduações de surdez e pela diferenciação do conhecimento da língua oral, tem-se a idéia de que todos os surdos são alfabetizados.

Em entrevista a Ana Regina Campello, Surda, professora de Libras e formada em Biblioteconomia, ela aponta as principais dificuldades do Surdo na utilização da biblioteca:

> A linguagem utilizada no sistema de consulta, empréstimo e de busca de infirmação [sic]. Eu por ser bibliotecária, não tive dificuldade porque aprendi tudo na prática o que me facilitou muito no manuseio da confecção de ficha e de consulta nas referências. A formação me ajudou muito até hoje. O problema é que os surdos […] têm a língua portuguesa como segunda língua e não estão familiarizados com a linguagem da biblioteconomia e ainda mais os conceitos de consulta, períodicos [sic], tese, e muitos outros (ANEXO B).

Sacks (2001) também confirma a dificuldade que os Surdos podem ter com informação escrita e ressalta que a capacidade de ler e escrever em crianças, sejam elas Surdas ou não, depende de apoio e educação:

> A aquisição do Sinal, da fala, ou de ambos depende do intercâmbio com as pessoas à volta, do ouvir a sua fala, ou do assistir ao seu Sinal. Se aos cinco ou seis anos a criança já tiver desenvolvido fluência em linguagem – *quer seja a fala ou o Sinal* – ela pode esperar ter uma vida rica de comunicação e de intercâmbio comunitário, e *desenvolver fluência em leitura e escrita*. Mas se ela não tiver tido a oportunidade de desenvolver a linguagem a esta altura, então ela pode esperar ter uma vida de restrições e empobrecimento cultural, e de incapacidade de ler e escrever. *Naturalmente, para as pessoas que nascem surdas, é muito mais fácil adquirir uma linguagem visual como sua primeira língua; e, dada uma firme fundação nessa linguagem, elas podem*

[15] Não todos, pois se deve levar em consideração as diferenças no grupo de deficientes auditivos, na comunidade surda.

> *aprender a ler e escrever e, talvez, a falar, ou seja, a tornar-se bilíngües e biculturais*, o que é o ideal para elas. (SACKS, 2001, p. 17, grifo nosso).

Isso significa que a perda da audição não implica na incapacidade de ler ou escrever, como afirmado em tópico anterior. O que é determinante para a aquisição de tais habilidades é o apoio humano, educacional, tecnológico, entre outros, que a pessoa recebe e se o recebe em contexto e período adequados de sua vida, o que de fato é válido tanto para pessoas com deficiências quanto para pessoas sem qualquer tipo de limitação orgânica (SACKS, 2001).

Dessa forma, não é válida a idéia de que os Surdos não têm problemas com relação à informação escrita, sendo essa uma questão a ser considerada na acessibilidade para essas pessoas. Reafirma-se que é necessário ter consciência das diferenças entre pessoas com deficiências semelhantes, pois um elemento de dificuldade para determinada pessoa ou grupo pode não o ser para outras pessoas, pois, conforme já afirmado, as pessoas com deficiência "vivenciam discapacidades diferentes" (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007, p. 374).

3.6 Acessibilidade

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, o termo "acessibilidade" é mais amplo do que parece. É comum pensar em acessibilidade como algo que facilita o acesso e/ou uso de um produto, serviço, ambiente, etc., para pessoas com deficiência, e não como um elemento voltado também a pessoas sem deficiência. E isso por vezes é reforçado pelos conceitos de acessibilidade apresentados em documentos, como normas e legislação, destinados a pessoas com deficiência, e também pelo fato de que quando se trata de acessibilidade, quase sempre se o faz em um contexto onde as pessoas com deficiência aparecem como foco. É o caso das citadas normas e leis que tratam do assunto: normalmente esses documentos determinam condições de acessibilidade para pessoas com deficiência, não sendo muito comum encontrar determinações legais ou normativas que estabeleçam condições de acessibilidade mais gerais, para todos e não apenas para pessoas com deficiência. Não que não se deva dar atenção às necessidades das pessoas com deficiência, que são muito específicas e necessitam de um planejamento cuidadoso. A questão é que, justamente pela urgência da necessidade de acessibilidade para pessoas com deficiência, há uma forte associação entre acessibilidade e os referidos indivíduos, levando a crer que acessibilidade é algo voltado somente a esse grupo de pessoas, mas o termo abrange mais do que isso, ou, como será mostrado mais adiante, pelo menos deveria.

De acordo com essas idéias, Torres e Mazzoni (2004, p. 153), citando Gutiérrez y Restrepo (2003), afirmam que a acessibilidade não deve ser entendida com base na capacidade que determinados grupos com limitações têm de utilizar um produto, mas sim como "um conceito absoluto". Isso significa que algo acessível o é não porque pode ser utilizado por pessoas com deficiência, por exemplo, mas sim porque pode ser utilizado por qualquer pessoa, independentemente de suas limitações.

Com relação aos conceitos mais adequados, a literatura traz uma percepção mais abrangente acerca da acessibilidade, que é entendida tanto a partir das necessidades surgidas de limitações orgânicas[16] e daquelas oriundas de limitações de equipamentos e tecnologias[17] (TORRES; MAZZONI, 2004). Além disso, esse conceito traz uma interpretação ainda mais ampla sobre acessibilidade ao considerá-la também como uma questão de *preferência* do usuário de um produto, serviço, ambiente, etc. Mais especificamente em relação à informação, isso significa que a acessibilidade deve fornecer alternativas de acesso e uso da informação de forma que o indivíduo possa escolher qual delas é mais fácil e mais confortável de se utilizar, isto é, qual delas é melhor e facilita o acesso e a compreensão e apropriação da informação veiculada (TORRES; MAZZONI, 2004). Em outras palavras, nesse caso a informação é acessível quando pode ser captada de forma redundante, isto é, quando existem diferentes possibilidades de se acessar e apreender um conteúdo informacional (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002; TORRES; MAZZONI, 2004; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Um conceito não tão abrangente quanto o anterior (mas que ainda assim traz a abrangência desejada) é o da norma da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR 9050, segundo a qual acessibilidade é a "[…] possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos" (ABNT, 2004, p. 2). A mesma norma define acessível como

> […] espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento que possa ser alcançado, acionado e vivenciado *por qualquer pessoa*, inclusive

[16] Por exemplo, deficiência visual, que envolve desde cegueira e baixa visão até daltonismo; deficiência auditiva, envolvendo surdez leve, moderada e profunda; deficiência física e/ou motora, que abarca pessoas em cadeira de rodas, pessoas com mutilação, etc.; deficiência cognitiva ou mental (TORRES; MAZZONI, 2004).

[17] As limitações relacionadas a equipamentos e tecnologias têm mais relação com a acessibilidade no espaço digital, onde é possível encontrar dificuldades como impossibilidade de acesso a informação devido ao uso de equipamento ou *software* desatualizados ou incompatíveis com aqueles exigidos para leitura de um arquivo, desempenho precário do computador em questão de velocidade de processamento de dados, ausência de conexão à Internet, etc. (TORRES; MAZZONI, 2004).

> aquelas com mobilidade reduzida. O termo acessível implica tanto acessibilidade física como de comunicação. (ABNT, 2004, p. 2, grifo nosso).

É possível perceber que em tais definições não aparece nenhuma vez trechos como "para pessoa com deficiência" ou qualquer termo ou expressão afins, sendo que no segundo trecho citado diz-se que algo é acessível quando pode ser utilizado por *qualquer pessoa*, o que sugere um conceito mais amplo e inclusivo para acessibilidade, visto que a mesma é válida para as pessoas com deficiência e para as pessoas sem deficiência. Na verdade, isso tem muita relação com a idéia do *design for all* (desenho para todos ou desenho universal). O *design for all* nada mais é do que a criação de serviços, produtos, ambientes, etc., "[…] que, além de permitir a sua utilização por pessoas com deficiência, tornam o seu uso mais fácil e confortável para *todos os usuários*" (MAZZONI et al., 2001, p. 30, grifo nosso).

Anteriormente foi dito que é desejável que a acessibilidade seja entendida em um conceito mais amplo, como algo característico de produtos, serviços, etc., passível de uso por todos. Antes de se explicar por que se considera, aqui, mais adequado que a acessibilidade seja percebida com mais abrangência, faz-se necessário apresentar alguns conceitos mais restritivos e menos adequados, para, a partir deles, apontar o problema dos mesmos e explicar por que se prefere considerar a acessibilidade em uma conotação mais ampla.

Um exemplo de conceito que, de certa forma, restringe o conceito de acessibilidade às pessoas com deficiência é o apresentado no Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, conforme citado a seguir:

> Art. 8º Para os fins de acessibilidade, considera-se:
> I – acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, *por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida*. (BRASIL, 2004, p. 2, grifo nosso).

A restrição é percebida no trecho destacado e ocorre em outros documentos semelhantes, como a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, a qual traz, no parágrafo 2º, inciso I, a seguinte definição:

> I – acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, *por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida*. (BRASIL, 2000, p. 1, grifo nosso).

O mesmo acontece em relação à norma NBR 15599 (ABNT, 2008, p. 2, grifo nosso), onde acessibilidade é definida como a "possibilidade e condição de alcance para utilização do meio físico, meios de comunicação, produtos e serviços *por pessoa com deficiência*". Esses

conceitos apresentados são exemplos de definições que reforçam a concepção de que a acessibilidade serve especificamente ao atendimento das necessidades de pessoas com deficiência. Contudo, deve-se observar que as acepções de acessibilidade apresentadas estão presentes em documentos feitos às pessoas com deficiência, o que talvez justifique essa redução da abrangência do termo "acessibilidade". Isso porque nesse caso não se faria necessário afirmar que a acessibilidade é algo que serve para todos, independentemente de ter ou não deficiência, porque tais documentos estabelecem medidas de acessibilidade para pessoas com deficiência, ou seja, o documento já é destinado a esse grupo de pessoas.

Entretanto, é desejável que a acessibilidade seja entendida sob um ponto de vista mais inclusivo e, levando-se em conta os conceitos apresentados, pode-se definir a acessibilidade como a construção/oferta de produtos, serviços, ambientes, condições, etc., passiveis de uso por todos. E é adequado que a acessibilidade seja também inclusiva e não somente específica às pessoas com deficiência, porque, do contrário, medidas de acessibilidade poderiam gerar mais exclusão dessa minoria. Ao se criar ambientes, que, embora acessíveis a pessoas com deficiência, sejam por outro lado de uso exclusivo desse grupo, cria-se também segregação, que pode se caracterizar discriminatória (MAZZONI et al., 2001).

E, nesse sentido, temos a idéia de biblioteca inclusiva, que, segundo Coneglian e Silva (2006, p. 7, grifo nosso),

> não é aquela biblioteca específica, por exemplo, para deficientes visuais com todo acervo disponível em Braille, mas sim aquela que atende toda a demanda da população *de maneira igualitária*, onde seus usuários possam acessar e utilizar os serviços e acervos, conforme suas especificidades.

Corroborando o que foi dito anteriormente, é desejável à compreensão da acessibilidade justamente essa concepção do *design for all*, e essa consciência subjacente à visão de biblioteca inclusiva de que tornar algo acessível não significa criar ambientes de uso exclusivo de pessoas com deficiência. Ressalta-se que serviços exclusivos não constituem um problema, pois visam a prestação de atendimento adequado à pessoa com deficiência, sendo muitas vezes adaptações de serviços existentes. Nesse caso, esse tipo de serviço não exclui o usuário com deficiência, apenas é uma modelagem dos serviços às suas necessidades, ao contrário do que ambientes exclusivos para pessoas com deficiência.

Por isso, a acessibilidade é algo que precisa ser planejado com cuidado para que nenhum grupo social seja esquecido ou para evitar que as medidas tomadas para a construção da acessibilidade não sejam equivocadas e acabem por atrapalhar mais do que melhorar a situação dos grupos para os quais se destina aquilo que se deseja tornar acessível, o que

constituiria no que Mazzoni et al. (2001) chama de falsa solução (que será mais bem discutida adiante).

3.6.1 ASPECTOS CONSIDERADOS NA ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Em se tratando de pessoas com deficiência, a literatura aponta certos cuidados que se deve ter ao se projetar medidas de acessibilidade para esse grupo de indivíduos. Com relação a isso, Mazzoni et al. (2001) apresentam em seu texto fatores que afetam a acessibilidade em bibliotecas universitárias no que diz respeito às pessoas com deficiência, fatores estes que podem ser considerados em outros ambientes também. Tais fatores são divididos em: 1) *aspectos de informação e comunicação*, que envolvem o atendimento adequado a usuários com deficiência (por exemplo, atendimento com uso de língua de sinais para Surdos que saibam se comunicar dessa forma), a sinalização da biblioteca (por exemplo, piso tátil para deficientes visuais, boa sinalização visual para usuários Surdos, e outros), enfim, os aspectos que envolvem informação e comunicação, como os terminais de consulta, página da biblioteca na Internet, etc.; 2) *aspectos atitudinais*, que são aqueles que dizem respeito à *atitude* da insituição (e das pessoas de um modo geral) perante os usuários com deficiência, como a eficácia das soluções encontradas para amenizar as dificuldades destes últimos (MAZZONI et al., 2001).

Com relação aos aspectos atitudinais destaca-se a questão da insuficiência das leis e normas que definem condições de acessibilidade e/ou da insuficiência da aplicação das mesmas: muitas vezes elas estabelecem um mínimo de conforto. O problema é que quando serviços e produtos são projetados a pessoas sem deficiência normalmente pensa-se não apenas em condições mínimas, mas também em conforto, o que não é muito comum quando se projeta para com deficiência (MAZZONI et al., 2001). Em outras palavras, há uma "interpretação equivocada de considerar aquilo que deveriam ser as condições mínimas como sendo as condições recomendáveis" e

> tem havido a tendência a se considerar que os requisitos de acessibilidade especificados nos textos que provêm de órgãos públicos estabelecem as condições *necessárias e suficientes* para se lograr a acessibilidade. (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007, p. 381).

Segundo os mesmos autores, isso pode levar a problemas como a negação de se atender a reivindicações de pessoas com deficiência, pois se torna possível a alegação de que a lei foi cumprida (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007). Ou seja, ao se acreditar que a lei

estabelece as condições de acessibilidade necessárias/adequadas, em caso de pessoas com deficiência não sentirem que suas necessidades estejam sendo de fato atendidas, as reivindicações desse grupo podem ser invalidadas, visto que, supostamente, o mesmo já teria sido atendido pela aplicação das condições "necessárias" estabelecidas pela lei.

Apesar de serem as leis e normas que determinam condições mínimas de acessibilidade, muitas vezes o problema está na *atitude* de quem as aplica, que incorre no "*uso restrito das normas* [e leis]" (MAZZONI et al., 2001, p. 33, grifo do autor): aplicam apenas as condições mínimas estabelecidas pela legislação, enquanto poderiam tornar seus serviços e seu ambiente, além de adequados e acessíveis, também confortáveis para pessoas com deficiência.

Retomando o que foi exposto anteriormente, é por isso que a acessibilidade deve ser algo planejado, pensado cuidadosamente, para que não se produzam "*falsas soluções*" (MAZZONI et al., 2001, p.33, grifo do autor), que são as soluções de acessibilidade que não intencionalmente acabam mais por excluir do que incluir as pessoas com deficiência, numa espécie de "discriminação involuntária" (MAZZONI et al., 2001, p. 33). Em suas recomendações de medidas a serem tomadas por bibliotecas universitárias, Mazzoni et al. (2001) exemplificam esse problema, afirmando que a criação de uma sala totalmente acessível às pessoas com deficiência é algo a se levar em conta, pois poderia facilitar muito a vida desses usuários, mas aconselham que tal ambiente não deve ser de uso exclusivo de usuários com deficiência, já que isso constituiria uma falsa solução, pois, apesar de promover a acessibilidade, acabaria por ser também excludente. Essa idéia é reforçada pelas recomendações da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) para a acessibilidade na biblioteca para surdos:

> Deve ser observado, entretanto, que o objetivo principal de qualquer programa para a comunidade surda deve ser o de prover acesso igualitário a todos os programas e serviços que são usufruídos pelos usuários ouvintes da biblioteca. A implantação de programas e serviços especializados é uma resposta ao reconhecimento das necessidades especiais da clientela surda, mas *o programa especializado não deve se constituir na totalidade da experiência da biblioteca para os usuários surdos* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000, p. 6-7, grifo nosso).

Outro exemplo é o caso do acesso diferenciado para usuários em cadeiras de rodas ao acervo da Biblioteca Central (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina, mencionado por Mazzoni et al. (2001): como não há possibilidade de os mesmos passarem pela catraca, há uma passagem especial para os mesmos, que, no entanto, fica trancada. Então,

> o que era para ser uma vantagem passou a ser uma discriminação, pois coloca a pessoa em uma situação em que ela precisa se dirigir ao funcionário e "pedir licença para poder passar" (MAZZONI et al., 2001, p. 33).

Uma situação como essa ilustra bem a afirmação de que a construção da acessibilidade deve ser planejada com cautela e bom senso, pois, no que diz respeito aos deficientes físicos (e também aos outros), essa não é uma questão que se resume à criação de um espaço acessível fisicamente, mas que envolve acima de tudo, a construção de um ambiente inclusivo.

Esse tipo de situação discriminatória ocorre também em outros contextos. Por exemplo, Pupo e Vicentini (1998) destacam a importância da acessibilidade no contexto da inclusão das pessoas com deficiência às atividades de pesquisa e ensino, pois muitas vezes esses indivíduos são excluídos dessas atividades por falta de condições adequadas. Por exemplo, há barreiras arquitetônicas, como muitas escadas e falta de acesso por rampas e/ou elevadores; e barreiras políticas e sociais, como escassez de intérpretes de língua de sinais na universidade, além do próprio preconceito em relação a pessoas com deficiência (PUPO; VICENTINI, 1998). Essa questão é reforçada por Mazzoni et al. (2001, p. 33), quando diz que muitas vezes não se pensa na possibilidade de uma pessoa com necessidades especiais estar em uma posição de destaque:

> Sempre que for pensada a solução para o acesso de uma pessoa portadora de deficiência a um auditório, deve-se lembrar que ela pode ser inclusive o palestrante, o convidado especial, o artista em destaque, ou o professor responsável pelas aulas. Portanto se existe algum palco, ela deve ter acesso a ele. Se existe uma posição de destaque para o orador, ela tem o direito de estar nessa posição. Deixá-la apenas como platéia é um preconceito que precisa ser combatido.

Com base nesses exemplos, pode-se perceber e concordar com Mazzoni et al. (2001), que as principais dificuldades enfrentadas pelas pessoas portadoras de deficiência muitas vezes não são as arquitetônicas e urbanísticas, mas sim as atituidinais, ou seja, aquelas que refletem soluções equivocadas aos problemas de acesso desses usuários.

Para a construção da acessibilidade, em se tratando especificamente de pessoas com deficiência, também devem ser consideradas as diferenças entre pessoas que apresentam uma mesma deficiência, de forma que cada um seja tratado mais adequadamente, seja qual for o ambiente. A questão é que o conjunto que envolve pessoas com deficiência não é homogêneo e cada pessoa tem características únicas (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007). Tais diferenças surgem basicamente das experiências de cada um, das influências do ambiente, do contexto em que se adquiriu a deficiência e do contexto atual em que vivem (condição

financeira, de saúde, moradia, comunidade na qual está inserida, etc.), de suas habilidades (como escolaridade, capacidades específicas de comunicação e/ou expressão, etc.), apoios que recebe (humano, psicológico, tecnológico, etc.), entre outros fatores que competem para a individuação do sujeito (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Esses aspectos constituem as *discapacidades*, que são justamente essas diferenças entre pessoas com uma mesma deficiência (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007). Assim, várias pessoas podem ter deficiências semelhantes, mas viverem discapacidades diferentes, visto que isso é peculiar a cada uma (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007). Isso implica, por exemplo, que nem toda pessoa surda sabe a Língua de Sinais Brasileira[18] (Libras), que alguns deles são oralizados, que muitos deles não compreendem a língua portuguesa (especialmente quando a surdez é congênita ou foi adquirida muito cedo, antes de aprender a falar, a ler e escrever[19]), e que nem toda pessoa com deficiência visual sabe ler em Braille, que existem diferentes graus de surdez e deficiência visual, etc. Outros autores corroboram essa perspectiva da diversidade dentro do grupo de pessoas com deficiências semelhantes e diz-se que:

> […] enquanto a maioria das pessoas tem alguma audição remanescente que pode ou não se corrigida com o uso de aparelho auditivo, o impacto pode ser menor ou devastador dependendo: 1) da idade de início da perda auditiva; 2) grau da perda auditiva (leve, moderada, severa ou profunda); e, 3) *as habilidades individuais para lidar com a perda* [auditiva]. (COHEN, 2006, p. 2, grifo nosso).[20]

Logo, não é possível afirmar o que uma pessoa pode ou não fazer baseado unicamente em sua deficiência: é necessário considerar acima de tudo suas limitações e capacidades (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007), além dos aspectos particulares a cada pessoa, conforme exposto anteriormente. E ter consciência dessas diferenças é fundamental para se construir uma acessibilidade efetiva para pessoas com deficiência, pois é o que possibilita

---

[18] Sassaki ([2002], p.5) afirma que o termo correto é Libras, não LIBRAS, e, citando Capovilla (comunicação pessoal), afirma que é preferível que se utilize "Língua de Sinais Brasileira" em vez de "Língua Brasileira de Sinais, porque, dentre outras razões, "não existe uma Língua Brasileira, de sinais ou falada". Apesar de se encontrar em documentos legais a denominação "Língua Brasileira de Sinais", será aqui utilizado o termo proposto por Capovilla, como forma de propagar um termo que se considera mais adequado.

[19] Conferir Capovilla (2005).

[20] No original: "And while most people have some residual hearing that may or may not be rectified with hearing aid usage, the impact can be minor or devastating depending on: 1) the age of onset of the hearing loss; 2) degree of hearing loss (mild, moderate, severe or profound)"; and, 3) the individuals' ability to cope with the loss". (COHEN, 2006, p. 2, grifo nosso).

conhecê-las melhor, bem como suas reais necessidades e, a partir daí, projetar soluções adequadas às mesmas, pois

> A inobservância das diferenças existentes entre pessoas com um mesmo tipo de deficiência freqüentemente conduz a equívocos, alguns deles refletidos inclusive em documentos legais, bem como a uma inadequada utilização de recursos humanos, financeiros e tecnológicos (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007, p. 374).

Obviamente, isso também é válido para o contexto bibliotecário, e os profissionais da informação devem estar atentos a essas peculiaridades/diferenças a fim de que possam oferecer serviços adequados à variedade existente de usuários com deficiência, variedade esta que tem pouca visibilidade.

3.7 Acessibilidade na biblioteca para usuários Surdos e deficientes auditivos

Com relação à construção da acessibilidade para Surdos e pessoas com deficiência auditiva em uma biblioteca, as medidas adotadas estão relacionadas a diferentes aspectos, como atendimento, sinalização e iluminação do ambiente, e questões relativas ao acesso à informação propriamente dito, no que concerne à adequação do acervo a esse público usuário, já que, como afirmado anteriormente, há deficientes auditivos que têm dificuldades em compreender o texto escrito, pois como a leitura está ligada à fala, as pessoas que perdem a audição muito cedo, têm mais dificuldade com informação escrita (CAPOVILLA et al, 2005) e esse é o tipo de informação mais comum em uma biblioteca.

Cada um desses aspectos é relevante à concepção da acessibilidade para usuários Surdos e deficientes auditivos e, portanto, devem ser todos observados no planejamento de soluções voltadas para os mesmos. Conforme será visto, a questão da diferença entre pessoas com deficiências semelhantes também afeta o planejamento da acessibilidade.

A literatura apresenta algumas recomendações de acessibilidade no acesso à informação para Surdos e deficientes auditivos, relacionadas aos aspectos citados (e porventura outros também). Os tópicos seguintes tratarão separadamente de cada fator.

3.7.1 Atendimento e comunicação

No que concerne às medidas de acessibilidade relacionadas ao atendimento, Cohen (2006) aponta a necessidade de um intérprete de língua de sinais, tanto em razão da possibilidade de atender um usuário Surdo, quanto para uso desse tipo de comunicação no

próprio ambiente de trabalho, caso o quadro de pessoal conte com pessoa surda que use língua de sinais na comunicação. Aconselha ainda que sejam disponibilizados caneta e papel para usuários com surdez que prefiram se comunicar pela via escrita (COHEN, 2006).

De acordo com o Relatório *Diretrizes para Serviços de Biblioteca para Surdos* (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000), pelo menos um dos bibliotecários deve receber treinamento não só em língua de sinais, mas também em outras formas de comunicação de pessoas com surdez, que pode ser a comunicação escrita, fala (quando o surdo for oralizado), etc. E, por isso, o bibliotecário precisa conhecer sobre a surdez (CONEGLIAN; SILVA, 2006; PLAYFORTH, 2004): ele precisa entender, que os Surdos se diferenciam dos deficientes auditivos ,que nem toda pessoa com surdez sabe se comunicar por língua de sinais (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007), ou que tal pessoa prefere não se comunicar dessa forma, e, escolhendo a comunicação escrita, o profissional precisa saber que esse usuário pode ter certa dificuldade para se expressar, pois, conforme já foi afirmado, pode ser que a aquisição da leitura e da escrita não tenham sido satisfatórias, devido à falta de apoio educacional adequado para aprendizagem da escrita.

Esse tipo de recomendação é encontrado mesmo em normas específicas para a acessibilidade na comunicação, como a NBR 15599 (ABNT, 2008), segundo a qual um dos requisitos para intérprete de Libras é que este conheça aspectos da cultura Surda, já que isso permite conhecer mais a fundo as necessidades desse público, possibilitando melhor atendimento ao mesmo.

Então, a acessibilidade para Surdos e deficientes auditivos no atendimento não se resume ao treinamento de funcionários em língua de sinais, até porque pessoas que se identificam no segundo grupo normalmente não utilizam a língua de sinais. A construção da acessibilidade envolve todo um preparo do profissional acerca da cultura dos Surdos, de forma que ele saiba lidar adequadamente com esse público.

Outro ponto importante destacado pelo Relatório (IFLA, 2000 apud CONEGLIAN; SILVA, 2006) é que se recomenda identificar funcionários que demonstrem aptidão e/ou interesse em se envolver com a cultura Surda e a trabalhar com Surdos e deficientes auditivos, pois o interesse e a disposição favorecem um atendimento de fato mais receptivo e inclusivo, sem que se tenda à apatia ou a sentimentos de "pena" em relação a esse público. Recomenda-se também que caso o usuário Surdo esteja acompanhado de intérprete, o atendente não deve

se dirigir ao último, mas sim ao usuário (COHEN, 2006; ABNT, 2008), pois é com ele que está comunicando.

Recomenda-se também que o funcionário da biblioteca fique em uma posição que não impeça ou dificulte que seu rosto seja visto, como a ofuscação provocada pela luz, pois isso pode dificultar que se faça leitura labial, no caso de se atender Surdos oralizados, ou que gestos e sinais sejam identificados, caso seja necessário comunicar-se por língua de sinais (ABNT, 2004, 2008; COHEN, 2006; PLAYFORTH, 2004). Também é importante que o interlocutor não tenha o hábito de manter a mão ou outros objetos próximos à boca enquanto fala, a fim de não dificultar a leitura dos lábios (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

Vale ressaltar a recomendação de que se pergunte que tipo de comunicação o usuário Surdo ou deficiente auditivo *prefere* utilizar, se a oral (com ajuda da leitura labial), a escrita ou língua de sinais (COHEN, 2006), o que é extremamente indicado, pois, como afirmado anteriormente, a construção da acessibilidade também envolve o respeito às preferências de cada um no acesso e/ou uso de um produto, serviço, ambiente, entre outros. (TORRES; MAZZONI, 2004).

Apesar dessas medidas de acessibilidade encontradas na literatura serem recomendações, isto é, não terem poder de lei, por outro lado deve-se observar que há sim determinação legal acerca da acessibilidade no atendimento a pessoas Surdas, sendo que tais medidas não constituem apenas sugestões. O Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) estabelece que o atendimento prioritário a pessoas Surdas inclui o atendimento prestado por pessoas capacitadas em Língua de Sinais Brasileira (Libras) e também atendimento a pessoas com outras formas de deficiência auditiva, como a surdocegueira, e tratamento adequado a deficientes auditivos, que não se comunicam por Libras, o que exige também treinamento, justificando a necessidade de o profissional conhecer e se envolver com a cultura Surda, até mesmo para ter consciência da diferença entre Surdos e deficientes auditivos. Vale ressaltar que essas determinações reconhecem as diferenças entre pessoas com deficiências semelhantes, não incorrendo no erro apontado por Torres, Mazzoni e Mello (2007) de considerar o uso de Libras na comunicação como forma de comunicação comum para Surdos e pessoas com deficiência auditiva, o que revela uma preocupação em garantir a acessibilidade a todos, de fato.

3.7.2 INSTALAÇÕES FÍSICAS E AMBIENTE

Com relação ao espaço físico da biblioteca, a literatura é significativamente convergente quanto às recomendações para facilitar o acesso e uso do edifício por usuários com deficiência auditiva. Uma medida de acessibilidade para Surdos e deficientes auditivos na biblioteca freqüentemente apontada é a necessidade de boa sinalização e iluminação do ambiente (ABNT, 2004, 2008; COHEN, 2006; PLAYFORTH, 2004; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007). Isso é necessário porque, devido à perda auditiva, o Surdo e o deficiente auditivo guiam-se pela informação visual (SACKS, 2001), sendo necessário que o ambiente seja sinalizado, de preferência não só com textos, mas também com o uso de figuras com significado claro, sempre que possível, pois, associadas ao texto, facilitam sua compreensão (ROSA apud SILVA; MORAES, 2008). Caso haja necessidade de texto, recomenda-se que sejam curtos e claros, utilizando a forma direta na composição das frases, na voz afirmativa e ativa (COHEN, 2006; PLAYFORTH, 2004).

As questões relacionadas ao espaço físico e à sinalização têm ligação também com a iluminação, que de fato é uma preocupação relativa às condições das instalações físicas da biblioteca. Outra preocupação é a sinalização de serviços acessíveis a usuários Surdos (ABNT, 2004, 2008; PLAYFORTH, 2004). Deve haver sinalização em local visível de que há acessibilidade para deficientes auditivos, o que é indicado pelo símbolo internacional da surdez (ABNT, 2004, 2008), conforme Figura 1:

Figura 1 – Símbolo internacional de pessoas com surdez

a) Branco sobre fundo azul

b) Branco sobre fundo preto

c) Preto sobre fundo branco

Fonte: ABNT, 2004, p. 20.

Novamente, há determinação legal quanto a isso. O Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004, grifo nosso) determina em seu artigo 26 que "nas *edificações de uso público ou de uso coletivo*, é *obrigatória a existência de sinalização visual* e tátil para orientação de pessoas com deficiência auditiva e visual, em *conformidade com as normas técnicas de acessibilidade da ABNT*".

Não é possível, aqui, apresentar todas as recomendações da ABNT, mas, no geral, estabelecem que a sinalização deve ser contrastante, tanto em relação ao fundo do suporte onde está inscrito (por exemplo, o texto e/ou imagem em relação à placa) quanto em relação ao ambiente de fundo (paredes, chão, e outros), além de estabelecerem medidas como tamanho dos textos, tipografia, cores a serem utilizadas, por exemplo, que também devem ser contrastantes para facilitar a visualização por pessoas com surdez ou baixa visão (ABNT, 2004, 2008).

Com relação à divulgação dos serviços, há também recomendações para que essa ação extrapole a biblioteca e ocorra em outros lugares, principalmente aqueles mais freqüentados por Surdos e deficientes auditivos, como unidades de serviço social, organizações especializadas em pessoas com deficiência, departamentos de audiologia, aulas de leitura labial, associações de Surdos e deficientes auditivos, entre outros locais, ou visita pessoal a esses locais pela equipe da biblioteca para divulgação desses serviços (PLAYFORTH, 2004), sendo possível acrescentar encontros e congressos sobre acessibilidade, tanto por meio de trabalhos científicos quanto de *marketing* sem intenção de comunicação de produção científica ou acadêmica. Sugere-se também que os serviços acessíveis não sejam divulgados somente quando o objetivo for promover a biblioteca a pessoas com deficiência, mas sim informar a acessibilidade da biblioteca em toda publicidade da mesma (CONEGLIAN; SILVA, 2006).

3.7.3 ADAPTAÇÃO DO ACERVO

Essa é uma questão importante na construção da acessibilidade para pessoas com surdez em bibliotecas e também é bastante apontada pela literatura (ABNT, 2008; COHEN, 2006; PLAYFORTH, 2004). Conforme já afirmado, pessoas com perda auditiva têm mais facilidade em construir uma linguagem visual como primeira língua (SACKS, 2001) e uma falha das bibliotecas em relação a surdos e deficientes auditivos é a falta de recursos visuais de seu acervo (SILVA; MORAES, 2008).

Com relação a isso, todos os autores que abordam essa questão apontam que o acervo audiovisual da biblioteca deve estar legendado, sendo que três citam a necessidade de legenda

detalhada[21] (em texto) e tradução para Libras (ABNT, 2008; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004) e um cita apenas a legenda textual (COHEN, 2006). Com base em todas as idéias apresentadas anteriormente, ressalta-se que é extremamente recomendável que materiais audiovisuais estejam legendados das duas formas, pois o acervo deve respeitar a diversidade entre Surdos e pessoas com deficiência auditiva, devendo servir tanto aos Surdos, que se comunicam por língua de sinais, quanto aos deficientes auditivos, que não se comunicam dessa forma ou que *preferem* ter acesso à informação escrita. Além disso, a presença dos dois tipos de legenda (em texto e em Libras) favorece a redundância da informação, isto é, a possibilidade de se acessar e captar uma mesma informação através de maneiras diferentes (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002; TORRES; MAZZONI, 2004; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

E não só o acervo audiovisual deve estar legendado, como a biblioteca deveria acrescentar esse tipo de material ao seu acervo, tendo em vista que alguns Surdos têm dificuldades em compreender informação escrita (nesse caso a tradução para Libras poderia ser útil a essas pessoas). Nesse sentido, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm um importante papel, pois facilitam que se crie um acervo digital com recursos multimídia, podendo ser desenvolvida até mesmo uma coleção digital especial para e/ou sobre Surdos e deficientes auditivos, contendo documentos acerca da surdez, do ponto de vista clínico e cultural; sobre e de autores que são Surdos ou deficientes auditivos; obras sobre teatro surdo; etc., de forma a divulgar e valorizar a cultura Surda para pessoas com surdez e para ouvintes (PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008). Também poderiam ser agregados outros recursos, como um dicionário de Libras eletrônico, que poderia ser disponibilizado na Internet, em CD-ROM, DVD, etc.

Um exemplo de medida a ser adotada pela biblioteca é o projeto realizado por Clélia Regina Ramos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a *Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português em CD-ROM*, publicada pela Editora Arara Azul (CORRADI, 2007). O objetivo do projeto é dar acesso a uma coletânea de clássicos da literatura mundial, sendo voltado para crianças e jovens surdos. Utilizou-se o CD-ROM como

[21] Segundo a NBR 15599 (ABNT, 2008, p. 3, grifo do autor), legenda detalhada "inclui, além das falas dos personagens em cena, informações e falas de personagens em *off* (fora de cena) e a transcrição de sons não literais, desapercebidos sem o uso da audição". Ou seja, esse tipo de legenda é essencial para pessoas com deficiência auditiva, pois permite que a informação sonora seja percebida visualmente (princípio da redundância).

suporte, onde os textos são apresentados em Libras e em língua portuguesa escrita, havendo também a existência de um glossário com os sinais de cada história, sinais dos personagens e vocabulário, possibilitando um entendimento melhor da narração que será feita, como mostra a Figura 2.

A presença da narração em Libras e do texto em português permite o uso simultâneo por Surdo, deficientes auditivos e ouvintes, favorecendo a integração entre os mesmos. Além disso, pode contribuir para que os alunos Surdos aprimorarem tanto os conhecimentos em Libras quanto em língua portuguesa. Corradi (2007, p.85, grifo nosso) afirma que:

> Os responsáveis pelo projeto destacam que a tradução cultural dos textos têm o objetivo de apresentar para os Surdos uma *possibilidade de acesso* a literatura de maneira compreensível em LIBRAS. […] [Além disso, este] material é muito importante no processo de *inclusão digital, social e escolar dos Surdos*, pois possibilita sua participação inclusiva na sociedade por meio do acesso à literatura clássica com independência e autonomia.

Figura 2 – Interface de "Iracema", de José da Alencar (Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português em CD-ROM)

Fonte: CORRADI (2007, p. 83).

Algo semelhante poderia ser feito em outros tipos de bibliotecas. Obviamente a adaptação de obras escritas e impressas para vídeos em língua de sinais é um trabalho que requer muitos recursos, tanto financeiros quanto humanos, exigindo o envolvimento de uma equipe multidisciplinar. Isso pode tornar projetos como o de Clélia Ramos inviáveis em alguns contextos. Contudo, em bibliotecas que podem contar com o apoio de outras instituições, sejam elas governamentais ou privadas, essa é uma medida a ser pensada e tentada. Também é evidente que não é possível adaptar todo o acervo de uma biblioteca para vídeos em língua de sinais. Por isso, o mais sensato é proceder de maneira semelhante ao que foi feito na *Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português em CD-ROM*, adaptando-se as obras mais clássicas e que são de interesse dos usuários Surdos.

A preocupação em relação ao acervo vai além da oferta de materiais audiovisuais devidamente legendados. É importante também que as bibliotecas valorizem em seus acervos a literatura Surda (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008). De acordo com Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (2000, p. 13),

> Tais materiais devem incluir materiais atuais e históricos relacionados à surdez, trabalhos de autoria de e sobre artistas surdos e outros surdos famosos, materiais relacionados à língua de sinais e a outros modos de comunicação, documentos governamentais, materiais legais e periódicos relacionados à surdez, etc.

Esses materiais podem ser úteis não só aos usuários Surdos, mas para qualquer indivíduo, Surdo ou ouvinte, interessado em obter informações sobre a surdez, identidade e cultura Surdas, obras de autores Surdos, entre outros (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000). A presença desses materiais na biblioteca e a possibilidade de acesso também para ouvintes podem contribuir para dar maior visibilidade social ao Surdo e às suas necessidades, além de desmitificar noções erradas acerca da surdez, favorecendo uma maior aceitação social da mesma.

3.7.4 Uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na construção da acessibilidade para pessoas com deficiência auditiva

Outra questão que tem ligação com as instalações físicas é a adequação dos equipamentos de informática, como computadores ou terminais de acesso internet, bem como seus periféricos, como *mouse*, teclado, monitor, caixas de som, entre outros. Têm-se como

adequações dos equipamentos de bibliotecas para prover acessibilidade a usuários deficientes auditivos "opções de controle de áudio, no hardware disponível pela biblioteca" (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002, p. 88), o que é uma medida que considera as diferenças entre pessoas com deficiência auditiva e pessoas Surdas, pois leva em conta a acessibilidade não só aqueles que têm surdez profunda, mas também pessoas com surdez leve, nível no qual ainda pode haver capacidade de reconhecimento de alguns sons, com ou sem a ajuda de aparelhos auditivos (PARÂMETROS…, 1998).

Recursos tecnológicos adequados e acessíveis são importantes, mas o uso das TICs na construção da acessibilidade para pessoas com deficiência não se resume a isso. O espaço digital, por exemplo, representa um meio de potencialização da inclusão de Surdos e deficientes auditivos na medida em que amplia as possibilidades de comunicação dos mesmos, permitindo até mesmo que eles se comuniquem com deficientes visuais, o que é mais difícil pela comunicação pessoal e muitas vezes exige a mediação de terceiros.

Além disso, a tecnologia também pode facilitar adequações do acervo ao se disponibilizar obras com legenda oculta e com tradução para Libras em uma biblioteca digital, por exemplo. A tecnologia reduziria, então, gastos com confecção de material adaptado em suportes físicos[22], como fitas VHS, DVDs, e outros.

A acessibilidade no espaço digital também deve ser bem projetada, a fim de que as TICs não se constituam nova forma de exclusão das pessoas com deficiência (CORRADI; NORTE, 2005), pois na sociedade atual essas tecnologias são imprescindíveis à vida pessoal e profissional, sendo fundamentais para uma real inclusão na sociedade contemporânea, além de constituírem uma importante fonte de informação, não se devendo, portanto, excluir as pessoas com deficiência do uso e potencial benefício do espaço digital.

Para que o uso das TICs favoreça a acessibilidade, deve-se atentar a todos os aspectos aqui apresentados, mas especialmente a premissa do *design for all* e da redundância da informação: uma página *Web* da biblioteca, ou uma biblioteca digital, por exemplo, devem ser passíveis de uso por todos, independentemente de deficiência, condições sensoriais diferentes ou de qualquer limitação (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002). Para Surdos e deficientes auditivos é muito importante que a informação sonora possa ser captada visualmente, da

[22] Apesar de se aceitar que "o virtual estará sempre baseado em alguma estrutura física", e, portanto, essa diferenciação entre suporte físico e virtual não significar muita coisa (MIRANDA; SIMEÃO, 2003, p. 3), o espaço virtual ou digital para a questão da adequação do acervo da biblioteca para deficientes auditivos pode ser vantajoso: se por um lado a manutenção de uma biblioteca digital exige máquinas melhores, o que gera gastos, por outro elimina a necessidade de reorganização ou liberação de parte do acervo para incluir novos materiais.

mesma forma que a informação visual possa ser captada auditivamente por deficientes visuais (daí a importância da redundância), o que é o caso, por exemplo, dos sistemas de alerta (como os de recebimento de mensagem): devem ter, sempre que possível, sinalização visual, sonora e porventura outra forma, a fim de atender a *todos* os usuários do sistema. Além disso, no que diz respeito a pessoas com perda auditiva, a informação deve ser clara, concisa e objetiva, o menos extensa possível e priorizando a ordem direta das frases, a voz ativa e afirmativa, conforme Cohen (2006) sugere para a comunicação com Surdos e deficientes auditivos.

Um exemplo de adaptação para Surdos na biblioteca utilizando as tecnologias de informação e comunicação como meio de prover acessibilidade é reportado por Sousa et al. ([2010]). Os autores relatam a experiência da criação de uma ferramenta aplicada ao *site* do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC) que possibilita ao usuário Surdo acesso alternativo às informações contidas em apresentações de slides disponíveis no *site*, por meio de janelas de vídeo com a transcrição do conteúdo em Libras. É perceptível aí o princípio da redundância da informação, pois ela pode ser acessada por mais de uma maneira, em texto ou em Libras. Apesar de a Libras ser a língua identificada com a cultura Surda e, portanto, ser prioritariamente utilizada pelos indivíduos inseridos nesse meio (os Surdos), o projeto realizado na UFC demonstra respeito às preferências do público ao qual é destinado ao permitir acesso simultâneo à tradução em Libras e ao conteúdo original, reconhecendo que o indivíduo Surdo pode preferir ler a informação em texto.

3.8 Impraticabilidade

De acordo com a NBR 9050 (ABNT, 2004, p. 3), impraticabilidade é a "condição ou conjunto de condições físicas ou legais que possam impedir a adaptação de edificações, mobiliário, equipamentos ou elementos à acessibilidade". Apesar de tal definição citar apenas impossibilidades de adaptações que dizem respeito a espaço físico e mobiliário, o termo será tomado aqui em sentido mais amplo, envolvendo não só a impraticabilidade física, mas também aquelas ligadas a questões financeiras, recursos humanos, e outros aspectos que possam ser incluídos.

Como é possível perceber, as recomendações de acessibilidade encontradas na literatura são muitas, sendo que nem todas foram citadas. Mesmo as medidas aqui apresentadas não são simples, pois, como dito anteriormente, a acessibilidade precisa ser bem

planejada para que atenda às reais necessidades do grupo focado, evitando-se incorrer em equívocos e nas falas soluções apontadas por Mazzoni et al. (2001).

As bibliotecas muitas vezes não têm condições financeiras e/ou disponibilidade de recursos humanos para adotar as medidas de acessibilidade sugeridas pela literatura ou requeridas pela legislação. Por isso é necessário que a biblioteca realize estudos acerca de seus usuários Surdos e deficientes auditivos, traçando um perfil desse público, buscando conhecer as necessidades reais e mais urgentes dos mesmos, a fim de evitar gastos desnecessários em mudanças inadequadas e/ou não demandadas, de forma que se possa projetar medidas que atendam de fato às expectativas desses usuários. Mazzoni et al. (2001) sugerem que sejam contratadas pessoas com deficiência para atuar na biblioteca, pois elas compreendem melhor as necessidades de usuários que também têm deficiência. Uma alternativa é criar um grupo de consulta formado por Surdos e pessoas com deficiência auditiva, que represente a diversidade existente entre essas pessoas, a fim de que as mais variadas necessidades dos usuários da biblioteca possam ser incluídas no planejamento da construção da acessibilidade (PLAYFORTH, 2004).

3.9 Uso da biblioteca por Surdos

Estudos de usuários com Surdos os ainda são escassos, principalmente aqueles que tratam do uso da biblioteca por esses indivíduos. No geral, a literatura aponta que há pouca utilização da biblioteca por Surdos, sendo o principal motivo a dificuldade que alguns deles têm na leitura da língua vernácula, no caso do Brasil, a língua portuguesa (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]). Pelo fato de o acervo das bibliotecas se constituírem predominantemente por materiais tradicionais, concebidos em linguagem escrita, como livros e periódicos, por exemplo, as pessoas Surdas que não dominam a língua escrita encontram dificuldade no acesso à informação disponível na biblioteca. E, nesse sentido, reforça-se a necessidade de acervo com informação mais visual, com mais recursos audiovisuais adaptados com legenda detalhada (*open captioned*) e com janela com intérprete de Libras (ABNT, 2008; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008).

O estudo realizado por Silva e Moraes (2008, p. 5) identificou que, dentre os motivos para o não uso da biblioteca apontado pelos usuários Surdos entrevistados, os principais

foram a “dificuldade no acesso (55,56%) e por não conhecerem a sua localização (38,89%)”. Contudo, os autores não deixaram claro se essa dificuldade no acesso é em relação ao edifício da biblioteca ou em relação ao acesso à informação, apesar de que dão a entender que seja o primeiro caso (acesso ao edifício).

Ao estudar o comportamento informacional de pós-graduando Surdos membros do Grupo de Estudos Surdos (GES) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Coneglian e Casarin (2007) também identificaram pouco uso da biblioteca por pessoas Surdas. Porém, nesse caso não foi por dificuldades de leitura ou acesso, sendo o motivo indicado pelos indivíduos entrevistados o fato de o “[…] GES possuir um acervo considerável para as necessidades de suas pesquisas” (CONEGLIAN; CASARIN, 2007).

Pela pouca quantidade de pesquisas com Surdos na área de estudo de usuários, este trabalho é voltado, também, para o estudo do uso da biblioteca por usuários Surdos. Buscará identificar possíveis dificuldades no acesso à informação por parte desse público, de forma a confirmar ou não a hipótese levantada pela literatura de que a dificuldade de alguns Surdos em compreender a língua vernácula, associada ao despreparo das bibliotecas para atender pessoas com perda auditiva afasta esses indivíduos da biblioteca.

4 METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir de três pesquisas: pesquisa documental, pesquisa descritiva e pesquisa exploratória.

A pesquisa documental constitui-se de levantamento bibliográfico, que resultou em revisão de literatura, apresentada na seção 3. A revisão aborda temas como: Sociedade da Informação e o papel da biblioteca nesse novo contexto, deficiências, identidade e culturas Surdas, concepções de acessibilidade e, mais especificamente, acessibilidade para usuários surdos no ambiente da biblioteca e o uso da biblioteca por esse público. A coleta de documentos foi feita por meio de pesquisas em:

- Motores de busca da Internet, como Google e Google Acadêmico;
- *Sites* de revistas especializadas na área de biblioteconomia e ciência da informação, como a revista Ciência da Informação, Perspectivas em Ciência da Informação, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Informação & Sociedade, entre outras;
- Portal de periódicos Capes;
- Catálogo da Biblioteca Central da Universidade de Brasília;
- Biblioteca Digital de Monografias da Universidade de Brasília;
- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, do Ibict, entre outras fontes.

Algumas palavras-chave utilizadas para a pesquisa foram: “acessibilidade na biblioteca”, “acessibilidade na biblioteca para surdos”, “biblioteca para surdos”, “acessibilidade para pessoas com deficiência”, “diferença entre deficiente auditivo e surdo”, “surdez”, “surdo”, “cultura surda”, “identidade surda”, “identidade e cultura surdas”, “Sociedade da Informação”, “papel da biblioteca”, “importância da biblioteca”, “accessibility for hearing impaired”, “library and the deaf”, “library for the deaf”, “library use by the deaf”, “deaf identity”, “deaf culture” entre outros. Foram recuperados e selecionados documentos de diferentes tipos, predominantemente da área de biblioteconomia e ciência da informação, e educação e pedagogia, tais como artigos de periódicos, trabalhos apresentados em eventos, livros, monografias e dissertações.

A pesquisa descritiva é o reconhecimento do ambiente onde a pesquisa foi realizada, discriminando-se os sistemas que o compõem. São eles: a Universidade de Brasília (UnB); o Instituto de Letras da UnB; o Departamento de Língüística, Línguas Clássicas e Vernáculas

(LIP), que é o centro de coordenação do Curso à Distância de Letras-Libras, pólo da UnB e, por fim, a Biblioteca Central da UnB.

As informações a respeito da Universidade de Brasília e da Biblioteca Central da UnB (BCE) foram obtidas em seus respectivos *sites* e em livros sobre as instituições. Informações sobre o Instituto de Letras (IL) e o Departamento de Lingüística, Português e Línguas Vernáculas (LIP) foram obtidas em seus respectivos *sites*. As informações sobre o LIP foram complementadas por meio de conversa com a coordenadora do LIP e do Curso à Distância de Letras-Libras no pólo da UnB, a professora Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

Para realização da pesquisa exploratória, foi utilizada a entrevista para a coleta dos dados. Esse método foi escolhido por esta ser uma pesquisa de caráter qualitativo e, dessa forma, a entrevista é instrumento de coleta adequado à obtenção de respostas mais aprofundadas e abrangentes sobre o assunto, necessárias a esta pesquisa. O universo desta pesquisa é o Curso à Distância de Licenciatura Letras-Libras, pólo da UnB, por sua representatividade em relação aos alunos surdos da UnB, com uma amostra significativa do total de alunos.

A pesquisa exploratória contou, também, com uma breve entrevista com Ana Regina Campello, Surda, professora de Libras e formada também em biblioteconomia. O contato com ela ocorreu por meio de e-mail e foram feitas para ela duas das perguntas do roteiro para entrevista com os alunos Surdos do Curso de Letras-Libras (questão 7, adaptada, e questão 9).

Os dados foram coletados com o auxílio de intérprete de língua de sinais. Os resultados possibilitaram a elaboração de quadros sintetizadores das respostas dos entrevistados.

5 ESTUDO DE CASO: O ACESSO À INFORMAÇÃO PELOS ESTUDANTES SURDOS DA UNB

O estudo de caso foi realizado a partir de uma pesquisa descritiva e de uma pesquisa exploratória. A primeira destina-se à contextualização do ambiente da segunda, isto é, apresenta as instituições envolvidas com o universo e a amostra da mesma. A pesquisa exploratória tem o objetivo de verificar as demandas por medidas de acessibilidade para melhorar o acesso à informação para o surdo na biblioteca. As pesquisas descritiva e exploratória são apresentadas com mais detalhes nas subseções a seguir.

5.1 Universidade de Brasília

A Universidade de Brasília (UnB), inaugurada em 21 de abril de 1962, surgiu com a intenção de renovar o ensino superior. Para isso, foi elaborado o Plano Orientador, que define a concepção, as regras e a estrutura da universidade (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2008b).

> O Plano Orientador da Universidade de Brasília aprovado pelo conselho diretor da FUB estabelecia que a nova universidade começaria a *constituir-se em torno de oito institutos centrais, cujo desdobramento em departamentos e faculdades seria estabelecido oportunamente*. Entretanto, a universidade não esperou essas definições para entrar em funcionamento. Uma resolução o conselho diretor autorizou a implantação imediata de três cursos transitórios (considerados cursos-tronco) que constituíram o embrião da UnB. Eram eles os cursos de direito, economia e administração; arquitetura e urbanismo; e letras brasileiras, abrangendo literatura e jornalismo. (BOMENY, Helena, c2009, grifo nosso)

Os primeiros estatutos, aprovados em 1962, indicavam um modelo universitário que "se baseava na aplicação do *princípio da autonomia universitária e na estreita articulação entre ensino e pesquisa*" (BOMENY, c2009, grifo nosso).

Esse princípio de autonomia está garantido na Lei nº 3.998, de 15 de Dezembro de 1961 (BRASIL, 1961), o qual determina em se Artigo 13 que: "A Universidade gozará de autonomia didática, administrativa, financeira e disciplinar, nos têrmos dos Estatutos da Fundação e dos seus próprios estatutos". Darcy Ribeiro, discorrendo sobre a autonomia da nova universidade, proferiu:

> A UnB foi organizada como uma Fundação, a fim de libertá-la da opressão que o burocratismo ministerial exerce sobre as universidades federais. Ela deveria reger a si própria, livre e responsavelmente, não como uma empresa,

> mas como um serviço público e autônomo (RIBEIRO apud UNIVERSIDADE DE BRASÍLA,c2008b).

Sendo fruto dessa tendência inovadora, a UnB foi a primeira instituição do Brasil "dividida em institutos centrais e faculdades [e] criou os cursos-tronco, nos quais os alunos tinham uma formação básica e, depois de dois anos, estudavam as matérias específicas" (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2006). Como legado dessa estrutura e do modelo tridimensional de ensino, pesquisa e extensão (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2008d; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2007b) tem-se uma universidade que provê maior interdisciplinaridade na formação do indivíduo, legado identificado pela estrutura de disciplinas optativas e de módulo livre, que propiciam uma formação mais ampla. Discorrendo sobre o sistema duplo e integrado dos institutos e faculdades, o Plano Orientador (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 22) demonstra as vantagens desse sistema, o qual dá "ao estudante a oportunidade de optar por uma orientação profissional quando mais amadurecido e melhor informado sobre os diferentes campos a que se poderia devotar". Isso seria possível porque uma das atribuições dos Institutos Centrais previstas no Plano Orientador era a de ministrar "cursos introdutórios para todos os alunos da Universidade, a fim de lhes dar preparo intelectual e científico básico para seguir os cursos profissionais nas Faculdades" (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 21).

> Quando estiverem em funcionamento os diversos Institutos Centrais, todas as Faculdades e Órgãos Auxiliares, alunos e professôres viverão numa comunidade efetivamente universitária. O estudante de medicina fará sua formação científica básica junto com o de engenharia, por exemplo, nos mesmos Institutos Centrais […]. Os Museus, o Instituto de Arte, a Biblioteca Central, a Rádio Universidade de Brasília funcionarão como centros de integração que, além de suas funções específicas, permitirão constituir um lastro de experiência cultural básica para todos os que passem pela Universidade, qualquer que seja a carreira que abracem (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 22, grifo nosso).

O Plano Orientador introduziu outras inovações, além da divisão em institutos centrais e faculdades, como por exemplo: flexibilidade curricular; disciplinas de serviços aos vários cursos; sistema de créditos; escolha da especialização no decorrer da formação; currículo dos cursos com grande porcentagem de disciplinas optativas (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2007b).

Atualmente, a UnB possui (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2008c, 2011):

- Um total de 106 cursos, sendo 94 cursos presenciais e 12 a distância, 26 institutos e faculdades;
- Quatro campi universitários: Darcy Ribeiro, Ceilândia, Gama e Planaltina;

- 19 centros de pesquisa;
- Seis decanatos;
- Seis órgãos complementares: Biblioteca Central, Centro de Informática, Editora Universidade de Brasília, Fazenda Água Limpa, UnBTV e Hospital Universitário de Brasília. Além de outras divisões.

Anteriormente, os seis órgãos complementares foram incluídos na Lei 3.998 de 15 de dezembro de 1961 (BRASIL, 1961) com as seguintes denominações: biblioteca central, estação radiodifusora, Departamento Editorial do Centro Recreativo e Cultural.

5.2 Instituto de Letras da Universidade de Brasília

O Instituto de Letras da Universidade de Brasília (IL) foi fundado no mesmo ano de inauguração da UnB, em 1962, com o nome de Instituto Central de Letras, nome modificado pelo Estatuto da Universidade de Brasília, aprovado em 1970 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2011b). Compõe-se de três departamentos, os quais são:

- Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP);
- Línguas Estrangeiras e Tradução (LET);
- Teoria Literária e Literatura (TEL).

O Instituto de Letras oferece cursos diurnos e noturnos os quais sejam (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2011a):

- Diurnos (2 cursos) .
  - Curso de Letras:
    - Português (Licenciatura e Bacharelado) (LIP);
    - Inglês (Licenciatura e Bacharelado) (LET);
    - Francês (Licenciatura e Bacharelado) (LET);
    - Português do Brasil como Segunda Língua – PBSL (Licenciatura) (LIP).
  - Curso de Letras-Tradução:
    - em Inglês (Bacharelado), (LET);
    - em Francês (Bacharelado), (LET);
- Noturnos (3 cursos).
  - Curso de Letras-Tradução em Espanhol (LET).
  - Letras Português (Bacharelado), (LIP);

- Letras Espanhol (Licenciatura), (LET);
- Letras Japonês (Licenciatura), (LET);

Na pós-graduação, são oferecidos os cursos de (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2011a):

- Mestrado em Lingüística Aplicada (LET);
- Mestrado e Doutorado em Lingüística (LIP) e
- Mestrado e Doutorado em Teorias Literárias e Literatura (TEL).

5.2.1 DEPARTAMENTO DE LÍNGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS (LIP)

O Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas (LIP) oferece, na graduação, os seguintes cursos:

- Letras Português (Bacharelado);
- Letras Português (Licenciatura);
- Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL);

O *site* do departamento indica a existência do Curso de Letras Português e Respectivas Literaturas (LPRL), mas tal curso não consta na lista mais atual de opções do vestibular da UnB (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2011).

Na pós-graduação, oferece os cursos de Mestrado e Doutorado em Lingüística (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2007a).

O Departamento é centro coordenador do Curso à Distância de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília. Tal curso não faz parte da oferta de cursos da Universidade de Brasília, mas sim da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Assim sendo, não há a opção "Letras-Libras" no vestibular da UnB. O vestibular para o curso é feito pela UFSC, mas as provas também são aplicadas nos pólos do Curso à Distância (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2008).

Segundo a professora Heloisa Salles[23], inicialmente a relação do Departamento com os surdos acontecia por meio do Curso de PBSL, cujo objetivo é o ensino da língua portuguesa para pessoas cuja língua materna seja outra que não o português, como estrangeiros, indígenas e o surdo. Eram oferecidos também cursos de extensão para pessoas Surdas, intérpretes e professores de alunos Surdos, com foco no ensino da língua portuguesa para Surdos.

[23] Professora do Departamento de Língüística, Línguas Clássicas e Vernáculas (LIP) da UnB e coordenadora do curso de Letras-Libras do pólo da UnB.

Atualmente, a relação do Departamento com os surdos estreitou-se, pois, como dito anteriormente, este se tornou o centro coordenador do curso de Letras-Libras no pólo da UnB, após a UnB ter firmado um convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (informação verbal)[24].

5.3 Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras

O curso de Letras-Libras foi desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a modalidade à distância foi criada em 2006, pela Resolução nº 007/CEG/2006 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2006). Há duas habilitações no curso: Licenciatura e Bacharelado, que têm propostas diferenciadas. Conforme informações do *site* do curso:

> O curso de Licenciatura tem como objetivo formar professores de Libras, e o Bacharelado tem como objetivo formar tradutores/intérpretes de Libras/Português. O público-alvo da Licenciatura são instrutores surdos da Libras e surdos fluentes em língua de sinais que tenham concluído o ensino médio, e o público-alvo do Bacharelado são ouvintes fluentes em língua de sinais que tenham concluído o ensino médio (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]b).

Vale ressaltar que a Licenciatura em Letras-Libras não é exclusiva para surdos. De acordo com a professora Heloisa Salles, dá-se preferência para que estudantes surdos ocupem as vagas da licenciatura, pois, como o curso visa formar professores de Libras, preza-se pela admissão de falantes nativos da língua de sinais, em outras palavras, os surdos (informação verbal)[25]. Dessa forma, mesmo que a nota do concorrente surdo seja menor que a do ouvinte, o primeiro tem preferência para ocupar a vaga no curso de licenciatura. Conforme estabelece o Decreto 5626 (BRASIL, 2005):

> Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.
>
> Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no caput.

[24] Informação obtida em conversa com a professora Heloisa Salles, na Universidade de Brasília, em 7 de novembro de 2011.

[25] Informação obtida em conversa com a professora Heloisa Salles, na Universidade de Brasília, em 7 de novembro de 2011.

Apesar de o Curso ser à distância, há aulas presenciais nos pólos dos cursos[26] que correspondem a cerca de "30% da carga horária de cada disciplina", e envolve atividades diversas, como avaliações; acompanhamento do desempenho no curso, com encontros para tirar dúvidas e aprofundar discussões; acompanhamento de estágio supervisionado, entre outras atividades (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]a).

Segundo Heloisa Salles (informação verbal)[27] e de acordo o *site* do referido curso, os alunos têm acesso aos seguintes recursos para seus estudos: "material didático impresso; material didático on-line através do ambiente de ensino no www.libras.ufsc.br, e; material didático em Libras gravado em DVD" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]a), sendo necessário destacar que o material disponível no site do curso inclui vídeos em Libras. Os estudantes do curso de Letras-Libras contam com o apoio de uma equipe formada por professores das disciplinas, professor tutor, intérpretes e monitor (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]a).

5.4 Biblioteca Central da Universidade de Brasília

A Biblioteca Central da UnB (BCE) foi criada em 1962, no mesmo ano de inauguração da UnB, especificamente no mês de março, tendo como sua primeira instalação dois andares no edifício do Ministério da Educação e Cultura, no bloco 1 da Esplanada dos Ministérios (GUALBERTO, [20--?]).

Em julho de 1962, muda-se para a sua primeira instalação na própria universidade, a Sala de Papiros, sendo transferida novamente para o térreo e o subsolo do Edifício SG-12, em janeiro de 1964. Em janeiro de 1973, a BCE instala-se para o seu local definitivo, oriundo de projeto elaborado por arquitetos do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (CEPLAN) em trabalho conjunto com bibliotecários, financiado por meio do programa de desenvolvimento do ensino superior no Brasil, com a parceria entre o Ministério da Educação

[26] De acordo com o *site* do curso, os pólos os pólos são: Norte: UEPA, UFAM; Nordeste: CEFET/RN, UFBA, UFC, UFPE; Centro-oeste: CEFET/GO, UFGD, UnB; Sudeste: CEFET/MG, INES/RJ, UFES, USP, UNICAMP; Sul: UFSC, UFSM, UFRGS, UFPR são (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]c).

[27] Informação obtida em conversa com a referida professora em 14 de maio de 2011.

e Cultura e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, além de recursos da Fundação Ford[28], esta que também prestou auxílio na composição do acervo (POOLE, 1973).

A Biblioteca Central foi implantada como reflexo do ideal de universidade integrada presente no projeto da UnB, e também por ser um sistema que evita gastos com duplicação de aquisição de materiais e de processamento técnico.

> A Universidade de Brasília, fundada como um impulso de renovação do ensino superior no Brasil, implantou entre nós o conceito de Biblioteca Central Universitária, opondo-se à tradição inadequada da multiplicidade de bibliotecas dispersas em departamentos e faculdades. Numa época em que as ciências se imbricam cada vez mais, em que surgem novas especializações interdisciplinares, em que a universidade integrada é uma realidade ativa, aquela tradição surgida da própria formação tumultuada da universidade brasileira – o ajuntamento de escolas autônomas e desconexas – teria de ser implantada por uma concepção nova e dinâmica (VOLPINI, 1973, prefácio).

Em função da centralização, a Biblioteca Central localiza-se no centro demográfico do campus, na Praça Maior, localização destinada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer (POOLE, 1973).

Atualmente a Biblioteca Central possui um acervo com cerca de 1.465.061itens e atende a cerca de 417.150 usuários por ano, com média de 2.500 por dia (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, c2008a, 2011).

5.5 Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória é de caráter qualitativo e, portanto, para a coleta dos dados utiliza a entrevista estruturada. As questões feitas aos entrevistados buscaram possibilitar, primariamente, a caracterização do grupo pesquisado e, em seguida, identificar os seguintes aspectos:

- Uso ou não da biblioteca como fonte de pesquisa;
- Possíveis dificuldades no uso da biblioteca;
- Problemas de comunicação no atendimento;

[28] "A Fundação Ford é uma organização privada, sem fins lucrativos, criada nos Estados Unidos para ser uma fonte de apoio a pessoas e instituições inovadoras em todo o mundo, comprometidas com a consolidação da democracia, a redução da pobreza e da injustiça social e com o desenvolvimento humano" (FUNDAÇÃO…, [20-?]). Dentre as várias atividades que financia estão as que "fortaleçam, expandam e melhorem as instalações educacionais e métodos para capacitar os indivíduos a realizar mais plenamente o seu potencial intelectual, cívico e espiritual; [que] promovam maior igualdade de oportunidades educacionais" (FORD FOUNDATON, c2011, tradução nossa).

- Comportamento dos usuários pesquisados, buscando-se identificar quais as principais fontes de pesquisa que eles utilizam para obter informação para seus estudos.

A pesquisa exploratória tem como objetivo verificar se usuários surdos de biblioteca têm dificuldades no uso da biblioteca e, caso possuam, identificar quais são elas, a fim de constatar se as dificuldades dos surdos apontadas na literatura são identificadas no grupo pesquisado. Também busca verificar se essas dificuldades influenciam na freqüência com que esses usuários utilizam a biblioteca, a fim de saber se existe demanda do grupo pesquisado por medidas de acessibilidade e, em caso afirmativo, quais são elas. A referida influência das dificuldades no uso da biblioteca por usuários surdos será avaliada principalmente em função da dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita que alguns surdos possuem, fato que, segundo a literatura, afasta o público surdo da biblioteca, pelo motivo de no acervo das bibliotecas muitas vezes predominar os materiais cujos conteúdos são apresentados em língua portuguesa escrita (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]).

Outro aspecto investigado nesta pesquisa é a identificação das principais fontes de pesquisa que não a biblioteca, especialmente em relação aos alunos que não utilizam nenhuma biblioteca ou a utilizam muito pouco. Esses dados podem ser úteis para a elaboração de sugestões para melhorar o acesso à informação aos usuários surdos por parte da biblioteca.

A segunda parte da pesquisa exploratória constitui uma entrevista com Ana Regina Campello, Surda formada em pedagogia e biblioteconomia. O contato aconteceu por *e-mail* no dia 3 de novembro de 2011, com resposta no dia 18 de novembro do mesmo ano. As perguntas feitas foram retiradas do roteiro para entrevista com os alunos Surdos do Letras-Libras, com algumas adaptações, como mostrado a seguir:

- Quais as dificuldades do Surdo na biblioteca?
- Quais sugestões você tem para melhorar o acesso à informação para o Surdo na biblioteca?

A opinião de Ana Campello é de grande importância na medida em que, além de Surda é também formada em biblioteconomia e, portanto, pode fornecer informações ricas a respeito da acessibilidade para Surdos na biblioteca, sendo, também, muito importante para a indicação de sugestões ao final deste trabalho.

5.5.1 UNIVERSO

O universo da pesquisa é constituído por 25 estudantes surdos do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília (UnB). Esses indivíduos foram escolhidos por ser considerado um grupo de alunos surdos representativo e que potencialmente pode representar bem o conjunto total de alunos surdos da UnB.

5.5.2 AMOSTRA

A amostra é constituída por 19 indivíduos Surdo, sendo 17 do Curso à Distância de Licenciatura em Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília e dois indivíduos graduados no referido curso, sendo eles também Surdos.

5.5.3 COLETA DOS DADOS

Os dados foram coletados seguindo um roteiro composto por nove questões, apresentado no Apêndice A. O contato com o grupo de alunos foi feito por meio da professora deles, Patrícia Tuxi, e do à época professor tutor, Gláucio de Castro Júnior, durante visita ao Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), localizado no Centro Integrado de Ensino Especial 01 de Brasília[29],, em Brasília/DF, antigo Centro Integrado de Ensino Especial (CIEE). Também participou do processo de contato com os alunos a professora Heloísa Salles, coordenadora do Curso de Letras-Libras do pólo da Universidade de Brasília (UnB).

Para que a entrevista não se tornasse repetitiva, se uma pergunta fosse respondida na resposta de outras perguntas, a mesma não seria feita ao entrevistado. Essa medida foi tomada porque foi percebida certa resistência de alguns entrevistados em participar da pesquisa e para que a entrevista não se tornasse cansativa para os alunos participantes.

As entrevistas foram realizadas nos dias 14 de maio, 18 de junho e 20 de agosto de 2011, com o auxílio das intérpretes Alliny Andrade (dias 14/05 e 20/08) e Dannia Oliveira (18/06).

[29] Endereço: SGAS 911, Conjunto "E", Lote 43/48, Brasília-DF, CEP: 70390-000. Telefone: (61) 3901-7629. E-mail: cieedreppc@se.df.gov.br.

5.5.4 PROCESSAMENTO DOS DADOS

Os dados coletados foram processados a partir dos *softwares* Microsoft Office Word 2007 e do Microsoft Office Excel 2007, constituindo-se nas tabelas e quadros apresentados na análise dos dados.

5.5.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados são analisados em tópicos referentes às perguntas apresentadas no roteiro de entrevista (APÊNDICE A).

Amostra por idade

O grupo pesquisado é composto por indivíduos com idade entre 22 e 49 anos, estando a maioria na faixa de 20 a 39 anos, conforme apresenta a Tabela 1.

Amostra por gênero

Com relação ao gênero, o grupo pesquisado tem a seguinte composição: cinco indivíduos do sexo feminino e 14 do sexo masculino, de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1 – Idade e gênero dos entrevistados

Faixa etária	Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
20 a 29	6	3	9
30 a 39	6	2	8
40 a 49	2	0	2
Total	14	5	19

Fonte: elaboração dos autores.

Forma de comunicação

Com relação à *forma de comunicação* utilizada (*questão 2* do roteiro de entrevista), oito indivíduos (os entrevistados E1, E4, E5, E7, E10, E11, E12 e E18) utilizam as três principais formas de comunicação: Libras, leitura labial em língua portuguesa e escrita em

língua portuguesa[30]. Os indivíduos E5, E11 e E18 não mencionaram a utilização da três formas de comunicação na questão 2, porém em outras questões indicam que utilizam todas as formas. Com relação aos demais: seis utilizam somente Libras; três utilizam Libras e escrita em língua portuguesa, e dois utilizam Libras e leitura labial, como demonstram a Tabela 2 e o Quadro 1:

Tabela 2 – Forma de comunicação dos entrevistados

Forma de comunicação	Indivíduos
Somente Libras	6
Libras e escrita em língua portuguesa	3
Libras e leitura labial em língua portuguesa	2
Usa as três formas de comunicação	8
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Quadro 1 – Forma de comunicação por entrevistados

Entrevistados	Forma de comunicação		
	Libras	Leitura labial em língua portuguesa	Escrita em língua portuguesa
E1	X	X	X
E2	X		
E3	X		X
E4	X	X	X
E5	X	X	X
E6	X	X	
E7	X	X	X
E8	X	X	
E9	X		
E10	X	X	X
E11	X	X	X
E12	X	X	X
E13	X		
E14	X		X

[30] Fez-se necessário especificar que as habilidades de leitura labial e escrita referem-se à língua portuguesa porque os entrevistados poderiam ter essas habilidades também para línguas estrangeiras, que não interessavam para esta pesquisa. Porém, deste ponto em diante serão designadas apenas como “leitura labial” e “escrita”.

Entrevistados	Forma de comunicação		
	Libras	Leitura labial em língua portuguesa	Escrita em língua portuguesa
E15	X		
E16	X		
E17	X		X
E18	X	X	X
E19	X		
Total	**19**	**8**	**12**

Fonte: elaboração dos autores.

Vale ressaltar que, dos oito indivíduos que utilizam as três formas de comunicação, dois disseram ter dificuldade com a leitura labial (E5 e E7), que só consegue ser feita por eles dependendo da pessoa que lhes fala, da velocidade com que falam e da dicção. Essa dificuldade também é sentida por E8, que utiliza a leitura labial e a Libras como formas de comunicação, preferindo a língua de sinais. Destaca-se também que o entrevistado E11 afirmou apenas que sua comunicação é melhor em língua de sinais, mas por ele ser professor de Libras na UnB em turmas de alunos ouvintes, subentende-se que ele também utiliza a escrita e a oralização para se comunicar, apesar de não ser a forma de comunicação mais utilizada por ele.

Seis entrevistados utilizam somente a língua de sinais (E2, E9, E13, E15, E16 e E19), sendo que um deles (E9) foi educado inicialmente a utilizar somente a linguagem oral, mas passou a desprezá-la desde os dezoito anos de idade, e outro (E2), apesar de ter um pouco de conhecimento da língua portuguesa, prefere se comunicar por Libras, adotando essa como única forma de comunicação. Desses seis entrevistados, três (E15, E16 e E19) não afirmaram exatamente se utilizam outras formas de comunicação, respondendo apenas que preferem a língua de sinais. Vale ressaltar que a entrevistada E15 perdeu a audição ao longo da vida, indicando que provavelmente consegue se comunicar pela escrita. No entanto, como deu a entender que atualmente só utiliza a Libras, a língua de sinais foi considerada sua única forma de comunicação.

Outras respostas do entrevistado E19 indicam que ele utiliza outras formas de comunicação, como por exemplo, a resposta à questão 8, que questiona se o entrevistado já teve problemas para se comunicar com funcionários da biblioteca que utiliza: “Não, problema não, poucos problemas” (ANEXO A). O fato de ele ter poucos problemas para se comunicar

com funcionários da biblioteca, mesmo ele afirmando que a biblioteca é voltada para o ouvinte (resposta da questão 9), indica que provavelmente ele também se comunica pela forma escrita. Contudo, como não há evidências explícitas que confirmem tal suposição, para esta análise considerou-se que o entrevistado E19 utiliza apenas a língua de sinais para se comunicar.

Os entrevistados que utilizam a Libras e a escrita (E3, E14 e E17), enfatizaram que preferem a primeira forma de comunicação. Desses três indivíduos, dois (E14 e E17) não afirmaram explicitamente que utilizam a língua de sinais e a escrita para se comunicar, tendo eles se limitado a dizer que preferem a Libras. Porém, respostas de outras questões (como da questão 8), revelam que eles utilizam a escrita quando necessário, apesar de essa não ser a forma de comunicação mais confortável para eles.

É interessante notar que, de todos os dezenove entrevistados, catorze (E1, E2, E3, E4, E5, E7, E9, E11, E14, E15, E16, E17, E18 e E19) enfatizaram ou deram indícios de sua preferência pela língua de sinais. Tal resultado corrobora as indicações da literatura (STROBEL, 2008 apud CASTRO JÚNIOR, 2011) de que o indivíduo Surdo se identifica pela língua de sinais (que no caso do Brasil é a Libras), e que tal língua, por sua vez, identifica esses indivíduos e a cultura Surda. A resposta do entrevistado E3 é representativa da identificação do Surdo com a língua de sinais: "Quando tem um intérprete ou um Surdo para conversar eu já me identifico. Prefiro me comunicar em Libras" (ANEXO A). Respostas de outras questões[31], analisadas adiante, também confirmam essa identidade Surda criada e reforçada pela língua de sinais. Outra resposta que merece destaque é a do indivíduo E18:

> Antigamente eu oralizava, né, eu sofri muita influência do oralismo e aí eu fui percebendo com o tempo que o oralismo não me ajudava tanto. Agora que eu descobri a língua de sinais eu percebo que *dentro da língua de sinais eu consigo me desenvolver de forma melhor, inclusive no português* (ANEXO A, grifo nosso).

O trecho grifado mostra que a língua de sinais tem importante papel também no desenvolvimento do indivíduo Surdo em relação ao uso e leitura da língua portuguesa, conforme afirmado por Quadros (1997 apud NEVES, 2009).

Biblioteca(s) que utilizam

A *questão 3* buscou verificar se o entrevistado utiliza a Biblioteca Central da UnB (BCE) ou outra biblioteca. O resultado é apresentado na Tabela 3:

[31] Questão 8 (resposta do entrevistado E8) e questão 9 (resposta do entrevistado E5).

Tabela 3 – Bibliotecas utilizadas pelos alunos Surdos de Licenciatura em Letras-Libras

Biblioteca	Indivíduos
Biblioteca Central da UnB (BCE)	4
BCE e outra biblioteca	2
Outra biblioteca	11
Nenhuma biblioteca	3
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Do total de entrevistados, onze (E2, E5, E6, E7, E9, E10, E11, E12, E14, E16 e E18) não utilizam a BCE, mas sim outra(s) biblioteca(s). Apenas três especificaram a biblioteca que utilizam: a biblioteca da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, onde faz curso de Artes (E2), a Biblioteca Nacional de Brasília (E5) e a biblioteca da Upis (E14). Vale destacar que o entrevistado E5 não disse qual biblioteca utiliza na resposta da questão 3, mas o fez na resposta da questão seguinte. Os entrevistados E12, E16 e E18 utilizam a biblioteca de outros lugares, sendo que os dois últimos freqüentam bibliotecas em Minas Gerais (Uberlândia e Patos de Minas, respectivamente), pois não são de Brasília. Quanto aos motivos apresentados para não utilizarem a BCE:

- Cinco utilizam a biblioteca de outra faculdade ou em outro lugar (E2, E12, E14, E16 e E18);
- Um vai pouco à UnB (E10);
- Quatro não deram motivos (E6, E7, E9 e E11).

Vale destacar que não é incoerente que a entrevistada E10 vá pouco à Universidade de Brasília, pois o curso de Letras-Libras é semi-presencial e, portanto, há aulas presenciais apenas em alguns módulos e para revisões e avaliações. Três entrevistados ressaltaram que não utilizam muito a biblioteca como fonte de pesquisa (E7, E11 e E16), tendo o indivíduo E7 afirmado que o motivo é a distância das bibliotecas (provavelmente em relação a sua residência, pois não foi especificado). De qualquer forma, sua resposta evidencia que a biblioteca é sua última fonte de pesquisa:

> Aqui na UnB não utilizo, não. Utilizo lá fora, umas outras, mas muito de vez em quando, quando preciso, mas raramente.
>
> [Intervenção: e por que você utiliza pouco? Tem algum motivo, alguma dificuldade que você encontra em utilizar a biblioteca?]

> Porque, por exemplo, eu tenho uma biblioteca que é longe, aí… vou procurar em alguns lugares e não tem biblioteca, não tem, não tem, aí eu vou em algum lugar específico e tento estudar, fazer o que eu quero fazer, *mas quando não tenho material, não tenho alguma coisa eu tenho que procurar uma biblioteca* (ANEXO A, grifo nosso).

As respostas evidenciam que os motivos pelos quais os entrevistados não utilizam a Biblioteca Central da UnB não têm relação com barreiras de acessibilidade. Contudo, vale notar que não necessariamente isso indica que a referida biblioteca se adéqua aos padrões de acessibilidade para usuários Surdos, pois problemas relacionados a isso podem não ter sido identificados porque os entrevistados em questão nunca utilizaram a BCE ou a utilizaram poucas vezes, de forma que não tiveram contato suficiente com tal biblioteca para que pudessem apontar pontos positivos e/ou negativos da instituição.

Com relação à mesma questão (número 3), quatro (E1, E3, E13 e E19) utilizam a BCE, mas os indivíduos E1 e E3 não utilizam a biblioteca com muita freqüência. Dois entrevistados (E4 e E8[32]) utilizam a BCE e outra(s) biblioteca(s). O indivíduo E8 utiliza a biblioteca do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e a entrevistada E4 utiliza mais as bibliotecas de Patos de Minas, sua cidade natal, mas não especificou quais. Finalmente, dois entrevistados (E15 e E17) não utilizam nenhuma biblioteca.

O entrevistado E5 relatou que dificilmente utiliza a biblioteca de um modo geral e, quando questionado por que não utiliza a biblioteca como fonte de pesquisa, ele respondeu "Não sei, às vezes porque eu faço... eu procuro na Internet, em casa mesmo. Eu tenho alguns livros em casa, então eu pesquiso em casa mesmo, utilizo a Internet". É importante notar que os entrevistados E15 e E17 deixaram de utilizar bibliotecas pela falta de atendimento em língua de sinais (no caso da entrevistada E15, isso foi relatado na sua resposta à questão 8).

Verificou-se pouco uso da biblioteca por parte dos entrevistados, pois mesmo aqueles que utilizam alguma biblioteca, não o fazem com muita freqüência, o que pode ser percebido por suas respostas. Vale lembrar que o baixo uso da biblioteca por Surdos foi identificado pela literatura (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]; SILVA; MORAES, 2008).

---

[32] O entrevistado E8 não deixou claro, na questão 3, se utiliza outras bibliotecas, como pode ser percebido por sua resposta: "Bom, às vezes eu preciso procurar biblioteca, mas geralmente tem que fazer cadastro, fazer algumas coisas" (ANEXO A). Contudo, a resposta da questão 4 evidencia que ele utiliza outra biblioteca, também.

Fontes de pesquisa

As respostas à *questão 4* demonstram que dez entrevistados utilizam como fonte de pesquisa somente a Internet, três utilizam a Internet e consultam outras pessoas, conforme mostrado na Tabela 4.

Tabela 4 – Fontes de pesquisa

Fontes de pesquisa	Indivíduos
Internet	10
Internet e pessoas	3
Acervo pessoal	1
Acervo pessoal e Internet	1
Acervo pessoal, Internet e material do Curso	1
Acervo de terceiros	1
Internet e material do Curso	1
Internet, pessoas e material do Curso	1
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Essa mesma questão proporciona um detalhamento dos somatórios dos resultados, que constitui o Quadro 2 e a Tabela 5:

Quadro 2 – Principais fontes de pesquisa dos entrevistados

Entrevistados	Fontes de pesquisa além da biblioteca					Total de fontes
	Acervo pessoal	Internet	Acervo de terceiros	Pessoas	Curso de Letras-Libras	
E1	X	X				2
E2	X	X			X	3
E3		X			X	2
E4		X				1
E5		X		X	X	3
E6		X		X		2
E7		X		X		2
E8		X				1
E9		X				1
E10			X			1
E11	X					1
E12		X				1
E13		X				1
E14		X		X		2

Entrevistados	Fontes de pesquisa além da biblioteca					Total de fontes
	Acervo pessoal	Internet	Acervo de terceiros	Pessoas	Curso de Letras-Libras	
E15		X				1
E16		X				1
E17		X				1
E18		X				1
E19		X				1
Total	**3**	**17**	**1**	**4**	**3**	28

Fonte: elaboração dos autores.

Tabela 5 – Fontes de pesquisa por número de indivíduos

Fontes de pesquisa	Indivíduos
Acervo pessoal	3
Acervo de terceiros	1
Internet	17
Material do Curso de Letras-Libras	3
Pessoas	4

Fonte: elaboração dos autores.

Do total de entrevistados, dezessete (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18 e E19) utilizam a Internet como fonte de pesquisa para os estudos e quatro (E5, E6, E7 e E14) consultam outras pessoas para obter informação. Desses dezessete, três (E2, E5 e E19) citaram os materiais didáticos oferecidos pelo Curso de Letras-Libras, como os DVDs e os materiais disponíveis[33] no *site* do Curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2011?]d). Outras fontes pesquisadas são: acervo pessoal, apontado por três (E1, E2 e E11) e o acervo de outras pessoas, citado por apenas uma pessoa (E10). Esses resultados apontam o uso da Internet como principal fonte de pesquisa utilizada pelo grupo pesquisado para obter informações para os estudos.

Vale ressaltar que seis dos entrevistados (E1, E3, E5, E7, E11 e E16) ressaltaram na *questão 3* não utilizar a biblioteca com muita freqüência, sendo que o indivíduo E5 afirmou claramente que freqüenta pouco a biblioteca porque pesquisa em seus livros e na Internet. Isso pode revelar que os entrevistados estão satisfeitos com as informações obtidas em seus acervos e/ou por meio de pesquisas na Internet e que, por isso, não utilizam muito a biblioteca, mas outros estudos são necessários para confirmar isso ou não.

[33] Esses materiais só podem ser acessados por quem tem permissão com *login* e senha próprios.

Destaca-se, também, que a biblioteca normalmente é uma fonte de pesquisa secundária, isto é, não é a primeira a ser consultada, como mostra a resposta de um dos entrevistados (E7):

> Geralmente eu procuro, pesquiso pela Internet e quando eu não encontro na Internet aí eu procuro uma biblioteca. Se eu não encontro, é… um material que eu preciso na biblioteca aí eu peço ajuda é… pra alguma outra pessoa pra poder estar me auxiliando com relação àquele tema, àquele assunto (ANEXO A)

É importante lembrar que o uso da biblioteca como fonte de pesquisa secundária é algo generalizado e as pessoas de um modo geral recorrem à mesma somente em último caso. Por exemplo, o baixo uso de centros de documentação por cientistas já havia sido identificado nos anos de 1970 por Araújo (1974).

Ressalta-se que as bibliotecas de um modo geral não têm acervo adequado, pois faltam recursos visuais, como DVDs com o conteúdo de livros correspondente em Libras, conforme apontado por Silva e Moraes (2008), ou seja, que não estão adaptadas para atender o usuário Surdo, afastando-o da biblioteca, conforme pode ser constatado nas respostas da questão 6.

Compreensão da língua portuguesa escrita

A *questão 5* identifica a existência ou não da dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita no grupo pesquisado. A Tabela 6 mostra que a maioria dos entrevistados possui, em maior ou menor grau, dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita:

Tabela 6 – Compreensão da língua portuguesa escrita pelos entrevistados

Compreensão	Indivíduos
Possuem dificuldade	16
Não possuem dificuldade	3
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Dos 19 entrevistados, 16 deles (E2, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18 e E19) têm dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita, sendo que três deram a entender que sua dificuldade é significativa (E2, E5 e E19). Os outros não especificaram o grau de dificuldade, apesar de as respostas dos entrevistados E6, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17 e E18 indicarem que não é muito elevado. Ao contrário, a resposta do entrevistado E8 mostra que sua dificuldade é significativa:

> Bom, eu leio alguns textos e *é complicado porque eu não conheço alguns tipos de palavras*. Algumas eu conheço, *mas a maioria, umas palavras mais difíceis eu tenho dúvida, eu não sei*. Aí eu leio, tento entender e *associar ao sinal para ficar mais claro* e procuro uma explicação […] procuro saber o significado dessas palavras de alguma maneira (ANEXO A, grifo nosso).

Os grifos na resposta do entrevistado E8 evidenciam que ele tem dificuldade considerável na compreensão da língua portuguesa escrita e também mostram como a língua de sinais pode ser importante para a compreensão da língua portuguesa para alguns indivíduos, conforme apontado pela literatura (QUADROS, 1997 apud NEVES, 2009).

A resposta do entrevistado E3 também demonstra a dificuldade que alguns Surdos têm em compreender a língua portuguesa escrita e, além disso, mostra como o Surdo às vezes[34] lê de maneira diferente do ouvinte: "Existem determinadas palavras que não fazem sentido para mim. O Surdo lê de um jeito mais global. Quando tem uma palavra que não entendo vou pulando o texto e a leitura fica ruim […]" (ANEXO A). Com relação ao restante dos entrevistados, três indivíduos (E1, E4, e E10) não têm dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita.

Influência da compreensão da língua portuguesa escrita no uso da biblioteca

A questão anterior, além de identificar o grupo pesquisado, serve de complemento à *questão 6*, que verifica se os indivíduos que têm alguma dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita possuem também dificuldade na utilização da biblioteca. Vale lembrar que a questão 6 não foi feita para aqueles indivíduos que demonstraram não ter dificuldades com a língua portuguesa, quais sejam os entrevistados E1, E4, e E10. Os resultados são sintetizados na Tabela 7:

[34] Ressalta-se que *às vezes o Surdo lê de maneira diferente do ouvinte* porque isso não é válido para todos os Surdos. Conforme destacam Torres, Mazzoni e Mello (2007), os indivíduos que têm uma mesma deficiência são diferentes entre si, cada um possuindo habilidades e capacidades específicas, que não são determinadas apenas pela deficiência, mas principalmente por um conjunto de outros aspectos da vida de cada pessoa, como o apoio médico, humano, educacional, entre outros, recebido desde a descoberta da deficiência.

Tabela 7 – Influência da dificuldade de compreensão da língua portuguesa escrita no uso da biblioteca pelos entrevistados

Dificuldade com a língua portuguesa escrita influencia no uso da biblioteca?	Indivíduos
Sim	8
Não	2
Não respondeu o esperado	6
Total	16

Fonte: elaboração dos autores.

Quanto aos dezesseis entrevistados para os quais a questão 6 foi aplicada, as respostas revelam que, para oito indivíduos (E2, E3, E5, E12, E13, E15, E16 e E17) a freqüência com que utilizam a biblioteca é influenciada pela dificuldade que têm em compreender a língua portuguesa escrita. Segundo o entrevistado E2, é difícil para ele pesquisar e não tem muito material para Surdos (esses materiais não foram especificados, mas é possível ter uma idéia pela resposta da questão 9, analisada adiante). Vale lembrar que a dificuldade em pesquisar no catálogo da biblioteca foi apontada por Ana Regina Campello (ANEXO B). O entrevistado E3 não disse como a dificuldade com a língua portuguesa afeta em sua utilização da biblioteca, mas supõe-se que isso ocorra pelo fato de os documentos na biblioteca terem informações predominantemente textuais.

É importante ressaltar que o entrevistado E5 de início não respondeu corretamente à questão 6, por falha de comunicação com a intérprete: a princípio a intérprete achou que havia sido perguntado por que ele tinha dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita, mas após intervenção o erro foi corrigido:

> [Entrevistador]: Você acha que essa dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita influencia na freqüência com que você utiliza a biblioteca?
>
> [Como o entrevistado não entendeu a pergunta, a intérprete acrescentou]: É, por exemplo, você tem dificuldade de ler, por quê?
>
> [E5]: Não, na verdade acho que depende dos autores dos livros, as palavras, é… algumas palavras mais complexas, outras palavras que, de repente, são mais ‘pesadas’ eu não consigo entender. Depende mesmo do contexto dos livros.
>
> [Intervenção do entrevistador]: mas você acha que essa dificuldade influencia [no uso da biblioteca]? Se, por exemplo, tivesse mais materiais com vídeo, seria melhor usar a biblioteca ou não?
>
> [E5]: Sim, pode ser. Se fosse, sei lá, vídeo em língua de sinais, se traduzissem os livros seria muito mais fácil, eu entenderia completamente, conseguiria entender, sim (ANEXO A).

É importante ressaltar que a explicação da pergunta pode ter induzido a resposta do entrevistado. Porém, em virtude das características lingüísticas da Libras, às vezes é necessário especificar bem o que se quer perguntar, a fim de se obter a resposta desejada e, por isso, a resposta do entrevistado E5 foi considerada na análise dos dados.

Já o entrevistado E12 ressaltou que "[…] é importante, sim, a questão da biblioteca, da pesquisa, mas realmente esbarra nessa questão da dificuldade, mesmo, com a língua portuguesa" (ANEXO A) e, para o entrevistado E13,

> […] falta ainda essa questão da acessibilidade. Por exemplo, a catalogação dos livros, né, dentro… em língua de sinais, se tivesse um DVD e aí seria tudo mais fácil. A gente percebe que falta isso porque é tudo em português e português é uma segunda língua pro Surdo. Então, eu tenho essa leitura, mas do português como uma L2 [segunda língua] (ANEXO A).

As respostas da E15, da E16 e do E17 reforçam o que afirmou o E13, tendo dito que não usam ou usam pouco a biblioteca por não ter intérprete e que se tivesse o uso da biblioteca seria facilitado (E16).

Dos outros entrevistados, dois (E6 e E9) disseram que a dificuldade com a língua portuguesa escrita não influenciam na freqüência com que utilizam a biblioteca e seis (E7, E8, E11, E14, E18 e E19) não responderam satisfatoriamente à pergunta, conforme pode ser percebido pelas respostas, por exemplo, a do entrevistado E8:

> Bom, às vezes eu procuro alguns livros na biblioteca e tenho dúvida, mas, por exemplo, outras pessoas me ajudam, *eu procuro outros tipos também, eu tento ler alguma… ler jornal e tal, para tentar facilitar algumas coisas, pergunto para meus pais, pergunto [sic] pra minha família e é isso* (ANEXO A, grifo nosso).

Percebe-se que, na verdade, o indivíduo E8 respondeu sobre as dificuldades que ele tem ao utilizar a biblioteca. É interessante notar que o trecho grifado pode revelar estratégias do entrevistado para lidar com a dificuldade que ele tem com a língua portuguesa, estratégias de aprendizado, como ler jornal e perguntar para a família o significado das palavras. As respostas dos entrevistados E11 e E14 foram semelhantes à de E8, tendo eles ressaltado o que fazem para lidar com a dificuldade com a língua portuguesa. Apesar de não ter respondido explicitamente, a resposta do entrevistado E11 evidencia que a sua dificuldade com a língua portuguesa não influencia no uso da biblioteca, sendo, na verdade, uma questão de hábito do entrevistado. Os entrevistados E18 e E19 ressaltaram, respectivamente, a importância da biblioteca.

Destacam-se as respostas dos entrevistados E15 e E17, pois nelas os entrevistados revelaram que a falta de intérprete os afastou da biblioteca[35]. Como exemplo, é transcrita a resposta do entrevistado E17:

> É eu parei de freqüentar bibliotecas justamente pela falta do intérprete mesmo. Se não tem um intérprete ou uma outra pessoa pra tá fazendo essa intervenção pra poder estar me auxiliando, me ajudando na procura de livros eu percebo que eu tô [sic] perdendo tempo e aí realmente eu paro, eu não vou, eu deixo de ir mesmo (ANEXO A).

Nota-se que essa informação confirma a identificação do Surdo com a língua de sinais e sugere que a presença de um intérprete de Libras na biblioteca pode atrair o público Surdo para a biblioteca, visto que o atendimento em língua de sinais possibilitaria uma comunicação com o Surdo mais eficiente e eficaz do que por meio da escrita, o que seria, portanto, um atendimento mais adequado.

Deve-se atentar também para o que mostra a Tabela 7: para um olhar desatento, que considere apenas as respostas "sim" (oito entrevistados) e "não" (dois entrevistados) à pergunta feita, a tabela passa a impressão de que a maioria dos entrevistados considera que a dificuldade com a língua portuguesa escrita influencia no uso da biblioteca e que, portanto, foi identificada nesta pesquisa a correlação entre dificuldade com o português e baixo uso da biblioteca apontada pela literatura (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]). Porém, o número de pessoas que disse que a dificuldade com a língua portuguesa influencia no uso da biblioteca não corresponde à maioria dos entrevistados e, por isso, a referida correlação não foi identificada para o grupo pesquisado, apesar de haver uma tendência à confirmação.

Dificuldades no uso da biblioteca

A *questão 7* buscou verificar como é o uso da biblioteca pelo grupo pesquisado, de forma a identificar elementos dificultadores ou facilitadores dentro da biblioteca. Vale lembrar que os entrevistados E15 e E17 não utilizam nenhuma biblioteca e, por isso, a pergunta feita questionou se eles já tiveram dificuldades no uso da biblioteca quando a utilizaram. Na verdade, respostas de questões anteriores revelam que eles *já tiveram* dificuldade em utilizar a biblioteca pela falta de comunicação em língua de sinais. Os resultados estão sintetizados na Tabela 8:

[35]O mesmo pode ser verificado na resposta da entrevistada E15 à questão 8.

Tabela 8 – Dificuldade no uso da biblioteca

Dificuldades no uso da biblioteca	Indivíduos
Sim	8
Não	6
Não souberam precisar/indecisos	4
Não respondeu o esperado	1
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Do total de entrevistados, quatro (E5, E6, E10 e E15) não souberam responder exatamente se têm ou não dificuldades porque não utilizam muito a biblioteca.

Oito entrevistados (E3, E4, E7, E8, E14. E16, E17 e E19) têm ou já tiveram dificuldades ao usar a biblioteca. As dificuldades apontadas foram: dificuldade em pesquisar no catálogo (E3 e E8), dificuldade em procurar e/ou encontrar documentos (E3, E4, E7, E8 e E19), falta de atendimento em língua de sinais (E7 e E16), dificuldade com a língua portuguesa (E14) e falta da Libras na biblioteca de um modo geral, pois há priorização da língua portuguesa (E14). Essas informações são sintetizadas na Tabela 9 e no Quadro 3:

Tabela 9 – Dificuldades no uso da biblioteca apontadas pelos entrevistados

Dificuldades apontadas	Indivíduos
Dificuldades em pesquisar no catálogo	2
Dificuldade em procurar/encontrar documentos	4
Falta de atendimento em língua de sinais	3

Fonte: elaboração dos autores.

Quadro 3 – Dificuldades no uso da biblioteca apontadas pelos entrevistados

Entrevistados	**Dificuldade em pesquisar no catálogo**	**Dificuldade em procurar/encontrar documentos**	**Falta de atendimento em língua de sinais**	**Dificuldade com a língua portuguesa / priorização da língua portuguesa na biblioteca**
E3	X	X		
E4		X		
E7		X	X	
E8	X	X		

Entrevistados	Dificuldade em pesquisar no catálogo	Dificuldade em procurar/encontrar documentos	Falta de atendimento em língua de sinais	Dificuldade com a língua portuguesa / priorização da língua portuguesa na biblioteca
E14				X
E15			*X	
E16			X	
E17			*X	
E19		X		
Total	**2**	**5**	**5**	1

Fonte: elaboração dos autores.
*Informações obtidas a partir das respostas a outras questões (questão 8, entrevistada E5, e questão 6, entrevistado E17).

Por fim, seis indivíduos (E1, E9, E11, E12, E13 e E18) não têm dificuldades em utilizar a biblioteca e um entrevistado (E2) não respondeu conforme o esperado, como pode ser percebido por sua resposta: "Antes eu ia mais à biblioteca, mas não tinham muitos livros. É importante investir nessa questão da tecnologia" (ANEXO A, grifo nosso). Não dá para ter certeza quanto ao que ele quis dizer com "questão da tecnologia", mas talvez sua resposta indique que seja necessário utilizar a tecnologia como alternativa para expandir o acervo ao prover acesso a mais informações por meio de bases de dados, por exemplo. Outra suposição é a de que seria necessário investir em tecnologias assistivas para Surdos ou a tecnologia seria um meio para prover outros tipos de documentos aos Surdos, como vídeos em Libras, por exemplo.

Com relação à dificuldade em encontrar livros e/ou com o número de chamada, apontada por cinco entrevistados (E3, E4, E7, E8 e E19) é uma dificuldade comum a usuários ouvintes. O maior problema na verdade é ao pedir ajuda: para o ouvinte é fácil se comunicar com qualquer funcionário da biblioteca, mas, para os Surdos, é difícil manter uma comunicação eficaz sem a língua de sinais e, mesmo para aqueles que conseguem se comunicar pela escrita, a comunicação por esse meio pode ser incômoda e pouco ágil.

Problemas de comunicação na biblioteca

A análise da *questão 8* mostra uma relação equilibrada entre a quantidade de indivíduos que já tiveram problemas de comunicação e aqueles que não tiveram dificuldades nessa questão, como mostra a Tabela 10:

Tabela 10 – Experiência de problemas de comunicação com funcionário de biblioteca

Experiência de problemas na comunicação	Indivíduos
Não	10
Sim	9
Total	19

Fonte: elaboração dos autores.

Ao serem questionados se já tiveram problemas para se comunicar com algum funcionário de biblioteca que utilizam ou já utilizaram, dez entrevistados (E1, E4, E5, E6, E7, E10, E11, E13, E18 e E19) responderam que não. Desses, quatro (E1, E5, E7e E18) não têm dificuldades para se comunicar com atendentes da biblioteca porque utilizam, com sucesso, a escrita, porque oraliza bem (E18), isto é, lê lábios e fala ou porque não tem o hábito de ir à biblioteca (E6). O entrevistado E18 afirmou que já teve problemas no passado, mas hoje não e o entrevistado E7 ressaltou que se tivesse que se comunicar por Libras ele levaria com ele um intérprete.

Vale destacar que dos dez, seis indivíduos (E5, E6, E11, E13, E18 e E19) têm dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita, sendo que tal dificuldade é significativa para os entrevistados E5 e E19. Apesar de a resposta do entrevistado E5 à questão 8 indicar que ele se comunica satisfatoriamente pela escrita, o que pode ser contraditório em relação ao fato de ter dificuldade com a língua portuguesa, é importante lembrar que ele não freqüenta muito a biblioteca e, talvez por isso, a dificuldade em se comunicar pela escrita não seja tão percebida por ele.

Além disso, a comunicação escrita utilizada por ele e por funcionários da biblioteca normalmente é coloquial, de composição simples, curta e direta, bem diferente da linguagem técnica, culta e mais complexa de um texto científico, por exemplo. O Quadro 4 sintetiza as respostas à questão 8 as relaciona a respostas de outras questões:

Quadro 4 – Problemas de comunicação

Entrevistados	Já teve problemas para se comunicar?		Observações		
	Não	Sim			
E1	X		Utiliza a escrita com sucesso		
E2		X			
E3		X		Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	Teve dificuldades em se comunicar pela escrita
E4	X				
E5	X		Utiliza a escrita com sucesso	Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
E6	X		Não tem o hábito de utilizar à biblioteca	Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
E7	X		Utiliza a escrita com sucesso		
E8		X			
E9		X			
E10	X				
E11	X			Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
E12		X		Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	Teve dificuldades em se comunicar pela escrita
E13	X			Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
E14		X			
E15		X		Deixou de usar a biblioteca por falta de atendimento em língua de sinais	
E16		X			
E17		X		Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	Teve dificuldades em se comunicar pela escrita

Entrevistados	Já teve problemas para se comunicar?		Observações		
	Não	Sim			
E18	X		Utiliza a escrita com sucesso e oraliza bem	Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
E19	X			Tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita	
Total	**10**	**9**			

Fonte: elaboração dos autores.

Nove entrevistados (E2, E3, E8, E9, E12, E14, E15, E16 e E17) já tiveram problemas para se comunicar com funcionário da biblioteca. O indivíduo E8 destacou a necessidade de os ouvintes conhecerem mais sobre os Surdos e sobre a surdez para saber como atendê-los melhor, lembrando que a literatura já apontava para a necessidade de se conhecer a cultura Surda para melhor atender esse público (ABNT, 2008). Conforme citado na análise da questão 3, a entrevistada E15 relatou que deixou de usar a biblioteca pela falta de atendimento em língua de sinais:

> Sim, sim, já tive problema, é… eu fui com uma amiga Surda, a gente não conseguia se comunicar porque era muito difícil e *a gente percebia que não existia comunicação ali, aí em função disso a gente deixou de ir mesmo* (ANEXO A, grifo nosso).

Os entrevistados E3, E12 e E17 afirmaram que já tiveram problemas até mesmo para se comunicar pela escrita, porque às vezes não entendem o que o atendente escreve e vice-versa, o que é compreensível, visto que eles não entendem muito bem a língua portuguesa escrita, conforme resposta à questão 5. Os indivíduos E2 e E3 ressaltaram a necessidade de intérprete na biblioteca e, apesar de o entrevistado E9 não ter destacado isso também, sua resposta evidencia isso: "Já, já tive problema [para me comunicar]. Eu *fui a uma biblioteca que não existia comunicação* e eu, de repente, queria procurar uma coisa e não conseguia, daí eu peguei um papel e escrevi, aí foi fácil" (ANEXO A, grifo nosso). É interessante notar que o entrevistado E9 inicialmente relata que foi a uma biblioteca onde não havia comunicação pelo fato de não ter um intérprete de língua de sinais, o que para ele resultou em falta de comunicação, ou pelo menos falta de comunicação adequada com um usuário Surdo. Apesar de a escrita ter possibilitado que ele se comunicasse, ao dizer que foi a uma biblioteca onde

não havia comunicação, implicitamente ele se referiu à língua de sinais como forma de comunicação efetiva e legítima para os Surdos.

O mesmo pode ser percebido na resposta de E15, quando relata que ela e sua amiga não conseguiam se comunicar porque "[…] a gente percebia que *não existia comunicação ali*" (ANEXO A, grifo nosso). Isso reforça o que foi afirmado na análise da questão 2 sobre o fato de que a língua de sinais é um dos elementos que cria uma identidade entre os Surdos e por eles valorizada.

Sugestões

A nona e última questão serviu à coleta de sugestões dos entrevistados para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca. Talvez essa seja a questão mais importante, pois é a que permite conhecer as demandas mais urgentes desses usuários, mesmo que não tão profundamente. Do total de entrevistados, apenas um deles (E6) não deu sugestão nenhuma e outro (E7) não respondeu o esperado, conforme pode ser percebido por sua resposta:

> Bom, algo que seja para resolver 100% acho que não tem. Ajudaria 60% se, de repente, tivesse algo específico. Por exemplo, [o Surdo] procura na Internet. Por exemplo, ele vê um título de um livro, vai procurando as palavras, coloca na Internet, o que ele não entender procura no dicionário. A gente utiliza dessa maneira, na verdade (ANEXO A).

Como mostrado na Tabela 10, a sugestão mais apontada foi a presença de um intérprete de língua de sinais na biblioteca, sendo citada por 12 entrevistados (E2, E3, E4, E5, E8, E9, E10, E11, E13, E14, E15 e E17). Eles apontaram a necessidade de um intérprete de Libras na biblioteca para que se estabeleça uma comunicação efetiva com os Surdos, pois a língua de sinais é a forma de comunicação mais reconhecida pela comunidade surda.

Tabela 11 – Sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca

Sugestões	Número
Intérprete de Libras	12
Mais materiais adequados para os Surdos	2
Catalogação diferente ou em Libras/melhorias no catálogo	4
Mais literatura sobre e feita por Surdos	1
Disseminação Seletiva da Informação para os Surdos	1
Necessidade de mais recursos visuais	1
Glossário em língua de sinais	1
Total	22

Fonte: elaboração dos autores.

Novamente, a resposta de um dos entrevistados reforça a identificação dos Surdos com a língua de sinais: “Um intérprete ia facilitar muito, porque *o Surdo se identifica mais com a língua de sinais*, é mais difícil fazer leitura labial […]” (ANEXO A, grifo nosso). Novamente, a língua de sinais é percebida como a forma de comunicação legítima para com os Surdos, o que também pode ser percebido pela resposta da entrevistada E10: “Precisa de intérprete, precisa de ter um acompanhamento de intérprete, *porque se não tiver, o Surdo não tem comunicação*, porque alguns Surdos conseguem falar oralmente , outros conseguem escrever, mas outros não” (ANEXO A, grifo nosso). Da mesma forma que o entrevistado E9, ela destaca que “o Surdo não tem comunicação” sem a língua de sinais, reforçando a identificação do Surdo com as línguas visuais, que utilizam os sinais como forma de expressão. Segundo o indivíduo E11, além da presença de um intérprete, é necessário que essa acessibilidade seja divulgada, para que os Surdos procurem mais a biblioteca, o que também é apontado pela literatura (PLAYFORTH, 2004).

Destaca-se também a resposta do entrevistado E13, segundo o qual “[…] o ideal seria que tivesse uma pessoa, um intérprete dentro da biblioteca, é… *porque às vezes fica muito chato ter que ficar escrevendo no papel, é um serviço demorado* […] o ideal seria ter um intérprete pra [sic] facilitar essa comunicação” (ANEXO A, grifo nosso). Sua resposta mostra como o atendimento baseado na escrita pode ser inadequado e pouco eficiente, e também reforça ainda mais a língua de sinais como forma de comunicação legítima do Surdo.

Vale lembrar que nem todos os surdos utilizam a língua de sinais, como bem ressaltam Torres, Mazzoni e Mello (2007) e há até mesmo surdos que afirmam sua condição de surdos usuários da língua portuguesa e buscam criar uma identidade em torno disso (SULP…, [2011?]). Para esse público específico a comunicação oral e a escrita podem satisfazer as necessidades de comunicação, mas a presença de um intérprete de língua de sinais é necessária, pois, como ressaltaram as entrevistadas E4 e E10, nem todos os Surdos sabem se comunicar oralmente e com leitura labial (ou orofacial), até porque é uma técnica difícil de ser aprendida e o sucesso da leitura dos lábios depende muito da dicção de quem fala. Da mesma forma, nem todos os Surdos conseguem se comunicar pela escrita, pois como afirmado pela literatura e verificado nesta pesquisa, nem todos dominam a língua portuguesa escrita. E, como pode ser confirmado pela resposta dos entrevistados E3, E12 e E17 à questão 8, a respeito de problemas de comunicação com funcionários de biblioteca, por vezes a comunicação pela escrita pode não ser eficaz. É importante reiterar as recomendações da literatura com relação à leitura labial: o funcionário que atender um usuário Surdo capaz de

fazer leitura labial deve ficar em uma posição adequada em relação ao usuário, de forma que seu rosto não seja ofuscado pela iluminação, não deve falar com a mão ou objetos (por exemplo uma caneta) na boca (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007) e deve também ter uma boa dicção, que permita a leitura adequada do movimento dos lábios do interlocutor (ABNT, 2004, 2008; COHEN, 2006; PLAYFORTH, 2004). A importância da dicção foi verificada nas respostas dos entrevistados E5 e E7, que ressaltaram que dependendo da pessoa e da velocidade com que ela fala, eles conseguem ou não fazer a leitura labial.

Os indivíduos E8 e E9 destacaram a necessidade dos funcionários se informarem mais sobre o Surdo e a melhor forma de tratá-lo, o que pode significar, dentre outras coisas, desconstruir certos mitos em relação aos Surdos, devendo eles saber que cada indivíduo é único e suas habilidades e capacidades não são determinadas pela deficiência, conforme apontaram Torres, Mazzoni e Mello (2007), e que, portanto, alguns Surdos sabem falar e fazer leitura labial; que alguns sabem Libras, mas nem todos; que pelo fato de eles poderem enxergar não significa que todos saibam ler corretamente, entre outras informações. Vale lembrar que a necessidade de conhecer a comunidade surda e ter consciência das diferenças entre os indivíduos eram fatores apontados pela literatura como necessários ao atendimento adequado a esse público (ABNT, 2008; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; CONEGLIAN; SILVA, 2006; PLAYFORTH, 2004).

Os entrevistados E2 e E5 apontaram, ainda, a necessidade de mais materiais adequados ao Surdo, como, por exemplo, livros traduzidos para vídeos em língua de sinais (E5) e DVDs importantes para a formação do Surdo (E2). O entrevistado E2 não especificou que DVDs seriam esses, se seriam também obras em texto traduzidas para vídeos em Libras, mas sugere-se que poderia ser feitas pesquisas com os usuários Surdos para saber que materiais de um modo geral são necessários à biblioteca que freqüentam. Ainda com relação ao acervo da biblioteca, o entrevistado E17 sugeriu a presença de mais literatura surda na biblioteca, como documentos sobre o Surdo, sobre a surdez e a cultura e identidade Surdas, sobre a língua de sinais, textos de autores Surdos, etc., necessidade essa que também é apresentada na literatura (PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008).

O entrevistado E2 sugeriu também que “Poderia também ter uma tela para a gente pesquisar no visual” (ANEXO A). Supõe-se que essa tela tem relação também com a necessidade de se investir em tecnologia na biblioteca apontada por esse mesmo usuário na questão 7. Pode-se supor que essa tela permitiria uma busca no catálogo com o uso de mais

ícones acompanhados de textos breves e claros, pois no geral os Surdos prestam mais atenção em imagens. Com relação à catalogação, os entrevistados E13 e E17 sugeriram que os documentos fossem catalogados de maneira diferente, tendo o primeiro indicado que gostaria de uma catalogação em língua de sinais. A resposta de E16 parece indicar a sugestão de um catálogo em língua de sinais, conforme é possível notar na transcrição a seguir: "É, por exemplo, se tivesse um recurso como um computador em que o foco fosse essa troca dessa *descrição em língua de sinais* seria mais fácil" (ANEXO A, grifo nosso).

A resposta do entrevistado E12 não deixa de ser intrigante:

> Eu penso que a tecnologia é tudo, né, por exemplo, um computador em que o Surdo vá lá e ele possa ler, saber o nome do livro e procurar ali no computador, mostra o lugar adequado pra ele poder pegar o livro. Se tivesse essa tecnologia não precisaria de uma pessoa pra poder fazer esse 'meio de campo', essa intermediação (ANEXO A).

Sua sugestão parece indicar a necessidade do que seria um catálogo automatizado. Talvez ele não conheça esse recurso, o que mostra a necessidade de orientar esse usuário quanto à forma de pesquisar os livros. Pode ser também que ele tenha a necessidade de um catálogo com descrição em Libras (o que foi ressaltado pelo entrevistado E13).

Uma distribuição diferente dos livros na biblioteca foi sugerida por E18, mas ele não especificou como seria essa reorganização do acervo. O mesmo entrevistado sugeriu ainda que é necessário saber "[…] como ajudar o Surdo, por exemplo, se tem novidade, saber qual a área de interesse do Surdo" (ANEXO A), ou seja, é como um serviço de disseminação seletiva da informação (DSI), mostrando que é importante conhecer o público Surdo e reconhecê-lo como grupo heterogêneo, cada pessoa tendo suas próprias características, habilidades, dificuldades, e, claro, áreas de interesse, como qualquer outro usuário, independentemente de sua condição sensorial.

A necessidade do uso de mais recursos visuais foi citada por E19:

> É, a minha sugestão é que seja tudo visual, porque se tudo fosse visual seria mais fácil porque a biblioteca é voltada pro ouvinte, então é tudo na forma escrita. Agora, se fosse na forma visual seria mais fácil e mais claro pro [sic] Surdo (ANEXO A).

Note-se que essa necessidade já havia sido relatada por Silva e Moraes (2008). O entrevistado não especificou onde, na biblioteca, mais há a necessidade de recursos visuais. Pode-se especular que a sinalização presente na biblioteca precise ser mais chamativa para o Surdo, ou que para o entrevistado o catálogo deva ser mais visual, com descrição em Libras (conforme citado pelo entrevistado E13), ou ainda que as bibliotecas devam adquirir mais materiais audiovisuais, como DVDs com conteúdo em Libras, etc.

O entrevistado E1 sugeriu que poderia ter um glossário em língua de sinais “porque não precisaria chamar alguém para explicar [as palavras]. Melhoraria a comunicação” (APÊNDICE B, p. 38). Supõe-se que o glossário serviria a dois propósitos: 1) para o usuário Surdo procurar termos para a pesquisa no catálogo ou para os estudos mesmo; 2) para o atendente se comunicar melhor com o Surdo, nesse caso fica evidente mais uma vez a necessidade de alguém que saiba Libras na biblioteca, que pode ser tanto o bibliotecário de referência/atendimento ou um intérprete de língua de sinais contratado.

Finalmente, destaca-se outra sugestão do entrevistado E11, transcrita a seguir:

> Na minha opinião, é… vocês poderiam fazer essas pesquisas com relação à leitura, primeiro saber a porcentagem de quantos Surdos gostam realmente de ler, quantos Surdos realmente não gostam de ler pra ver essa questão da freqüência, né, de quem usaria mais a biblioteca, de como se trabalharia a acessibilidade dentro da biblioteca. Se ficar, por exemplo, comprovado que há um determinado número de Surdos muito grande que não gosta de fazer essa leitura, aí não teria, né, o porquê de se preocupar com essa acessibilidade” (ANEXO A).

O entrevistado ressalta também a necessidade de verificar a demanda por medidas de acessibilidade, como é o caso desta pesquisa. Isso é algo sensato a se fazer, principalmente em vista da impraticabilidade de certas medidas de acessibilidade, como apontada pela literatura (ABNT, 2004). Dessa forma, evita-se que se tenham gastos desnecessários com mudanças que não atenderão nenhuma pessoa ou quase nenhuma. Apesar de não apontar medidas de acessibilidade específicas (e por isso não consta na tabela) essa sugestão tem toda a relação com esta pesquisa, afinal, esta pesquisa exploratória não deixa de ser um estudo que busca identificar demandas de medidas de acessibilidade por parte do grupo pesquisado.

5.6 Sugestões para melhoria do atendimento ao Surdo na biblioteca

Com base na revisão de literatura, na análise dos resultados das entrevistas com os alunos Surdos do Letras-Libras e da entrevista com Ana Regina Campello, sugere-se as seguintes medidas para melhorar o atendimento e o acesso à informação do Surdo na biblioteca:

1) Presença de intérprete de língua de sinais na biblioteca

Sugestão de doze entrevistados do Curso (E2, E3, E4, E5, E8, E9, E10, E11, E13, E14, E15 e E17), de Ana Campello e da literatura (COHEN, 2006; FEDERAÇÃO

INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004).

A necessidade dessa medida é evidente, haja vista que, como aponta a literatura e os resultados das entrevistas, a língua de sinais é a forma de comunicação mais adequada para a maioria dos Surdos;

2) Acervo adaptado para Libras

A biblioteca precisa ter mais materiais audiovisuais, como DVDs, por exemplo, com legenda em texto e em Libras, conforme apontado pela literatura (ABNT, 2008; FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004). Essa medida respeita a diversidade entre Surdos e deficientes auditivos, pois permite que a informação seja captada de diferentes maneiras (redundância da informação) (TORRES; MAZZONI; ALVES, 2002; TORRES; MAZZONI, 2004; TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007).

A necessidade dessa medida pôde ser verificada em diferentes respostas dos entrevistados (E13, questão 6; E14, questão 8; E17, questão 7; E19, questão 9, por exemplo), nas quais eles ressaltam a importância de recursos visuais e maior enfoque na Libras por parte da biblioteca, pois esta é muito voltada para a língua portuguesa e para o ouvinte.

Com relação ao acervo, Ana Regina Campello sugeriu mudanças e citou a necessidade de se desenvolver produtos como a *Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português em CD-ROM*: "[…] criar um projeto para traduzir todos os livros da língua portuguesa em vídeos de libras, assim como aparece os exemplos da Editora Arara Azul (algumas literaturas são traduzidas em libras)" (ANEXO B). Essa medida também vai ao encontro da necessidade de recursos visuais na biblioteca apontada pela literatura (SILVA; MORAES, 2008) e pelas entrevistas, e da necessidade de mais presença de materiais em língua de sinais, também ressaltado pelos entrevistados.

3) Promover maior visibilidade do Surdo e suas necessidades

Essa proposta visa à desmistificação de concepções equivocadas a respeito da surdez e do Surdo. Nesse sentido, pode-se promover, por exemplos, palestras e espaços para debates acerca do tema, exposições e exibições de filmes sobre a surdez, entre outras atividades.

Envolve também a capacitação dos funcionários da biblioteca, no sentido de que, tendo conhecimentos a respeito desses assuntos, estarão mais preparados para oferecer melhor

atendimento para os usuários Surdos. A necessidade de informação sobre a surdez na biblioteca foi apontada pelo indivíduo E8, em resposta à questão 9 (sugestões para melhorar o acesso à informação para o Surdo na biblioteca):

> Bom, precisa de informação dentro da própria biblioteca com relação aos Surdos, porque parece que eles não nos entendem, não têm uma comunicação correta com nós, precisa de intérprete. A principal coisa é colocar um intérprete dentro da biblioteca pra que o relacionamento entre o ouvinte e o Surdo aconteça, para que possamos ler o texto, é… procurar, de repente, um livro, pra que vários fatores possam ser esclarecidos para a gente, para nós [Surdos] (ANEXO A).

A necessidade de se conhecer a cultura Surda para um bom atendimento a esse público foi indicada pela literatura (CONEGLIAN; SILVA, 2006; PLAYFORTH, 2004).

4) Mais literatura surda no acervo

Sugestão de entrevistado (E17) e da literatura (PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008), essa medida tem relação estreita com a medida anterior, pois a presença da literatura surda na biblioteca tem também o papel de divulgar a cultura Surda entre Surdos, deficientes auditivos e ouvintes.

5) Uso da tecnologia

A tecnologia pode ser uma aliada à construção da acessibilidade para o público Surdo, pois facilita a disponibilização de vídeos em Libras, sem a limitação de disponibilidade de espaço físico para armazenamento de DVDs. Podem ser criadas bibliotecas digitais com coleção de material em Libras e/ou literatura Surda, entre outros, e *menu* em Libras no catálogo *online* e no *site* da biblioteca, com inspiração no projeto da Universidade do Ceará, por meio do qual "[…] foram desenvolvidos vídeos em Libras acerca de informações sobre os serviços oferecidos pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC)" (SOUSA et al., [2010], p. 1).

Outra sugestão é a aplicação do Player Rybená no *site* da biblioteca. O *software* "[…] é capaz de converter qualquer página da Internet ou texto escrito em português para a Língua Brasileira de Sinais […]" (RYBENÁ, 2005a). Segundo o *site* "Rybená - significa 'comunicação na língua indígena Xavante', [e] é uma tecnologia totalmente nacional […]" (RYBENÁ, 2005b). A Figura 3, mostra a aplicação do *software* em telefones celulares, o Torpedo Rybená, serviço que permite a troca de mensagens em Libras (RYBENÁ, 2005a):

Figura 3 – Torpedo Rybená: exemplo de aplicação do *software* Rybená

Fonte: Rybená (2005a).

Outra possibilidade de aplicação do Rybená na biblioteca é em terminais de auto-atendimento (empréstimo e devolução de materiais).

Sugere-se, também, inserir no *site* e no catálogo *online* da biblioteca um *link* para o dicionário *online* de Libras desenvolvido por Lira e Souza (2008), a fim de se facilitar a consulta e o acesso às informações disponíveis na página *Web* e no catálogo.

6) "Ledor" intérprete de Libras

Essa medida foi sugerida por Ana Campello:

> […] oferecer a leitura / tradução da língua portuguesa para libras, assim como fazem os ledores para cegos. Existem ledores que lêem para cegos e desejamos que utilizassem os tradutores da leitura da língua portuguesa para libras e assim os Surdos vão entender muito melhor nos [sic] conteúdos (ANEXO B).

Essa sugestão encontra respaldo em respostas dos alunos entrevistados (E2, questão 5; E5, questão 9; E7, questão 5; E8, questão 5; E10, questões 6 e 9), que muitas vezes recorrem à ajuda de intérprete para entender algumas palavras em língua portuguesa. O acompanhamento de um intérprete poderia melhorar e facilitar a apreensão de informações textuais, atraindo o público Surdo.

7) Glossário em língua de sinais

Sugestão de entrevistado (E1), que, em resposta à questão 9 (sugestões), demonstrou a necessidade de um glossário Libras-Português / Português-Libras para facilitar a compreensão das palavras ao ler um texto escrito em português. Sugere-se a disponibilização de uma enciclopédia ou dicionário, como o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), com exemplares no setor de

Referência, para consulta local, e outros exemplares para empréstimo domiciliar, pois é material de apoio à leitura de textos em português por alunos Surdos, que necessitam do documento também fora da biblioteca.

6 CONCLUSÃO

A acessibilidade é algo que deve ser entendido de maneira abrangente, isto é, como algo voltado para pessoas com e sem deficiência, a fim de que a construção da acessibilidade seja a mais inclusiva possível. Essa abrangência da concepção do termo leva a que se considerem também como preocupação da acessibilidade as preferências individuais no acesso e uso de um ambiente, produto, serviço, informação, entre outros. Essa concepção mais ampla mantém relação direta com o respeito às diferenças existente entre pessoas com deficiências semelhantes ou condições sensoriais diferenciadas, o que obviamente é válido também para pessoas com perda auditiva. Isso pode ser percebido até mesmo pela diferença que se faz entre Surdo e deficiente auditivo (REDONDO; CARVALHO, 2000), e entre Surdos usuários da língua de sinais e surdos usuários da língua portuguesa (SULP…, [2011?]). Conforme apresentado ao longo da revisão de literatura, há também a diferença entre "surdo", com letra inicial minúscula, e "Surdo", com inicial maiúscula, onde o primeiro termo remete a perspectivas médicas da surdez e, o segundo, a perspectivas sociais, estando relacionado às questões da identidade e cultura Surdas.

O estudo sobre essas questões mostrou que não existe consenso quanto ao conceito de identidade Surda e não há uma definição precisa do termo, até porque a idéia de identidade é fluida e dinâmica. Por isso se aceita que a identidade Surda é constituída por diferentes fatores na vida do indivíduo, e não só pelo compartilhamento de uma língua em comum, no caso a língua de sinais, conforme indica a literatura pesquisada (GESUELI, 2006; SANTANA; BERGAMO, 2006; STROBEL, 2008). Dessa forma, esses autores chegaram à conclusão de que existem múltiplas identidades Surdas, pois o grupo constituído por indivíduos Surdos não é homogêneo, pois cada indivíduo assume diferentes papéis sociais e não pode, e nem deve, ser definido por sua surdez ou por uma única identidade Surda.

No entanto, reconhece-se que o reconhecimento do indivíduo enquanto Surdo acontece prioritariamente pelo uso da língua de sinais, que permite a diferenciação, a partir da forma de comunicação, do Surdo em relação ao ouvinte (GEUSELI, 2006; HADJIKAKOU; NIKOLARAIZI, 2007; HEAP, 2006). Outra prova disso é o estudo de Hadjikakou e Nikolaraizi (2007), onde surdos culturalmente ouvintes se identificavam mais com tal cultura justamente por compartilharem da mesma língua que os ouvintes, ao passo que se distanciavam da comunidade e cultura Surdas por não utilizarem língua de sinais. Por isso, concluiu-se que a língua de sinais tem papel importante e essencial na constituição da

identidade Surda, visto que a linguagem é a base de interação do indivíduo com o mundo e que permite o indivíduo significar e significar-se (GESUELI, 2006).

A literatura pesquisada foi significativamente convergente quanto às adequações de uma biblioteca para atender usuários urdos, sendo possível destacar a necessidade de um atendimento treinado não somente em língua de sinais, mas principalmente consciente da cultura Surda e motivado a trabalhar com esse público específico, de forma que se possa prestar um atendimento adequado e humano ao mesmo. As adequações sugeridas pela literatura também envolveram mudanças no ambiente (melhor iluminação e sinalização visual), no acervo (necessidade de mais informação visual, acervo audiovisual legendado em texto e Libras, por exemplo), destacando-se também o potencial das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na construção da acessibilidade para o público em questão. Vale ressaltar que, no geral, as medidas indicadas mostraram reconhecer as diferenças entre pessoas com deficiência (por exemplo, a necessidade de duas legendas nos materiais audiovisuais), o que revela uma preocupação em prover condições de acessibilidade que de fato atendam às necessidades dos usuários focados, não visando apenas a aplicação das condições mínimas exigidas pelas normas e pela legislação.

Com relação às entrevistas, não foram identificadas, no grupo pesquisado, algumas das dificuldades dos Surdos na biblioteca, apontadas pela literatura, como problemas de sinalização do acervo. Isso pode ter acontecido porque há baixo uso da biblioteca pelos entrevistados e, por isso, eles não apontaram muitas dificuldades no uso da biblioteca. Vale lembrar que a pouca utilização da biblioteca pelos Surdos foi apontada na literatura pesquisada (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]; SILVA; MORAES, 2008).

Alguns apontaram necessidade de adaptação de acervo, como mais literatura surda na biblioteca, isto é, materiais sobre a surdez, língua de sinais, obras de autores Surdos, como poesia, romances, biografias, entre outros. A necessidade desta literatura surda no acervo das bibliotecas foi apontada por alguns autores (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; PLAYFORTH, 2004; SILVA; MORAES, 2008). Outros entrevistados apontaram a necessidade de materiais como DVDs, pois apresentam conteúdos mais visuais. A importância de recursos visuais na biblioteca também foi ressaltada pela literatura pesquisada (SILVA; MORAES, 2008).

Nesse sentido sugere-se a criação de uma coleção com DVDs, de vídeo-aulas, ou o desenvolvimento de produtos como a *Coleção Clássicos da Literatura em Libras/Português*

em CD-ROM, descrita por Corradi (2007), levando-se em conta a disponibilidade de recursos humanos e financeiros e as limitações de cada biblioteca, haja vista que a impraticabilidade de algumas medidas deve ser levada em conta (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004).

A necessidade nas bibliotecas de intérprete ou de funcionário que saiba Libras, apontada pela literatura, é confirmada pela resposta dos entrevistados, que ressaltaram a importância da língua de sinais para que ocorra a comunicação entre ouvintes e Surdos. Por outro lado, os resultados deixam evidentes as diferenças entre indivíduos que têm uma mesma deficiência: as entrevistas permitiram verificar que cada indivíduo tem suas dificuldades e habilidades. Mesmo quando esses elementos são semelhantes entre eles, ainda assim existem outros aspectos da vida de cada um que influenciam para que cada um vivencie discapacidades diferentes, conforme afirmam Torres, Mazzoni e Mello (2007). Por isso é possível que, por exemplo, um dos entrevistados afirme ter dificuldade em compreender a língua portuguesa escrita, mas mesmo assim conseguir se comunicar satisfatoriamente pela escrita quando necessário, o que pode não ser válido para outros Surdos.

Ressalta-se que foi confirmada pelas entrevistas a necessidade, apontada pela literatura (ABNT, 2008; IFLA, 2000; PLAYFORTH, 2004), de conhecer mais sobre o Surdo e a surdez, de forma a desmitificar (pré)conceitos acerca desses indivíduos, como forma de melhor atendê-los. Os resultados não deram condições para confirmar, no grupo pesquisado, a correlação entre o baixo uso da biblioteca por Surdos e a dificuldade de compreensão da língua portuguesa escrita que alguns deles têm, conforme sugerido pela literatura (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS, 2000; OLIVEIRA, [2001]). Entretanto, é importante notar que os resultados obtidos são válidos apenas para o universo estudado e não permitem uma generalização em relação a todos os Surdos usuários de biblioteca, sendo necessários estudos adicionais para que seja possível chegar a conclusões aplicáveis a contextos mais amplos.

Verificou-se pelas entrevistas a importância da Internet como fonte de pesquisa alternativa à biblioteca. Nesse sentido, o espaço digital pode ser um meio para atrair o usuário Surdo à biblioteca, ou de outra forma, de levar os serviços da biblioteca até ele. Por exemplo, alguns entrevistados apontaram a necessidade de materiais para Surdos, como vídeos em Libras. Conforme já afirmado, as tecnologias de comunicação e informação (TICs) e o espaço digital podem facilitar a oferta de um acervo que corresponda a essas necessidades.

Lembrando que a acessibilidade também envolve a questão das preferências do indivíduo (TORRES; MAZZONI, 2004), a criação de uma biblioteca digital com acervo baseado mais em vídeos em Libras pode ter um uso maior por parte de usuários Surdos do que uma coleção especial para eles na biblioteca, visto que, pelo que apontam as entrevistas, eles utilizam bastante a Internet e talvez até prefiram o meio digital.

Quanto à dificuldade em pesquisar apontada por alguns entrevistados, uma sugestão é a implementação, no catálogo da biblioteca, de um *menu* de ajuda em Libras e com um *link* para o dicionário *online* de Libras desenvolvido por Lira e Souza (2008), tendo como inspiração a experiência da UFC relatada por Sousa et al. ([2010]), onde, conforme já citado, eles inseriram uma janela de intérprete de Libras no *site* para que os usuários Surdos possam ter melhor acesso às informações ali contidas. Essa medida pode ser adotada não só no catálogo, mas no *site* da biblioteca como um todo, de forma que os usuários Surdos tenham acesso à informações sobre todos os serviços e produtos da biblioteca com explicação em língua de sinais.

Com relação às medidas de acessibilidade, o ideal é que a biblioteca esteja equipada e preparada para atender a todos os usuários potenciais, já que não se pode afirmar que a biblioteca não vai receber usuários com determinado tipo de deficiência. Nem sempre isso é possível, dado que muitas bibliotecas possuem orçamento limitado, sendo que às vezes nem o possui, principalmente aquelas localizadas em regiões menos desenvolvidas. Conhecer o seu público e as diferenças entre pessoas com deficiências semelhantes é muito importante, tanto para que os serviços e condições gerais de atendimento sejam adequados a tal grupo de usuários, como para que sejam evitados gastos desnecessários e/ou as *falsas soluções* apontadas por Mazzoni et al. (2001).

Indica-se a necessidade de outros estudos de usuário com o público Surdo, para a identificação de demandas, como esta pesquisa, e outros, com foco no comportamento informacional de pessoas Surdas, por exemplo; estudos de avaliação de satisfação desses usuários quanto aos serviços da biblioteca que utilizam e/ou com relação à informação obtida em seus acervos e em pesquisas na *Internet*; estudos com diferentes comunidades Surdas do país, de forma a confirmar ou não a correlação entre a qualidade da compreensão da língua portuguesa e o grau de facilidade ou dificuldade no uso da biblioteca, ou para identificar outros fatores que influenciam no uso ou não da biblioteca como principal meio de acesso à informação, entre outras pesquisas.

De qualquer forma, independentemente do foco dos estudos indicados, o importante é reconhecer que o papel do bibliotecário e da biblioteca, enquanto instituição social, reside na busca por adequações em relação ao público que atende, esforçando-se ao máximo, apesar das adversidades, para implantar as mudanças demandadas por seus usuários e cumprir, de fato, sua missão de atender às necessidades de seus usuários indiscriminadamente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção; D'Antino, Maria Eloisa Famá. Deficiência mental. In: ARANTES, Vera Maria (Coord.). *Deficiência mental. Deficiência física*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação a Distância, 1998. 96 p. (Cadernos da TV Escola. Educação Especial, n. 1). Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-especial/publicacoes/caderno%20da%20tv%20escola%20-%20deficiencia%20mental%20e%20fisica.pdf>. Acesso em: 19 maio 2011.

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES. Definition of Intellectual Disability. c2011. Disponível em: <http://www.aaidd.org/content_100.cfm?navID=21>. Acesso em; 20 jun. 2011.

ARAÚJO, Evandro Nicomedes; ROCHA, Elisa Maria Pinto da. Trajetória da sociedade da informação no Brasil: proposta de mensuração por meio de um indicador sintético. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 3, p. 9-20, set./dez., 2009.

ARAÚJO, Vania Maria Rodrigues Hermes de Araújo. Usuários: uma visão do problema. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 175-192, set. 1974.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050:* Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiencias a edificacoes, espaco, mobiliario e equipamento urbanos. 2. ed. Rio de janeiro, 2004. 56 p. Disponível em: <http://www.mpdft.gov.br/sicorde/NBR9050-31052004.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 15599*: acessibilidade: comunicação na prestação de serviços. Rio de Janeiro, 2008. 39 p. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/corde/arquivos/ABNT/NBR15599.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2010.

BALDUINO, Miriam Maria de Moraes. *Inclusão escolar de alunos portadores de deficiência mental*: com a palavra os professores. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Orientação: Angela M. C. Uchôa de Abreu Branco.

BAPTISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Egler. *Educação inclusiva*: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. Brasília: MEC/SEESP, 2005. 88p.

BOMENY, Helena. *O Brasil de JK*: Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, c2009. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/UNB>. Acesso em: 17 out. 2011.

BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/214/189>. Acesso em: 2 maio 2011.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n° 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade. *Diário Oficial da União*, Brasília, 3 dez. 2004. Seção 1, p. 5-10. Disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=03/12/2004&jornal=1&pagina=5&totalArquivos=192>. Acesso em: 21 abr. 2010.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. In: _____. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência Acessibilidade. *Acessibilidade*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005 p.46-55.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/decreto%205296-2004.pdf>. Acesso em: 21 maio 2010.

BRASIL. Lei nº 3.998, de 15 de Dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. *Câmara dos Deputados [site]*: legislação informatizada. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-3998-15-dezembro-1961-376850-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 17 out. 2011.

BRASIL. Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 20 dez. 2000. Seção 1, p. 2-3. Disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=20/12/2000&jornal=1&pagina=2&totalArquivos=304>. Acesso em: 21 maio 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Nota técnica*: SEESP/GAB/Nº 9/2010. 2010. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=4683&Itemid>. Acesso em: 16 abr. 2011.

BUENO, José Geraldo Silveira. Surdez, linguagem e cultura. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 19, n. 46, set. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2011.

CAMPOS, Márcia de Borba; SILVEIRA, Milene Selbach; SANTAROSA, Lucila Maria Cosli. Tecnologias para educação especial. *Informática na Educação*: teoria e prática, v. 2, n. 1, maio 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/6274/3740>. Acesso em: 28 maio 2010.

CAPOVILLA, Fernando et al. Processos logográficos, alfabéticos e lexicais na leitura silenciosa por surdos e ouvintes. *Estudo de Psicologia*, v. 10, n. 1, p. 15-23, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n1/28004.pdf>. Acesso em: 23 maio 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (Colab.). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*. 2.ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2001.

CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set./dez. 2000.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *A educação de surdos no Distrito Federal*: perspectivas da política de inclusão. 2011. 65 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão)– Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Orientação: Carla H. T. Francini do Nscimento. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Ceilândia.

COHEN, Sandy. Enabling libraries: how to serve people with disabilities. *Tennessee Libraries*, Memphis, v. 56, n. 2, Apr. 2006. Programs from the TLA/SELA Joint Conference, Memphis, TN, 2006. Disponível em: <http://www.tnla.org/associations/5700/files/cohen562.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2010.

CONEGLIAN, André Luís Onório; CASARIN, Helen de Castro Silva. Análise do comportamento informacional de pós-graduandos surdos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. [*Anais*...] Salvador: [s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--196.pdf>. Acesso em: 5 maio 2011.

CONEGLIAN, André Luís Onório; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca inclusiva*:* perspectivas internacionais para o atendimento a usuários com surdez. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., Marília, SP. *Anais eletrônicos…* Marília, SP: ANCIB, 2006. Disponível em: <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewabstract.php?id=305>. Acesso em: 12 maio 2010.

CORRADI, Juliane Adne Mesa. *Ambientes informacionais digitais e usuários surdos: questões de acessibilidade*. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)— Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007. Orientação: Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bma/33004110043P4/2007/corradi_jam_me_mar.pdf>. Acesso em: 24 maio 2010.

CORRADI, Juliane Adne Mesa; NORTE, Mariângela Braga. Tecnologia da informação e comunicação: acessibilidade à comunidade surda no ciberespaço. In: SEMINÁRIO ACESSIBILIDADE, TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL (ATIID), 3., 2005, São Paulo. *Anais…* São Paulo: [S.l.], 2005. Disponível em: <http://www.fsp.usp.br/acessibilidade/cd2005/conteudo/ATIID2005/porsters/P1/TICAcessibiliddComunidadeSurdaCib.pdf>. Acesso em: 29 maio 2010.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. *Psicologia, Ciência e*

Profissão, 2004, v. 24, n. 4, p. 68-77. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932004000400009&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 out. 2011.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. *Diretrizes para serviços de biblioteca para surdos*. 2. ed. Tradução [de] Ana Maria V. C. Duckworth. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. Série Publicações Ocasionais, n. 1. IFLA Relatórios Profissionais, n. 24. Tradução de: Guidelines for library services to deaf people. Disponível em: <http://especial.futuro.usp.br/documentos/guiaifla.rtf>. Acesso em: 5 mar. 2011.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. *Relatório de atividades de 2006*. São Paulo: [s.n.], 2006. Disponível em: <www.feneis.com.br/arquivos/relatorio2006.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado. *Ciência da Informação*, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/124/105>. Acesso em: 2 maio 2011.

FORD FOUNDATION. *History*: overview. Nova York: Ford Foundation, c2011. Disponível em: <http://www.fordfoundation.org/about-us/history>. Acesso em: 01 nov. 2011.

FUNDAÇÃO FORD. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, [20--?]. Disponível em: <http://www.programabolsa.org.br/fford.html>. Acesso em: 01 nov. 2011.

GESUELI, Zilda Maria. Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v27n94/a14v27n94.pdf>. Acesso em: 6 out. 2011.

GIL, Marta (Org.). *Deficiência visual*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, 2000. 79 p. (Cadernos da TV Escola, 1). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000344.pdf>. Acesso em: 19 maio 2011.

GOMES, Adriana L. Limaverde et al. *Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado*: deficiência mental. Brasília: MEC/SEESP, 2007. 81 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dm.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2011.

GUALBERTO, Paulo. *Apresentação [da Biblioteca Central da UnB]*. Brasília: BCE/UnB, [20--?]. Disponível em: <http://www.bce.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=28>. Acesso em: 01 nov. 2011.

HADJIKAKOU, Kika; NIKOLARAIZI, Magda. The impact of personal educational experiences and communication practices on the construction of deaf identity in Cyprus. *American Annals of the Deaf*, v. 152, n. 4, p. 398-414, Fall 2007. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br.ez54.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:EBSCO_APH&id=doi:&genre=&isbn=&issn=0002726X&date=2007&volume=152&issue=4&spage

=398&epage=414&aulast=Hadjikakou&aufirst=%20Kika&auinit=&title=American%20Annals%20of%20the%20Deaf&atitle=THE%20IMPACT%20OF%20PERSONAL%20EDUCATIONAL%20EXPERIENCES%20AND%20COMMUNICATION%20PRACTICES%20ON%20THE%20CONSTRUCTION%20OF%20DEAF%20IDENTITY%20IN%20CYPRUS%2E&sici=&__service_type=&pid=<metalib_doc_number>011598906</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svrperiodicos2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 9 out. 2011.

HEAP, Marion. Sign-deaf spaces: the deaf in Cap Town creating community crossing boundaries, constructing identity. *Anthropology Southern Africa*, , v. 29, n. 1/2, Mar. 2006. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br.ez54.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:EBSCO_APH&id=doi:&genre=&isbn=&issn=&date=2006&volume=29&issue=1/2&spage=35&epage=44&aulast=Heap&aufirst=%20Marion&auinit=&title=Anthropology%20Southern%20Africa&atitle=Sign%2Ddeaf%20spaces%20The%20Deaf%20in%20Cape%20Town%20creating%20community%2C%20crossing%20boundaries%2C%20constructing%20identity%2E&sici=&__service_type=&pid=<metalib_doc_number>011598918</metalib_doc_number><metalib_base_url>http://svrperiodicos2.periodicos.capes.gov.br</metalib_base_url><opid></opid>>. Acesso em: 9 out. 2011.

LIRA, Guilherme de Azambuja; SOUZA, Tanya Amara Felipe de. *Libras*: dicionário de Língua Brasileira de Sinais [online]. Versão 2.1. [S.l.]: Acessibilidade Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras>. Acesso em: 5 jul. 2011.

MACIEL, Maria Christina Braz Thut. Deficiência física. In: ARANTES, Vera Maria (Coord.). *Deficiência mental. Deficiência física*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação a Distância, 1998. 96 p. (Cadernos da TV Escola. Educação Especial, n. 1). Disponível em: <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-especial/publicacoes/caderno%20da%20tv%20escola%20-%20deficiencia%20mental%20e%20fisica.pdf>. Acesso em: 19 maio 2011.

MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Ed Rio, [198-?]. 210 p.

MAZZONI, Alberto Angel et al. Aspectos que interferem na construção da acessibilidade em bibliotecas universitárias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 29-34, maio/ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n2/6209.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2010.

MELLO, Anahí Guedes de; TORRES, Elisabeth Fátima. Accesibilidad en La comunicación para sordos oralizados: contribuciones de las tecnologias de información y comunicación. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA ESPECIAL, 5., Montevideo, 2005. *Anais eletrônicos…* Disponível em: <http://www2.uepa.br/nedeta/Arquivos/Acessibilidade_e_comunica__o_para_surdos.doc>. Acesso em: 18 abr.2010.

MIRANDA, Antônio Lisboa Carvalho de; SIMEÃO, Elmira Luzia Soares. A conceituação de massa documental e o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. In:

COLÓQUIO DE INVESTIGACIÓN BIBLIOTECOLÓGICA Y DE LA INFORMACIÓN, 21., 2003, México. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/miranda-simeao-conceituacao-massa-graficos-final.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2009.

NEVES, Gabriele Vieira. As imagens do outro sobre a cultura surda: resenha. *Conjectura*, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010. Resenha do livro "As imagens do outro sobre a cultura surda" de Karin Strobel. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/189/180>. Acesso em: 3 out. 2011.

NEVES, Gabriele Vieira. Ensino de História para alunos surdos de Ensino Médio: desafios e possibilidades. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., Paraná, 2009. [*Anais*...] Paraná: [s.n.], 2009.

OLIVEIRA, Viviane Santos de. Acesso à informação para surdos brasileiros: papel da biblioteca. *Biblioteca On-Line*: Revista Informativa Online, [s.l., 2001]. Disponível em: <http://biblioteca.estacio.br/artigos/003.htm>. Acesso em: 4 maio 2011.

PARÂMETROS curriculares nacionais: adaptações curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/media/common/Downloads_PCN.PDF>. Acesso em: 4 out. 2011.

PASSERINO, Liliana Maria; MONTARDO, Sandra Portella. Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE A ESCOLA LATINO AMERICANA DE COMUNICAÇÃO, 11., Pelotas, RS, 2007. *Anais*… Pelotas, RS: Universidade Católica de Pelotas.

PERLIN, Gladis T. T. *O ser e o estar sendo surdos*: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação)Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Orientação: Carlos Bernardo Skliar. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5880/000521539.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 out. 2011.

PLAYFORTH, Sarah. Inclusive library services for deaf people: an overview from the social model perspective. *Health Information and Libraries Journal*, v. 21, suplemento 2, p.54–57, 2004.

PORTAL DO SURDO. *Passeata dos Surdos em Brasília contra a proposta de educação inclusiva do MEC*. 2011. Disponível em: <http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=272:passeata-dos-surdos-em-brasilia-contra-a-proposta-de-educacao-inclusiva-do-mec&catid=57:noticias&Itemid=182>. Acesso em: 16 out. 2011.

PUPO, Deise Tallarico; VICENTINI, Regina Aparecida Blanco. A integração do usuário portador de deficiência às atividades de ensino e pesquisa: o papel das bibliotecas virtuais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10.,1998, Fortaleza. *Anais*... Fortaleza: UFCe; UNIFOR, 1998. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=1122>. Acesso em: 4 abr. 2011.

QUADROS, Ronice Müller de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, p. 81-111, 2003. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1246/3850>. Acesso em: 14 out. 2011.

REDONDO, Maria Cristina da F.; CARVALHO, Josefina Martins. *Deficiência auditiva*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, 2000. 63 p. (Cadernos da TV Escola, 1). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000345.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2011.

RYBENÁ. *Rybená*: [página inicial]. 2005a. Disponível em: <http://www.rybena.org.br/default/index.jsp>. Acesso em: 20 nov. 2011.

RYBENÁ. *Rybená*: solução: descrição. 2005b. Disponível em: <http://www.rybena.org.br/solucao/descricao.htm>. Acesso em: 20 nov. 2011.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. *Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado*: deficiência visual. Brasília: MEC/SEESP, 2007. 57 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf>. Acesso em: 19 maio 2011.

SACKS, Oliver. Apresentação por Oliver Sacks, neurologista e escritor. In: CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (Colab.). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*. 2.ed. São Paulo, SP: EDUSP, 2001. p. 17.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em: 6 out. 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Atualizações semânticas na inclusão de pessoas: deficiência mental ou intelectual? Doença ou transtorno mental? *Promotoria de Justiça de Presidente* Prudente. 2005. Artigo originalmente publicado em: *Revista Nacional de Reabilitação*, ano 9, n. 43, p. 9-10, mar./abr. 2005. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/2004/artigos/21.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. [*Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9]. Disponível em: <http://www.fiemg.com.br/ead/pne/Terminologias.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010.

SCHIRMER, Carolina R. *Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado*: deficiência física. Brasília: MEC/SEESP, 2007. 129 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_df.pdf>. Acesso em: 15 maio 2011.

SHERMAN, Will. *33 razões por que as bibliotecas e bibliotecários ainda se mantêm extremamente importantes*. Tradução de: Are librarians totally obsolete?. Disponível em:

<http://www.abdf.org.br/principal/index.php/artigos-mainmenu-80/369-os-bibliotecarios-estao-completamente-obsoletos>. Acesso em: 18 mar. 2011.

SHINTAKU, Milton. *A comunicação científica entre pesquisadores da surdez do ponto de vista da linguagem*. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)Departamento de Ciência da Informação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasíla, 2009. Orientação: Sely Maria de Souza Costa. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3174>. Acesso em: 24 maio 2011.

SILVA, Romario Antunes da; MORAES, Karla Viviane Garcia. Abordagem no estudo de usuário desenvolvido com os alunos surdos do centro federal de educação tecnológica de São José: estágio obrigatório em biblioteconomia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos*... São Paulo: CRUESP Bibliotecas, 2008. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3538.pdf>. Acesso em: 11 maio 2010.

SOUSA, Clemilda dos Santos et al. Biblioteca universitária e comunidade surda: uma proposta de acessibilidade à informação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., [Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos*… Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010]. Disponível em: <http://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_434.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2011.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Orientação: Ronice Muller de Quadros. Disponível em: <www.cultura-sorda.eu/resources/Tesis_Strobel_2008.pdf>. Acesso em: 13 out. 2011.

SULP: surdos usuários da língua portuguesa [blog].[2011?]. Disponível em: <http://sulp-surdosusuariosdalinguaportuguesa.blogspot.com/2011/03/por-ande-andam-os-surdos-usuarios-da.html>. Acesso em: 26 jun. 2011.

TAKAHASHI, Tadao. *Sociedade da informação no Brasil***:** Livro verde. Brasilia: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 203 p.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel. Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 152-160, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a16v33n2.pdf>. Acesso em: 28 maio 2010.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; ALVES, João Bosco da Mota. A acessibilidade à informação no espaço digital. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 83-91, set./dez. 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/153/132>. Acesso em: 18 abr. 2010.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; MELLO, Anahí Guedes de. Nem toda pessoa cega lê em Braille nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 369-385, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n2/a13v33n2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Biblioteca Central*: [números]. Brasília, c2008a. Disponível em: <http://www.unb.br/sobre/biblioteca_central>. Acesso em: 8 nov. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Criação*. Brasília: UnB, c2008b. Disponível em: <http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/criacao>. Acesso em: 17 out. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Edital nº1, 1º vestibular 2012*, de 15 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2012/>. Acesso em: 22 nov. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Estrutura*. Brasília: UnB, c2008c. Disponível em: <http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/estrutura>. Acesso em: 17 out. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Linha do tempo*. [Brasília: s.n.], c2006. Disponível em: <http://www.unb.br/unb/historia/linha_do_tempo/index.php>. Acesso em: 17 out. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *O Plano orientador de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e o início da Universidade de Brasília 1962*. Brasília, 2007b. 27 slides. Disponível em: <http://www.pdi.uff.br/images/pdf/multimidia-apresentacoes/PLANO_ORIENTADOR_UNB.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *O que é*. Brasília: UnB, c2008d. Disponível em: <http://www.unb.br/sobre/o_que_e>. Acesso em: 17 out. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Universidade de Brasília, 1962. 1 v. (várias paginações).

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *UnB em números*. Brasília: SECOM/UnB, 2011. 1 folder.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas. *Graduação*. [Brasília: s.n.], 2007a. Disponível em: <http://vsites.unb.br/il/liv/graduacao/index.htm>. Acesso em: 7 nov. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Instituto de Letras. *Números do Instituto de Letras*. c2011a. Disponível em: <http://www.il.unb.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=15:nos-do-instituto-de-letras&catid=48:instituto-de-letras&Itemid=68>. Acesso em: 31 out. 2011.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Instituto de Letras. *Um pouco de história do Instituto de Letras*. c2011b. Disponível em: <http://www.il.unb.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=14:um-pouco-de-hist-do-instituto-de-letras&catid=48:instituto-de-letras&Itemid=68>. Acesso em: 31 out. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Comissão Permanente de Vestibular. *Edita nº 01/Coperve/2008*, de 9 de abril de 2008. Florianópolis, 2008. Dispõe

sobre as normas do Processo Seletivo para ingresso nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/editalcompleto.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Letras-Libras*: funcionamento. [2011?]a. Disponível em: <www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>. Acesso em: 5 jul. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Letras-Libras*: objetivo. [2011?]b. Disponível em: <www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>. Acesso em: 5 jul. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Letras-Libras*: pólos. [2011?]c. Disponível em: <www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>. Acesso em: 5 jul. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Letras-Libras*: publicações. [2011?]d. Disponível em: <www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/index.htm>. Acesso em: 5 jul. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Órgãos Deliberativos Centrais. *Resolução nº 007/CEG/2006*, de 22 de fevereiro de 2006. Aprova a criação do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras-Libras, na Modalidade à Distância. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/Resolucao%20007CEG2006.jpg>. Acesso em: 8 nov. 2011.

VOLPINI, Elton Eugenio. Prefácio. In: POOLE, Frazer Gledon. *Programa para o projeto do edifício da Biblioteca Central*. Brasília: Universidade de Brasília, 1973. 63 p.

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Qual é o seu nome e sua idade?

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

ANEXO A – ENTREVISTAS COM OS ALUNOS SURDOS DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS, PÓLO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ENTREVISTA 1 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E1 e eu tenho 30 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Dependendo da pessoa eu consigo fazer leitura labial,mas na maioria das vezes prefiro me comunicar por língua de sinais. Também escrevo quando a pessoa não me entende".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Sim, algumas vezes, mas não muito". [UnB]

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Quando não encontro na biblioteca há a necessidade de comprar livros, então eu compro livros, revistas também e pesquiso na Internet".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Dependendo do livro, consigo compreender o texto. Falar que compreendo tudo seria mentira, mas tenho facilidade em entender quando são livros da minha área. [Linguística]".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   [Essa pergunta não foi feita, pois o entrevistado disse não ter dificuldades com a língua portuguesa].

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   “Não tenho muitas dificuldades, não. Eu vou, acesso [a biblioteca], pesquiso o que eu preciso. Quando tenho dificuldade chamo alguém e normalmente escrevo [para me comunicar]. A primeira vez que fui à biblioteca me explicaram como procurar livros, então não tenho problemas em usar a biblioteca”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   “Não muita. Quando preciso pedir ajuda normalmente eu escrevo e dá certo”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   “Se tivesse um glossário em língua de sinais seria mais fácil porque não ia precisar chamar alguém para explicar [as palavras]. Melhoraria a comunicação [também]”.

ENTREVISTA 2 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E2 e tenho 37 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Não tenho conhecimento muito aprofundado na língua portuguesa. Prefiro usar a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Utiliza, mas não da UnB, utilizo a da minha outra faculdade".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É, na minha casa, eu sempre procuro as informações na Internet, faço pesquisas, é… eu pesquiso aqui mesmo no Letras-Libras, eu consigo pegar muita coisa, eu tenho muito material. Eu também faço uma pós, eu faço uma especialização e aí eu tenho acesso a essas informações, que são mais voltadas pro Surdo, através do visual".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Sim, tenho dificuldade, não conheço muito a língua portuguesa. Tenho dificuldades em contextualizar algumas palavras. O professor praticamente obriga a fazer pesquisa em língua portuguesa. Por exemplo, para a monografia tem que ler muito texto, então chamo um intérprete para fazer a mediação".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Quando eu era mais jovem eu ia à biblioteca, procurava alguns livros e eu percebia realmente essa dificuldade, porque o português era uma… tinha uns termos muito profundos, umas palavras que eu realmente não conhecia. Agora que eu pesquiso muito na Internet e tem muita coisa em língua de sinais e consigo fazer essa tradução, então as coisas parecem mais claras, ficaram mais fáceis pra eu poder compreender;

mas ainda precisa melhorar, tem muita coisa pra melhorar, que ainda precisa ser melhorada".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Antes eu ia mais à biblioteca, mas não tinham muitos livros. É importante investir nessa questão da tecnologia".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "[Sim], a biblioteca precisa ter intérprete [de língua de sinais]".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "Tem que ter intérprete na biblioteca. Poderia também ter uma tela para a gente pesquisar no visual. Precisa de livros em Libras; existem materiais, DVDs que são importantes".

ENTREVISTA 3 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E3 e tenho 40 anos.

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "A minha comunicação é pouca em escrita. Quando tem um intérprete ou um Surdo para conversar [em língua de sinais] eu já me identifico. Prefiro me comunicar em Libras".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Quando eu estudava eu utilizava, a minha esposa me ajudava, mas eu utilizava poucas vezes".
   [Intervenção: Por quê utilizava pouco?]
   "Existem determinadas palavras que não fazem sentido para mim. O Surdo lê de um jeito mais global. Quando tem uma palavra que não entendo vou pulando o texto e a leitura fica ruim. Não sei como pesquisar, encontrar as coisas, é muito difícil".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É, principalmente na faculdade, eu procuro pegar alguns livros, eu vejo algum material diferente no intuito de me ajudar e principalmente com o material daqui. Com relação à Universidade Federal de Santa Catarina, eu entro no site aí dá pra eu pegar bastante coisa, bastante material, sempre usando a Internet, tendo a Internet como esse recurso principal das minhas pesquisas".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Sim, tenho dificuldades".

6. [Se “sim” na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   “Sim, influencia no uso da biblioteca”.

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   “É, depende, porque tem algumas bibliotecas que eu percebo que é… existe uma dificuldade maior, eu não consigo encontrar. Então, assim, às vezes a comunicação é ruim, a forma como os livros são distribuídos também fica muito difícil encontrar e aí realmente eu evito [utilizar a biblioteca]”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   “[Sim]. Eu chego na biblioteca e a mulher começa a falar e eu não entendo nada. Aí eu escrevo, mas às vezes não entendo também o que ela escreve. Eu preciso de um intérprete para ter comunicação”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   “Precisaria de intérprete de língua de sinais para facilitar a comunicação”.

ENTREVISTA 4 – MULHER

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E4 e eu tenho 31 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Depende. Se eu estiver junto da minha família aí eu respeito o jeito deles, eu falo, tento falar oralmente, mas se eu estiver em um grupo de Surdos aí eu uso a língua de sinais. Mas, na maioria das vezes, eu uso a língua portuguesa mesmo, para me comunicar".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Aqui no início eu usava. Bem antigamente não. Eu utilizo mais lá em Minas, em Patos de Minas. Aqui eu tô começando a utilizar a biblioteca".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É… eu busco mais informações pela Internet porque a biblioteca é muito…, assim… por causa do tempo, quase eu não tenho tempo pra ir na biblioteca pra fazer uma pesquisa. Se eu precisar aí sim eu vou lá na biblioteca. Então eu pesquiso mais, eu pego mais informações pela Internet".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Não, depende. Assim,… se o texto… se for um texto mais complicado, que tem algumas palavras mais específicas pode ser complicado, eu posso confundir algumas coisas, mas um texto mais simples eu entendo claramente. Depende do tipo do livro, do texto".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   [Essa pergunta não foi feita, pois o entrevistado disse não ter dificuldades com a língua portuguesa].

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Olha, a primeira vez que eu fui à biblioteca da UnB eu olhei e falei: 'Eita! Não é fácil de encontrar nada aqui não'. Achei um pouco estranho, um pouco diferente".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Não, porque eu consigo entender… né, eu faço leitura labial, então eu não tenho tanta dificuldade".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "Eu gostaria que, de que tivesse uma pessoa que conhecesse língua de sinais pra que pudesse [se] comunicar com a gente. Porque se de repente chega um Surdo e não sabe língua oral, como é que vão ajudar ele? É muito importante que tenha uma pessoa que saiba língua de sinais".

ENTREVISTA 5 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E5, e eu tenho 24 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Prefiro a língua de sinais. Depende das pessoas, se algumas pessoas falam devagar eu até entendo os lábios. Depende, mas eu prefiro a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Não, difícil[mente] [eu utilizo]".
   [Intervenção: tem algum motivo por que você não utiliza a biblioteca?]
   "Não sei, às vezes porque eu faço… eu procuro na Internet, em casa mesmo. Eu tenho alguns livros em casa, então eu pesquiso em casa mesmo, utilizo a Internet".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Às vezes eu vou até a Biblioteca Nacional de Brasília, às vezes eu vou até lá e aí eu pesquiso, pego alguns livros. Às vezes eu também pesquiso na Internet, aqui o Letras-Libras também me ajuda muito, eu tenho um grupo de amigos, também, que sempre me auxiliam nessa questão, dentro da biblioteca".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Sim, tenho dificuldade na leitura, sim. Em algumas palavras eu não [entendo] conheço, alguns contextos são complicados, eu tenho dificuldades, sim".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   [Intervenção intérprete: É, por exemplo, você tem dificuldade de ler, por quê]
   "Não, na verdade acho que depende dos autores dos livros, as palavras, é… algumas palavras mais complexas, outras palavras que de repente, são mais 'pesadas' eu não consigo entender. Depende mesmo do contexto dos livros".

[Intervenção: mas você acha que essa dificuldade influencia [no uso]? Se, por exemplo, tivesse mais materiais com vídeo seria melhor de usar a biblioteca ou não?]
"Sim, pode ser. Se fosse, sei lá, vídeo em língua de sinais,se traduzissem os livros seria muito mais fácil, eu entenderia completamente, conseguiria entender, sim".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   [Como ele não utiliza a biblioteca, a pergunta feito foi: Você já teve alguma dificuldade em utilizar a biblioteca?]
   "Não, nunca" [Intérprete: porque ele não vai].

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Nunca, porque eu não utilizo. Às vezes eu tenho que escrever pra, de repente, procurar alguma coisa, mas… eu utilizo a escrita".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   "Seria interessante que a biblioteca tivesse uma pessoa que soubesse língua de sinais, porque, por exemplo na Biblioteca Nacional [de Brasília] não tem. Então, não tendo essa presença do intérprete pra mim fica muito difícil. Só pesquisar na Internet, às vezes faltam algumas informações e seria interessante, que eu tivesse alguém para me auxiliar nesse sentido".

ENTREVISTA 6 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E6 e eu tenho 23 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Depende da situação, se em alguns momentos eu preciso me comunicar através da oralização aí eu me comunico. Por exemplo, em casa eu tenho mais contato através da questão do oralismo mesmo, eu cresci oralizado".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Não, aqui eu não uso não, da UnB não uso não. Algumas fora eu já utilizei, outras de outros lugares".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É… eu sempre pesquiso na Internet também, ás vezes eu pergunto para algumas pessoas com quem eu tenho mais contato, mas minha busca é maior na Internet mesmo".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Mais ou menos. Às vezes alguma palavra mais 'pesada', uns textos mais complexos. Quando o texto é 'leve' entendo normalmente".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Nada a ver. Eu acho que não tem nada a ver, não".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   [Pergunta feita: você já teve alguma dificuldade em utilizar a biblioteca?]
   "Não sei, porque eu entro, faço… e procuro meu livro e pronto".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   “Eu não tenho o hábito de ir à biblioteca, então eu realmente não tenho esse problema”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   “É… não sei. Não sei uma resposta”.

ENTREVISTA 7 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E7 e eu tenho 35 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Bom, eu leio, sim. Aí, veja… se de repente eu tenho dificuldade em alguma palavra eu vou ao dicionário, busco o significado e é isso".
   [Intervenção: mas, por exemplo, como você se comunica? Por Libras, linguagem oral, escrita?]
   "Bom, eu me comunico em língua de sinais e também de forma escrita. Se as pessoas não sabem Libras eu fico escrevendo e fico mostrando pra elas. Oralmente… é, algumas poucas palavras".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Aqui na UnB não utilizo, não. Utilizo lá fora, umas outras, mas muito de vez em quando, quando preciso, mas raramente".
   [Intervenção: e por que você utiliza pouco? Tem algum motivo, alguma dificuldade que você encontra em utilizar a biblioteca?]
   "Porque, por exemplo, eu tenho uma biblioteca que é longe, aí… vou procurar em alguns lugares e não tem biblioteca, não tem, não tem, aí eu vou em algum lugar específico e tento estudar, fazer o que eu quero fazer, mas quando não tenho material, não tenho alguma coisa eu tenho que procurar uma biblioteca".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Geralmente eu procuro, pesquiso pela Internet e quando eu não encontro na Internet aí eu procuro uma biblioteca. Se eu não encontro, é… um material que eu preciso na biblioteca aí eu peço ajuda é… pra alguma outra pessoa pra poder estar me auxiliando com relação àquele tema, àquele assunto".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?

"Pra ser sincero, quando eu pesquiso eu percebo que existe essa dificuldade, então quando eu olho, por exemplo, na Internet tem algum vocábulo que eu não conheço aí eu vou pesquisar no dicionário, às vezes tem uma explicação que ainda sim eu não conheço, então eu procuro um intérprete, mostro pra ele aquela palavra naquele contexto e pergunto: 'qual o significado? Interpreta isso pra mim'. Aí ele explica e através daquele contexto eu consigo compreender o significado".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na freqüência com que você utiliza a biblioteca?
   "Eu reconheço que eu preciso me esforçar. Antes eu realmente não ia à biblioteca, não estudava, não me esforçava, mas mesmo tendo essa dificuldade com o português, mesmo sabendo que existe essa dificuldade eu sinto que existe também essa necessidade. Então se eu me acomodar, pensar 'Ah, não, o português é difícil, então eu não vou procurar, não vou buscar não'. Então eu tenho essa força de vontade, eu corro atrás pra eu poder pesquisar e crescer dentro da língua".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Eu acho muito difícil. Existe uma dificuldade muito grande, porque não existe intérprete. Eu vou procurar um livro e às vezes eu não encontro, então eu procuro aquele… é… uma determinada palavra no dicionário. Eu acho muito complicado. Se tivesse um intérprete seria mais fácil".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Eu escrevo. Eu já chego escrevendo pra pessoa. Simples assim. Não tive uma dificuldade. Se, de repente, eu tivesse que falar em Libras eu levaria alguém para interpretar para mim, mas como é algo simples eu escrevo e levo pra pessoa na biblioteca".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

“Bom, algo que seja para resolver 100% acho que não tem. Ajudaria 60% se de repente tivesse algo específico. Por exemplo, procura na Internet. Por exemplo, ele vê um título de um livro, vai procurando as palavras, coloca na Internet, o que ele não entender procura no dicionário. A gente utiliza dessa maneira, na verdade”.

ENTREVISTA 8 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E8 e eu tenho 22 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Bom, eu me comunico… minha forma de comunicação é língua de sinais e também me comunico de forma oral. Eu utilizo os dois jeitos".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Bom, às vezes eu preciso procurar biblioteca, mas geralmente tem que fazer cadastro, fazer algumas coisas. Por exemplo, eu sou aluno do Letras-Libras, eu posso utilizar a biblioteca da UnB? Hoje em dia eu já posso utilizar essa biblioteca".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É, eu sempre pesquiso na biblioteca do Senac. Alguns assuntos, quando eu não encontro, é mais difícil encontrar, eu procuro na Internet e através desse trabalho é possível fazer as minhas pesquisas".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Bom, eu leio alguns textos e é complicado porque eu não conheço alguns tipos de palavras. Algumas eu conheço, mas a maioria, umas palavras mais difíceis eu tenho dúvida, eu não sei. Aí eu leio, tento entender e associar ao sinal pra ficar mais claro e procuro uma explicação, vejo em… procuro saber o significado dessas palavras de alguma maneira".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na freqüência com que você utiliza a biblioteca?
   "Bom, às vezes eu procuro alguns livros na biblioteca e tenho dúvida, mas, por exemplo, outras pessoas me ajudam, eu procuro outros tipos também, eu tento ler

alguma… ler jornal e tal, para tentar facilitar algumas coisas, pergunto pros meus pais, pergunto pra minha família e é isso".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Bom, é difícil pra procurar, pra pesquisar, sei lá, alguns temas. Se o professor fala alguma coisa e, de repente, eu não conheço, a palavra tem que estar associada ao sinal, é mais complicado".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Sim, porque a maioria das pessoas, é… a relação entre ouvintes e os Surdos é mais ou menos, porque às vezes eu olho e penso: preciso de uma ajuda, mas às vezes essas pessoas não têm conhecimento e precisam melhorar pra nos ajudar também".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "Bom, precisa de informação dentro da própria biblioteca com relação aos Surdos, porque parece que eles não nos entendem, não têm uma comunicação correta com nós, precisa de intérprete. A principal coisa é colocar um intérprete dentro da biblioteca pra que o relacionamento entre o ouvinte e o Surdo aconteça, para que possamos ler o texto, é… procurar, de repente, um livro, pra que vários fatores possam ser esclarecidos para a gente, para nós [Surdos]".

ENTREVISTA 9 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E9 e eu tenho 42 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Bom, antigamente eu estudei no CEAL e lá era só leitura labial, era só a forma oral, a gente falava língua de sinais de uma forma mais escondida com algumas outras pessoas e eu fui aprendendo, mas dentro da escola era proibido utilizar a língua de sinais, eu falava só oralmente e minha família também, na minha família também era proibido utilizar a língua de sinais, era só oral, oral, oral. Depois de alguns anos, quando eu tinha mais ou menos uns dezoito ou dezenove anos eu comecei a desprezar a forma oral e passei a utilizar a língua de sinais e é meu direito de utilizar a língua de sinais e eu quis usar a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Às vezes eu utilizo a biblioteca, mas outras, não a daqui da UnB. Aqui nunca".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Em casa mesmo, no trabalho, às vezes eu uso a Internet ou a biblioteca da própria escola eu faço as minhas pesquisas".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Tenho, tenho dificuldade, sim, porque algumas palavras eu não conheço, então há uma dificuldade".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Não, acho que não".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Não, é fácil porque eu tento buscar algumas informações, eu acho fácil".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Já, já tive problema. Eu fui a uma biblioteca que não existia comunicação e eu, de repente, queria procurar uma coisa e não conseguia, daí eu peguei um papel e escrevi, aí foi fácil".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "Sim, é… algumas informações para esses profissionais, porque, por exemplo, 'qual é o nome de tal coisa', 'onde é que fica um determinado livro'. É necessário que ele [o atendente] saiba língua de sinais".

ENTREVISTA 10 – MULHER

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E10 e eu tenho 24 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Tudo. Eu utilizo todos eles".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Utilizo outra biblioteca. Aqui não porque é difícil eu vir para a UnB".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Ah, minha tia me ajuda. Na casa da minha tia tem vários livros, parece uma biblioteca, então vou até ela".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Eu tenho dificuldades em escrever em língua portuguesa, de escrever um texto, de repente, mas ler eu não tenho muita dificuldade. Por exemplo, eu to com um livro aqui".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   [Essa pergunta não foi feita, pois o entrevistado disse não ter dificuldades com a língua portuguesa].

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Bom, eu quase não uso a biblioteca, na verdade, eu não sei se tem dificuldades ou facilidades porque eu não utilizo muito".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   “Não, normal”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   “Precisa de intérprete, precisa de ter um acompanhamento de intérprete, porque se não tiver, o Surdo não tem comunicação, porque alguns Surdos conseguem falar oralmente, outros conseguem escrever, mas outros não”.

ENTREVISTA 11 – HOMEM (FORMADO EM LETRAS-LIBRAS)

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E11 e eu tenho 25 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Minha comunicação melhor, sem dúvida, é em língua de sinais, em Libras".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Não, não. É muito difícil. Se eu realmente precisar aí eu procuro a biblioteca, mas é muito difícil, não uso freqüentemente não".

   [Intervenção: tem algum motivo pra você não utilizar a biblioteca, tem alguma dificuldade no uso da biblioteca?]

   "Na verdade eu venho na biblioteca mais pra estudar, agora pra pesquisar, pegar livros eu realmente não uso com freqüência, não. Sempre que eu venho à biblioteca, sempre que eu preciso de uma biblioteca eu procuro a Biblioteca Demonstrativa da Asa Sul, às vezes eu uso lá, mas mais pra estudo. Aqui na UnB eu realmente não costumo vir não, pra usar não".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É, eu sempre compro livros, é muito difícil eu vir pra pegar porque antes eu pegava o livro aí eu vinha pesquisar aí eu falava que eu precisava de um prazo maior e aí ficava uma coisa muito chata dessa questão de devolver, né, porque tinha que tá devolvendo rápido e eu prefiro comprar mesmo o livro".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Eu gosto muito de ler. Eu tenho o hábito de ler. Às vezes dependendo do texto realmente eu tenho dificuldade, tem uma linguagem que realmente utiliza uns termos mais técnicos e aí eu percebo que fica mais difícil, mas quando é… são termos normais então depende muito do texto que eu to lendo".

6. [Se “sim” na questão 5]

   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?

   “Por exemplo, se tem um texto acadêmico que é muito difícil eu consigo, eu leio, eu repito até eu conseguir compreender aquele texto. Mas… ir à biblioteca e pegar o livro realmente é algo que realmente eu não tenho o hábito de fazer. Eu uso sempre o ato de comprar mesmo, eu compro e ali no meu livro eu leio e releio até que eu tenha essa compreensão”.

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   “Não, fácil, das poucas vezes que eu uso, fácil”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   “Não, eu nunca tive [esse] problema de comunicação, não”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   “Por exemplo, essa questão da acessibilidade, né, de colocar um intérprete ou colocar um funcionário que saiba língua de sinais, isso realmente facilitaria muito porque a grande maioria dos Surdos eles não têm esse hábito de ler, de ir à biblioteca. Agora se tem essa divulgação que tem uma pessoa que vai orientar essa questão da acessibilidade, aí isso melhora e isso com certeza faz com que os Surdos procurem mais a biblioteca.

   Na minha opinião, é… você poderiam fazer essas pesquisas com relação à leitura, primeiro saber a porcentagem de quantos Surdos gostam realmente de ler, quantos Surdos realmente não gostam de ler pra ver essa questão da freqüência, né, de quem usaria mais a biblioteca, de como se trabalharia a acessibilidade dentro da biblioteca. Se ficar, por exemplo, comprovado que há um determinado número de Surdos muito grande que não gosta de fazer essa leitura, aí não teria, né, o porquê de se preocupar com essa acessibilidade”.

ENTREVISTA 12 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E12 e eu tenho 24 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Eu uso as duas coisas, eu uso o oralismo e a língua de sinais, e quando precisa eu escrevo, também, na língua portuguesa".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Aqui na UnB não, eu costumo ir numa outra, num outro lugar".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Geralmente eu uso a Internet mesmo".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Tudo não, eu tenho um pouco de dificuldade, geralmente a minha mãe que me ajuda com relação ao português".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Eu acho que é importante, sim, a questão da biblioteca, da pesquisa, mas realmente esbarra nessa questão da dificuldade mesmo, com a língua portuguesa".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Normal, normal, já to acostumado, desde pequeno que eu costumo freqüentar a biblioteca, não tenho problema, não".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

"Já, já, porque, por exemplo, é… ele não entende a minha voz, mesmo eu falando, daí ele pega o papel, aí eu escrevo e mostro pra ele em função dessa falta de comunicação".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "Eu penso que a tecnologia é tudo, né, por exemplo, um computador em que o Surdo vá lá e ele possa ler, saber o nome do livro e procurar ali no computador, mostra o lugar adequado pra ele poder pegar o livro. Se tivesse essa tecnologia não precisaria de uma pessoa pra poder fazer esse 'meio de campo', essa intermediação".

ENTREVISTA 13 – HOMEM (FORMADO EM LETRAS-LIBRAS)

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E13 e eu tenho 24 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "A língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Vou, eu sempre vou pra pegar livros e faço essa leitura, normal".
   [Intervenção: qual biblioteca você utiliza?]
   "Aqui mesmo, na biblioteca da UnB".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É, eu pesquiso na Internet, eu pesquiso, eu uso muito a Wikipédia dentro da Internet".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Às vezes eu tenho uma certa dificuldade em compreender a leitura do português, mas aí através do contexto dá pra eu perceber, porque existem algumas palavras novas que aí eu preciso pesquisar no dicionário e procurar o significado pra poder compreender".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Eu sinto que, que é normal né, eu sinto que falta ainda essa questão da acessibilidade. Por exemplo, a catalogação dos livros, né, dentro… em língua de sinais, se tivesse um DVD e aí seria tudo mais fácil. A gente percebe que falta isso porque é tudo em português e português é uma segunda língua pro Surdo. Então, eu tenho essa leitura, mas do português como uma L2 [segunda língua]".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   “Não, eu… é porque aqui, por exemplo, a biblioteca da UnB é muito grande aí eu procuro uma pessoa, né, eu anoto no papel, essa pessoa me ajuda e eu consigo buscar o livro que eu to procurando”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   “Não, essa questão da falta de comunicação não, porque eu escrevo aí ele responde, me ajuda”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   “É, o ideal seria que tivesse uma pessoa, um intérprete dentro da biblioteca, é… porque às vezes fica muito chato ter que ficar escrevendo no papel, é um serviço demorado, às vezes a pessoa já é de mais idade, né, já é idosa, aí precisa… requer um pouco mais de paciência, então o ideal seria ter um intérprete pra facilitar essa comunicação”.

ENTREVISTA 14 – MULHER

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "E14 e eu tenho 26 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Claro que eu gosto muito mais de língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Aqui na UnB é muito difícil [eu utilizar a biblioteca], só em outro lugares, outras bibliotecas sim, aqui na UnB não".
   [Intervenção: que biblioteca você utiliza?]
   "A biblioteca da Upis".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Eu uso só a biblioteca não, eu também uso a Internet, eu pergunto 'qual é essa informação?' pra outras pessoas, utilizo também jornais".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "É, existem algumas dificuldades, sim, às vezes eu leio e eu percebo que existem essas dificuldades, mas quanto mais eu leio mais eu consigo assimilar aquele conteúdo".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "Aí depende, depende".
   [Intervenção da intérprete: depende como?]
   "Depende se, por exemplo, eu vou pra biblioteca, eu leio sobre determinado assunto e aquele português escrito tá muito difícil aí eu até vou atrás, corro atrás daquela informação, mas se estiver muito difícil aí não tem como, mas eu me esforço pra conseguir compreender melhor".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   “É, às vezes eu percebo que eu tenho dificuldade, sim, porque a biblioteca tem muito essa questão da língua portuguesa, o Surdo lê aquilo e não compreende, porque o português às vezes tem expressões muito pesadas e fica complicado porque não existe essa adaptação própria, voltada pra língua de sinais. Se tivesse essa adequação voltada mais preocupada com o Surdo enquanto língua materna, com a língua de sinais seria mais fácil, porque é tudo muito focado no português”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   “Aqui na UnB não, já tive problema lá na Upis. Não é bem um problema, eles já sabem que eu sou Surda, então eles já me deixam mais à vontade, eu faço um pouco de mímia e aí a gente consegue, às vezes eu escrevo num papel e a gente consegue se comunicar”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   “Seria muito bom se a gente tivesse dentro da biblioteca uma pessoa que soubesse língua de sinais pra poder comunicar com o Surdo e ficar mais fácil. Se, por exemplo, eu não consigo localizar um determinado livro eu chamo essa pessoa, essa pessoa me mostra, mas tudo em língua de sinais. Seria importante que se tivesse um intérprete atuando dentro da biblioteca.

ENTREVISTA 15 – MULHER

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E15 e eu tenho 37 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Eu me sinto melhor me comunicando através da língua de sinais. Uso muito a Internet, eu tenho acesso a muitas informações, mas o que eu mais utilizo mesmo pra eu me comunicar é através da língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Não, nunca".
   [Intervenção: por que você não utiliza a biblioteca? Tem alguma dificuldade?]
   "Porque quando eu vejo a… quando eu entro na biblioteca eu percebo que não é bem… é, eu percebo que na biblioteca não tem acessibilidade, então ela não é muito focada pro Surdo. Aí, por isso eu procuro outros recursos, procuro informação na Internet, em função dessa falta de acessibilidade mesmo".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   [Essa pergunta não foi feita porque já foi respondida na questão 4].

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Eu cresci… eu perdi a audição e aí conseqüentemente as informações foram deixando… eu fui perdendo as informações, então depois que… que eu descobri essa questão do Letras-Libras…
   [Intervenção da intéprete: e o português, é difícil?]
   "Se o português for uma coisa bem simples, aí eu compreendo bem, eu compreendo melhor, mas aí se for um português bem aprofundado, aí é mais difícil a compreensão mesmo".

6. [Se “sim” na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   “É… porque eu vou à biblioteca, não tem um intérprete, não tendo intérprete… eu tenho vontade, tenho interesse, interesse eu tenho, mas o que falta mesmo é a presença do intérprete dentro da biblioteca”.

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   “É, eu não tenho o hábito de usar a biblioteca porque eu acho que as informações ainda faltam, elas são muito… não são voltadas para os Surdos, então não tenho o hábito de ir à biblioteca”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   “Sim, sim, já tive problema, é… eu fui com uma amiga Surda, a gente não conseguia se comunicar porque era muito difícil e a gente percebia que não existia comunicação ali, aí em função disso a gente deixou de ir mesmo”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   “A minha vontade agora é que haja essa troca, por exemplo, se tivesse um intérprete dentro da biblioteca aí teríamos essa dificuldade porque a pessoa saberia nos orientar em língua de sinais e o interesse, meu interesse pelo menos seria maior”.

ENTREVISTA 16 – MULHER

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E16 e eu tenho 25 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Prefiro a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Nunca, eu não tenho o hábito. Às vezes fora da UnB eu vou à biblioteca, mas aqui dentre da UnB nunca".
   [Intervenção: que biblioteca você utiliza?]
   "Eu moro em Uberlândia, eu não moro aqui em Brasília, então eu freqüento bibliotecas lá na cidade, na minha própria cidade".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Eu pesquiso muito na Internet, se for uma pesquisa mais profunda eu realmente pesquiso na Internet porque fica mais fácil e eu consigo desenvolver melhor através da informação na Internet".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Se o português for simples eu entendo. Agora, eu percebo que existem muitas palavras da língua portuguesa que eu ainda não conheço, então eu preciso de um treinamento mesmo pra eu assimilar".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   "É, eu preciso que… eu percebo que dentro da biblioteca eu não uso [a biblioteca] justamente por não ter o intérprete de língua de sinais, porque se tivesse o intérprete de língua de sinais dentro da biblioteca aí seria um trabalho melhor".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   "Depende, às vezes eu acho difícil porque existe a falta de comunicação".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   "Já tive, já tive problemas, é… eu já tive problemas com relação à falta de comunicação daí eu tive de chamar um amigo aí esse amigo ouvinte fez essa intermediação para que houvesse comunicação, porque sem o ouvinte eu não conseguiria".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   "É, por exemplo, se tivesse um recurso como um computador em que o foco fosse essa troca dessa descrição em língua de sinais seria mais fácil".

ENTREVISTA 17 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E17 e eu tenho 31 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Eu me sinto mais à vontade com a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Antes eu estudava muito, né, do 5º ao 9º ano eu usava mais a biblioteca, mas aí eu percebia que eu procurava e encontrava muita dificuldade, existiam muitos obstáculos com relação à comunicação entre as pessoas, mesmo dentro da biblioteca. Eu percebia que não existia essa adaptação e eu percebia que faltava essa questão da acessibilidade voltada pro Surdo em relação à comunicação mesmo e isso foi…eu fui perdendo [o uso], aí quando cheguei no Ensino Médio eu já vi que… eu percebi que era importante o uso da biblioteca, mas eu já não tinha mais o interesse porque sempre que eu precisava tinha essa falta de comunicação, essa falta de adequação, é sempre tudo muito voltado pro ouvinte e esquece-se do Surdo".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "É… agora com a tecnologia eu uso a Internet, mas às vezes eu vou à biblioteca pra estudar, eu tenho um pouco de interesse só que, por exemplo, a gente vai pra estudar geografia, pra estudar história, a gente percebe que falta essa questão da literatura Surda, análise do discurso [são disciplinas que ele tá vendo agora no curso (intervenção da Alliny)], eu percebo que falta isso dentro da biblioteca. [Alliny – ele não sabe como encontrar essas informações]".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Tenho um pouco de dificuldade, sim, por exemplo, se uma pessoa escreve em um papel, daí eu vou responder e às vezes eu percebo que não era aquilo que a pessoa tava me perguntando".

6. [Se “sim” na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na frequência com que você utiliza a biblioteca?
   “É eu parei de freqüentar bibliotecas justamente pela falta do intérprete mesmo. Se não tem um intérprete ou uma outra pessoa pra tá fazendo essa intervenção pra poder estar me auxiliando, me ajudando na procura de livros eu percebo que eu tô perdendo tempo e aí realmente eu paro, eu não vou, eu deixo de ir mesmo”.

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?
   “É, pra falar a verdade eu realmente… eu tenho muita dificuldade, eu não tenho o hábito de usar a biblioteca, não tenho interesse, quando eu preciso pesquisar eu vou… eu procuro outras fontes, eu procuro, por exemplo, a Internet, porque dentro da biblioteca eu percebo que não existe acessibilidade, então é… é preciso criar formas, adequar e adaptar pra que as bibliotecas sejam mais focadas e voltadas pro Surdo, porque não existe nada em língua de sinais e isso é ruim. Então, em função disso, eu evito, eu realmente não uso [a biblioteca]”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?
   “Eu já tive alguns problemas. Às vezes eu escrevo e a pessoa lê aquilo que eu escrevi no papel e a pessoa compreende normalmente e vai procurar, mas sempre através do português escrito. Agora, se a pessoa não sabe qual é o livro que eu tô pedindo aí chama outra pessoa, chama outra pessoa, chama outra pessoa, aí eu acabo desistindo e deixando pra lá”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?
   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].
   “Eu gostaria muito que tivesse essa adaptação, essa adequação dentro da biblioteca, por exemplo, através da presença do intérprete, que os livros fossem catalogados de forma diferente. Eu penso que no futuro os Surdos, crianças Surdas possam freqüentar, possam ir a bibliotecas, desde que tenha uma literatura Surda, tenha uma linguística voltada pro Surdo, que eles saibam onde encontrar aquilo, que realmente

precisa da acessibilidade dentro da biblioteca, a maioria não tem acesso a esse tipo de informação.

ENTREVISTA 18 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E18 e eu tenho 31 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Antigamente eu oralizava, né, eu sofri muita influência do oralismo e aí eu fui percebendo com o tempo que o oralismo não me ajudava tanto. Agora que eu descobri a língua de sinais eu percebo que dentro da língua de sinais eu consigo me desenvolver de forma melhor, inclusive no português".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Não, eu uso outras bibliotecas porque eu moro em Minas, então eu não freqüento a biblioteca aqui da UnB, não. Às vezes eu perce… a minha esposa já veio inclusive aqui na biblioteca da UnB, mas aqui eu nunca vim. Tem uma escola pública em Minas, que é onde eu preciso… quando eu preciso fazer uma pesquisa eu pesquiso e uso… faço os trabalhos na biblioteca lá em Minas mesmo".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Sempre que eu preciso, eu… sempre que eu precisava eu procurava essa escola pública lá em Minas, que sempre me deu esse suporte, se eu precisava fazer alguma pesquisa, algum trabalho aí eu ia a essa biblioteca, pegava os livros emprestados, pesquisava, eu sempre usando a Internet também, porque a Internet é importante, me ajuda muito pra realizar as atividades e os trabalhos".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Eu não tenho muita dificuldade, mas eu percebo que o português é claro, mas às vezes… às vezes existem algumas palavras que eu acho estranho, que eu não conheço, eu não sei o significado, aí eu procuro o significado no dicionário, consigo contextualizá-la e aí se torna mais fácil, mais clara".

6. [Se "sim" na questão 5]

Você acha que essa dificuldade influencia na freqüência com que você utiliza a biblioteca?

"Agora eu percebo que eu preciso, por conta do meu futuro, né, porque eu não sei com relação ao meu futuro se eu vou fazer uma especialização, um mestrado… eu sei que tem essa necessidade, a importância de usar, de fazer o uso da biblioteca, de pegar livros, de pesquisar e desenvolver".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   "Não, eu mesmo vou, eu mesmo entro, não tenho essa dificuldade, não. Às vezes eu vou direto na informação, eu escrevo num papel, alguém me auxilia, uma outra pessoa me ajuda, mas é fácil, eu não tenho essa dificuldade, não".

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   "No passado eu já tive, eu falava e a pessoa não entendia, daí eu pegava um papel, escrevia, às vezes tinha uma palavra difícil, eu perguntava 'onde que eu encontro esse livro?', 'onde que eu encontro essa informação?', aí a pessoa procurava, me entregava, eu agradecia, anotando no papel era mais fácil. Então, dificuldade… não, nunca tive muita dificuldade, não, normal".

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   "Bem, pra melhorar seria interessante a gente pensar na forma como os livros são distribuídos, a gente precisa saber como desenvolver, né, como ajudar o Surdo, por exemplo, se tem novidade, saber qual a área de interesse do Surdo. É… eu não percebo… pra mim eu não percebo que seria importante um intérprete, eu só acho que a forma como são organizados os livros, seria mais interessante nesse momento [Alliny: porque ele não tem essa dificuldade de encontrar, porque ele oraliza bem]. É, antes eu tinha muita influência do oralismo, oralizo bem, não tenho dificuldade maior, não".

ENTREVISTA 19 – HOMEM

1. Qual é o seu nome e sua idade?
   "Meu nome é E19 e eu tenho 44 anos".

2. Qual a sua forma de comunicação? Libras, leitura orofacial (língua portuguesa) e/ou escrita (língua portuguesa)?
   "Eu me sinto mais à vontade com a língua de sinais".

3. Você utiliza a Biblioteca Central da UnB ou outra? Qual?
   "Eu venho, eu utilizo a biblioteca da UnB, sim".

4. Onde você procura informação para seus estudos além da biblioteca?
   "Eu procuro dentro do próprio Letras-Libras, a gente tem um sistema que é chamado de AVA e aí eu procuro na Internet, através do uso da Internet fica mais fácil, fica mais claro a informação sobre aquele determinado assunto que eu to pesquisando".

5. Você tem dificuldades em compreender a língua portuguesa escrita?
   "Tenho muita dificuldade, mas eu percebo que eu tô treinando e às vezes eu pergunto uma determinada palavra, a pessoa me auxilia, me dá aquele conceito, mas eu reconheço que na verdade eu tenho, eu tenho muita dificuldade com o português porque não faz parte da minha cultura, né, é uma L2 [2ª língua] pra mim".

6. [Se "sim" na questão 5]
   Você acha que essa dificuldade influencia na freqüência com que você utiliza a biblioteca?
   "Eu penso que, se a pessoa se esforça, mesmo tendo dificuldade, ela é capaz, a gente tem que ser paciente porque é uma coisa que a gente precisa e através do esforço, através do esforço contínuo… é porque, por exemplo, é impossível não usar a biblioteca, eu sei que é uma necessidade que existe, eu preciso me esforçar pra poder conseguir aquela informação".

7. Você acha fácil usar a biblioteca que você freqüenta ou tem alguma dificuldade? Quais dificuldades?

   “Às vezes eu percebo que… às vezes eu percebo que antes, é… eu encontrava os livros com muita dificuldade, então, assim, depende de qual é o livro que eu to procurando, se for um livro, assim, complicado de se… de se encontrar, aí eu peço auxílio e a pessoa… aí uma pessoa me ajuda”.

8. Você já teve problemas para se comunicar com algum funcionário da biblioteca?

   “Não, problema não, poucos problemas”.

9. Você tem sugestões para melhorar o acesso à informação para os Surdos na biblioteca que você freqüenta?

   [Se não utiliza: sugestões para as bibliotecas no geral].

   “É, a minha sugestão é que seja tudo visual, porque se tudo fosse visual seria mais fácil porque a biblioteca é voltada pro ouvinte, então é tudo na forma escrita. Agora, se fosse na forma visual seria mais fácil e mais claro pro Surdo”.

ANEXO B – ENTREVISTA COM ANA REGINA CAMPELLO

Miguel Portela <miguelportela@bce.unb.br>

Acessibilidade para os surdos na biblioteca

3 mensagens

Miguel Portela <miguelportela@bce.unb.br> **8 de novembro de 2011 22:04**
Cco: anarcampello@gmail.com

Olá, Ana Regina! Meu nome é Miguel e sou estudante do curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília. Meu irmão e eu estamos fazendo nossa monografia sobre a acessibilidade na biblioteca para o usuário surdo. Se puder responder algumas breves perguntas será de grande ajuda, já que você é surda e bibliotecária. As perguntas são essas:

1. Quais dificuldades o surdo tem na biblioteca? Você tem alguma dificuldade para utilizar a biblioteca?
2. Nós percebemos que o surdo tem pouca visibilidade social e suas necessidades não são percebidas pela sociedade. Isso também acontece na biblioteca. Muitos pensam em acessibilidade para deficientes visuais, pessoas em cadeiras de rodas, mas se esquecem do surdo, porque a maioria das pessoas acha que o surdo não tem dificuldades para acessar uma informação, pois ele enxerga e pode ler normalmente. Sabemos que isso não é verdade e o surdo enfrenta tanto problemas no atendimento, pela falta de comunicação em Libras, quanto problemas com textos em língua portuguesa, pois alguns surdos não compreendem bem a língua portuguesa escrita, por falta de apoio educacional adequado. **Nós gostaríamos de saber se você tem alguma sugestão para melhorar o acesso à informação para o surdo na biblioteca. O que deve ser feito para que a biblioteca se torne um lugar acessível ao surdo?**

Se você tiver outras coisas a dizer sobre o assunto, sinta-se à vontade, toda opinião será útil!

Agradeço desde já pela atenção.

Atenciosamente,

Miguel Ângelo Bueno Portela.

Ana Regina Campello <anarcampello@gmail.com> **18 de novembro de 2011 22:01**

Para: Miguel Portela <miguelportela@bce.unb.br>

Oi Miguel,

Desculpe responder pois estive viajando como professora de ensino de Libras - Licenciatura - EAD nos três polos do estado de Santa Catarina e de Paraná.

Bom, vou respondendo as questões abaixo:

1) Quais dificuldades o surdo tem na biblioteca? Você tem alguma dificuldade para utilizar a biblioteca?

- A linguagem utilizada no sistema de consulta, empréstimo e de busca de infirmação.

Eu por ser bibliotecária, não tive dificuldade porque aprendi tudo na prática o que me facilitou muito no manuseio da confecção de ficha e de consulta nas referências. A formação me ajudou muito até hoje.

O problema é que os surdos que têm a língua portuguesa como segunda língua e não estão familiarizados com a linguagem da biblioteconomia e ainda mais os conceitos de consulta, períodicos, tese, e muitos outros.

2) **Nós gostaríamos de saber se você tem alguma sugestão para melhorar o acesso à informação para o surdo na biblioteca. O que deve ser feito para que a biblioteca se torne um lugar acessível ao surdo?**

- Que todos os funcionários, bibliotecários e outros utilizassem o uso da língua de sinais brasileira para dar informações e cooperar nas buscas dos livros e períodicos. E também oferecer a leitura / tradução da língua portuguesa para libras, assim como fazem os ledores para cegos. Existem ledores que lêem para cegos e desejamos que utilizassem os tradutores da leitura da língua portuguesa para libras e assim os surdos vão entender muito melhor nos conteúdos. Também criar um projeto para traduzir todos os livros da língua portuguesa em vídeos de libras, assim como aparece os exemplos da Editora Arara Azul (algumas literaturas são traduzidas em libras).

Espero ter ajudado e peço desculpas pela demora da resposta. Afinal, sou professora e sou muito requisitada pela falta de professores de libras no mercado.

Abraços sinalizados e desejo sucesso no seu trabalho.

Depois me diz como é que ficou, tá?

Profa. Ana Regina Campello

--
Ana Regina Campello
Professora de Língua de Sinais Brasileira